

GRANDE ENTREVISTA: ELLSBERG, O QUE ROUBOU OS DOCUMENTOS DO PENTAGONO

São Paulo, junho de 1974 – Número 5 – 5 cruzeiros



Cientista americano mostra em experiência: você pode ser um

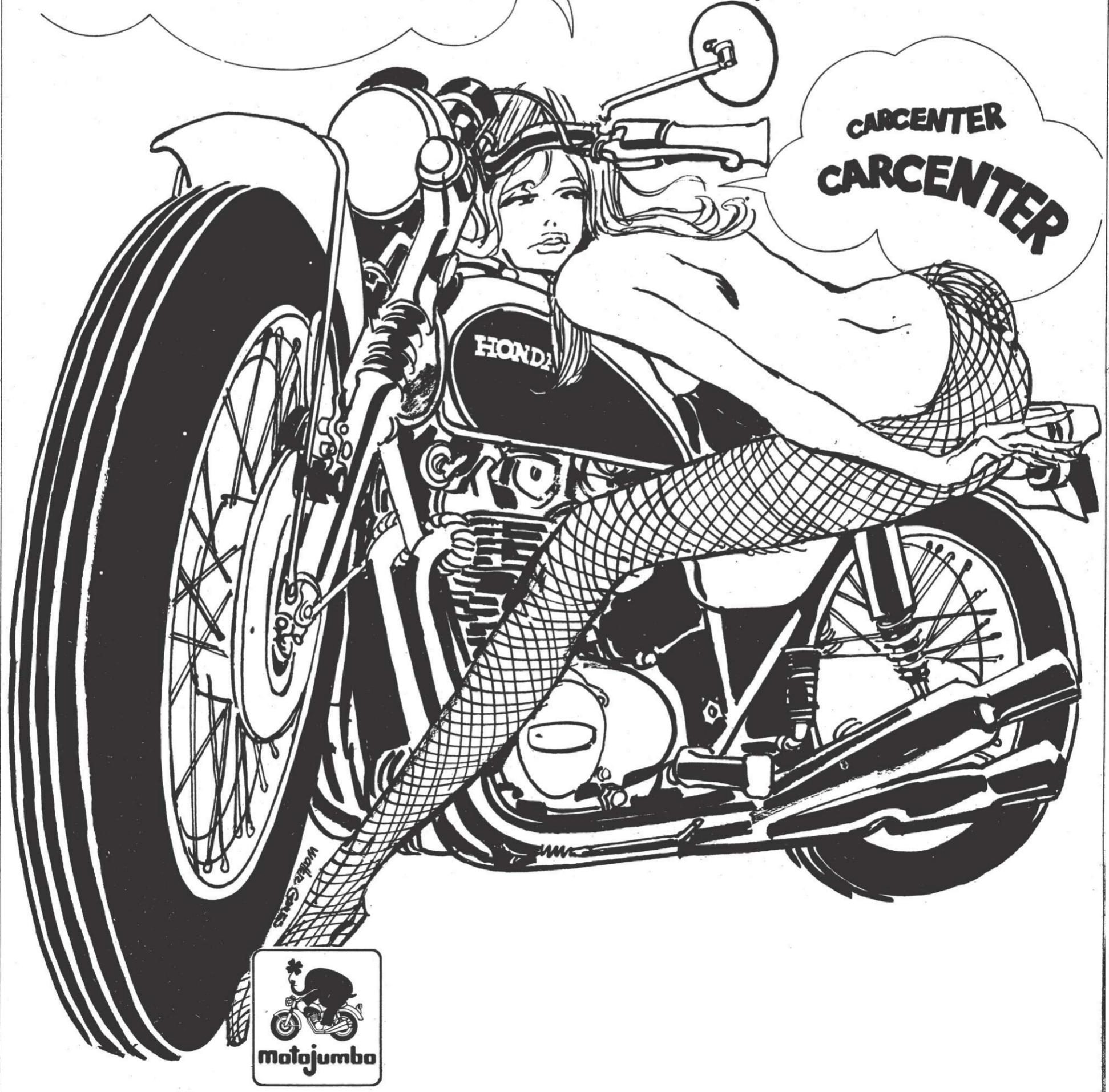
TORTU- RADOR



AHHH... **MOTOJUMBO**
 TEM HONDAS DE TODOS
 OS TAMANHOS..... HUMMM
 O CREDITO MAIS BARATO
 DO BRASIL..... MAIS, MAIS,
 ASSIM.... UMMM.
 MOTOJUMBO FICA NO JUMBO
 AEROPORTO E STO. ANDRE,
 É BOM. É BOM. AHHHHH...

**ROOOOMMM...
 ROOOOMMM...**
MOTOJUMBO!
MOTOJUMBO!
MOTOJUMBO!

**CARCENTER
 CARCENTER**





Editores: Narciso Kalili, Hamilton de Almeida Filho, Milton Severiano, Hamilton de Souza, Dácio Nitrini, Palmério Dória Vasconcelos, Armindo Machado, Antonio Mancini, Sumiko Ari-mori, Sergio Fujiwara, Delfin Fujiwara, Marcos Faerman, Fernando Morais, Roberto Freire, Luiz Carlos Guerrero.
Diretor responsável: Narciso Kalili

EX - é uma publicação da EX-Editora Limitada, rua Santo Antonio, 1043 - São Paulo. Nenhum direito reservado. EX - está assentado no cadastro da Divisão de Censura de Diversões Públicas do DPF, sob o nº 1.241-P.209/73.
Distribuidora: Lamana Ltda.

A reportagem principal desta edição é de Hamilton de Almeida Filho, um dos EX-editores. O trabalho dele não foi programado. Claro, sempre esteve em nossos planos fazer uma reportagem dentro da Casa de Detenção de São Paulo, ou de outra prisão qualquer. Só que isso não deveria acontecer agora. Nem do jeito que aconteceu.

Mas como o Haf já estava com a mão na massa - isto é, preso - e como está sempre trabalhando, vocês têm nesta edição do EX - a reportagem.

Ao virar a página, você vai conhecer este mundo. Se já não conhece.



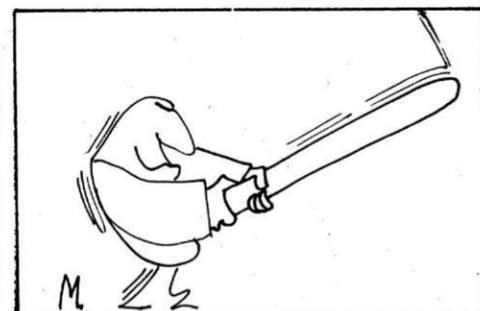
4 PRISÃO



11 ELLSBERG



22 3 MARIAS



26 TORTURA



30 GAIARSA

CARTAS

INTELIGÊNCIA

Sr. Diretor:

Foi com imenso prazer que folhei um exemplar do magnífico jornal que o senhor dirige. Pude notar, após rápido exame, que a sua redação soube honrar com galhardia a tradição mais pura do nosso jornalismo. Parabenizo, pois, pelo espírito criador, imaginação, ousadia de estilo e apresentação.

Por outro lado, quero crer que o senhor sabe que os dias hoje são pérfidos, sórdidos e até mesmo mórbidos. O nosso presente é atribulado e nossa existência e a nossa vida repletas de acrobacias, que visam a defender a nossa existência e o nosso trabalho. Paradoxalmente, EX - é o exemplo mais vivo da inteligência humana, da aliança insuperável do homem consigo mesmo, do homem com outros homens e do homem com a natureza.

Diante desse panorama, como conceber Francisco Petit, colunista do EX? Formulo novamente, para ficar mais simples e dramático: diga-me sinceramente, senhor diretor, porque chamaste Petit para dizer o dito, chistes e gracejos no seu jornal EX-celente?

João Antonio Maciel, Lapa-São Paulo.

Maciel, as páginas do EX - estão abertas para todos aqueles que considerarmos pessoas com alguma coisa a acrescentar. Foi o caso do Petit. E pode ser o de muitas outras pessoas que você admira ou detesta. Nestes tempos em que quase ninguém deixa falar, o EX - está fazendo tudo pra aumentar o número dos que deixam.

NOSTRADAMUS

Sr. Diretor:

Estou acabando de devorar o nº 3 de sua revista, justamente a edição de janeiro. Vou lhes contar: é a melhor publicação que já li, e gamei intensamente nela. É tão boa que posso jurar e dar uma de Nostradamus: vai durar pouco.

Quero saber de vocês uma coisa: ainda tem aí os primeiros números?

Se tem, me mandem pelo reembolso ou por qualquer outro meio (serve até pombo-correio), e continuem me mandando os números que forem aguentando tirar. Aqui ele não chega, por uma contingência de nosso subdesenvolvimento creio.

Anatole Ramos, Goiânia.

Pois é Anatole. Já estamos durando e parece que vamos aguentar por muito tempo. Portanto, prepare-se para arranjar alguém aqui de São Paulo que lhe mande a revista. Ainda não temos condições de fazer assinaturas ou mandar o EX - pelo reembolso postal.

... RITIBA DO MUNDO

Sr. Diretor.

Não sei nem por onde começar a argumentar, para convencê-lo e que o jornal EX - precisa chegar aqui.

Falo de Curitiba, segundo alguns o . . . ritiba do mundo (por favor, não me leve a mal, mas isso já está incorporado ao nosso folclore).

O que lhe peço, é que não acentue nossa condição. Que haja pelo menos frestas de luz para libertar-nos das trevas.

Gostaria que considerasse o aspecto social, além do cultural-informativo. Apelo também ao seu sentimento cristão. Não há de se negar o pão a bocas famintas. Aguardo, se possível, uma resposta pessoal, pois dependendo do acaso para ler o jornal de vocês. Estou interessada em possível assinatura, mas seria bom vê-lo nas bancas, ou nem que seja em uma livraria somente.

Rita Pavão, Curitiba.

Rita, apesar de não querermos tirar a boca de ninguém do nosso pão, e nem de acharmos que Curitiba seja tanto assim o . . . ritiba do mundo, a resposta que temos pra você é a mesma do Anatole aí em cima: por enquanto não dá pra mandar revistas aí para Curitiba nem fazer assinaturas. A solução é arranjar alguém aqui de São Paulo que lhe mande o jornal.



PRRI

s presos dentro do Teatro Oficina

80450

PRIESO

WAR

Um número. Um papel. Até a hora em que ouvir de novo aquele blém! do portão lá da frente, pelas costas, não posso deixar de ser esse número; de representar esse papel: preso.

... no jornal mural lá de casa, não me lembro mais em qual deles, eu havia escrito duas manchetes: "Estar preso hoje é uma mera formalidade". E: "Só se muda de atitude, quando se muda de realidade".

Sabem, lá em casa a parede está cheia de jornais desenhados; tem *O Estado de Espírito*; *O Estado do Povo*; *O Estado d'Alma*; mas o primeiro mesmo foi *O Estado da Gália*, homenagem a Asterix e seus amigos, os que resistiram. Depois de 13 anos de jornalismo profissional, 28 de vida, ao fazer na parede do armário da cozinha o *O Estado da Gália*, no inverno do ano passado, vendo o Estadão cheio de poesias e o *Jornal da Tarde* cheio de receitas, eu me sentia bem, ao dar em mancha: "O ridículo não tem limites. Estamos apenas no começo".

Blém! Um som pesado, sem acústica, nada de sino, mas ferro pesado batendo em ferro pesado, acompanhado do esforço de se mover sem óleo, sem qualquer leveza. Nada de sutileza, nem mesmo nas curvas ou nas freadas que o motorista dá. O sacolejo de subir na calçada, o barulho de primeiro portão, o acelerar fazendo vum-vum-vum na frente do outro, o segundo barulho, e aquela freada brusca, seca num chão molhado. Chegamos.

— Quem é Hamilton Almeida aí?

Um do lado do outro, segurando os bagulhos, mantas e saquinhos de roupas, cigarros, de frente para um holofote forte que mandava uma luz bem na cara da gente, desde lá de cima das muralhas — dava pra ver quem perguntava, porque o ser humano preso se acostuma rapidamente a tudo — pra sobreviver.

— Sou eu, sim senhor!
— O Percival teve aí hoje até as 8 horas, lhe esperando. Veio ontem também.
— Sim senhor, obrigado.

cabelo ficar tão grande, seja passando pela farmácia, porta ao lado, tirando a roupa na frente de um médico que nem olha pra você, a não ser com a curiosidade de ver um novato, responder, responder, responder, ser vacinado e ir para o fim do corredor, no mesmo andar, assim zonzos, sem saber por onde se está andando e dar com um monte de mesas, de datilógrafos, onde você vai responder um monte de perguntas: nome do pai, da mãe, do filho, da mulher, do irmão, do c... Vai dizer se tem marcas, cicatrizes, tatuagens, vai responder de novo o nome da mãe, do pai, da mulher, do filho, do irmão, o endereço, a profissão, o grau de instrução, enfim, vai ficar respondendo quantas vezes o cara que está na máquina trocar de papel. E, se você não sabe, vai ficar sabendo que aquilo é o seu prontuário, terá um número, a sua foto, e toda a sua vida dentro da Casa de Detenção, único documento, que jamais será inutilizado. Quando você sair, ele continuará aí e, se por acaso você voltar, ele será tirado do arquivo-morto e revivido. Enfim, você virou um número preso.

"O problema de um país subdesenvolvido é que a sociedade não tem fundo — o homem pode descer infinitamente."

Somos, aqui, 5.200 homens empurrados, descendo. Só há um regulamento, a desconfiança. Tem-se que ter pronta sempre uma resposta para uma pergunta que não foi feita; e um alibi para uma situação ainda não criada. Mas apesar de tudo o homem, o ser humano resiste. Sobrevivo aqui. Antes pensava — pelo começo vocês podem ver — fazer o que chamam de matéria, reportagem, satisfazer a curiosidade de quem aí fora nunca pensou sobre o lugar onde mandam seres humanos presos. Só que agora não tenho nada a contar, a curiosidade de quem está aí fora não merece o menor respeito meu. Eles sabem dos ghettos, dos campos de concentração, das favelas, da miséria. E daí?

... a realidade aqui fica a um palmo do nariz. Que vocês fiquem com Papillon, Soljhenitsin e o diabo. O brasileiro nasce de costas e morre de barriga para cima. O que se passa aqui fica

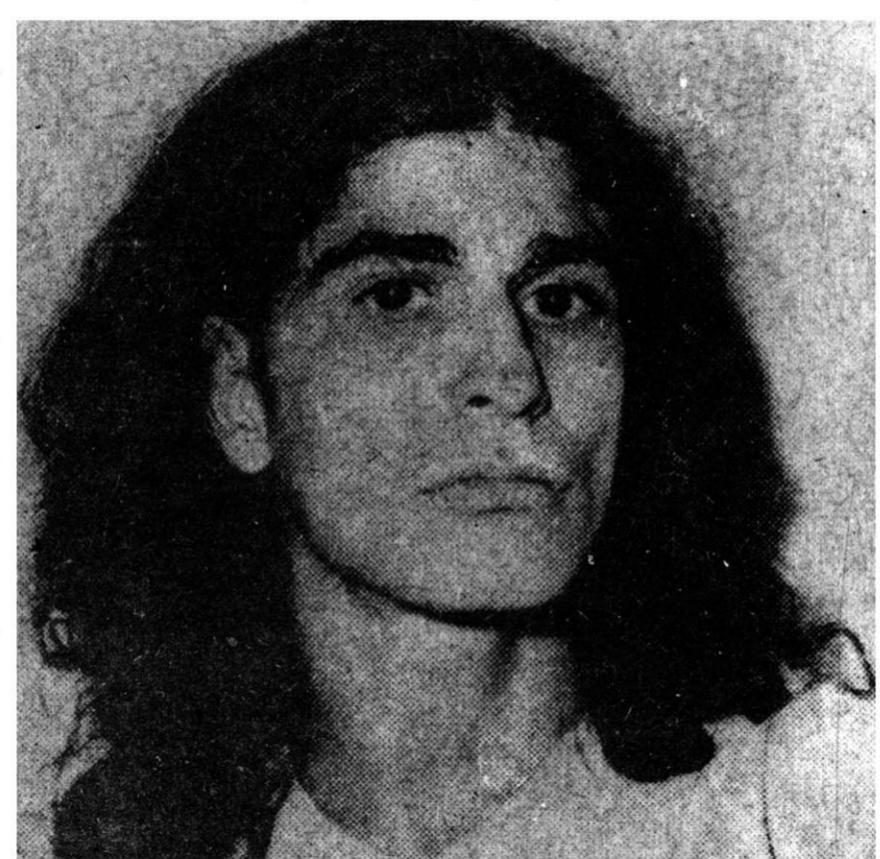
Dentro do carro fechado, daqueles preto-e-branco, Ford antigo mais parecendo uma lata velha toda solta, você não vê nada pelos buraquinhos. Ele é dividido em dois, no sentido da cabina para a traseira, de cada lado um banco de ferro, um pequeno espaço para colocar os pés, as pernas você que se vire; e a parede-divisão, também de metal, no seu nariz. Era de noite; fora fazia frio, mas dentro não havia ar. Na ponta, Márcia; eu, Polé, Marcos e Ednizio. Do outro lado, a gente sabia que iam mais dois, *ventanistas*; estavam no mesmo xadrez da gente na 4ª DP.

Os sacolejos, a dúvida, a incerteza, a vontade de ver lá fora, de tentar fazer o trajeto mentalmente, vendo as ruas, os caminhos, sem saber pra onde se está indo, o estar no ar mergulhando, no escuro. Chega um tempo em que você se perde nas dobradas à direita e à esquerda, desiste de acompanhar com a cabeça, e fica só com o mal-estar, a falta de ar. O carro parou duas vezes: no DEIC pra deixar os *ventanistas*, sujos, barbados, com a cabeça reventada, as roupas rasgadas; e no Hipódromo, pra deixar a Márcia. Ela e Polé já vinham desde a 4ª DP com as mãos

... depois de cinco dias dentro de um distrito, numa cela com 11 nos dias mais cheios e com 7 nos mais vazios, dormindo no chão puro, sendo acordado pela cotucada do sapato do carcereiro na sua costela, pra contagem, na troca do plantão, ser mandado para a Casa de Detenção, é uma coisa que você não sabe se é pior ou melhor. Dos dias passados no xadrez da 4ª, uma frase não me saiu mais da cabeça, dita pelo Mestiço, um rapaz da Bela Vista, de pé, noite a dentro, em meio a nós todos deitados, encolhidos:

"Vou abandonar o chiqueiro, porque já peguei nojo dos porcos!"

Fomos colocados para andar, um atrás do outro, pra dentro do prédio cinza. Éramos um bonde especial, já passava das dez da noite, nunca ninguém chega tão tarde aqui na Casa de Detenção. O horário normal do bonde dos novos presidiários é 17, 18 horas, mas eles vêm da Capturas, por onde nós não passamos. O Juiz Corregedor achou melhor nos livrar do chiqueiro do DEIC, onde só estivemos por dez minutos no dia de nossa prisão: uma jaula enorme, cheia de gente, onde os



dadas, por cima de mim. O que a gente sente só dá mesmo pra traduzir pela contração, no aperto da mão, da cara, dos ossos, do coração. Márcia ficou lá.

...fui preso num sábado, depois de ter ido levar uma amiga até a Rodoviária, e ter andado todo o centro de São Paulo — de lá até o Teatro Oficina, para procurar o Zé Celso, ver se tinha vindo do Rio, se famos terminar uma entrevista. Eu sempre gostei de andar a pé, sozinho, pelo centro de São Paulo, em dias assim, como sábado à tarde, domingo pela manhã, feriado. Há anos que ao chegar à São Luís, vê-la vazia, as lojas fechadas, tenho uma imensa alegria. Uma coisa interior, pessoal. Assim como uma certeza que se tem, sem se saber de onde vem. Como quando afirmo ao Zé Celso, durante a entrevista que fiz com ele para a revista *O Bordinho*, que no Brasil nenhuma experiência chegava ao fim.

Zé, vê se aprende, agora é proibido experimentar.

presos ficam por alguns dias aguardando remoção para cá, de short ou de cueca, só no cimento, normalmente molhado, seja de água ou de urina.

Atravessamos o pátio, interno, direto pra carceragem, onde se começa a repetir infinitamente as mesmas coisas, seja pro carcereiro, pro cara da rouparia, sala ao lado, onde se deixa toda a roupa, se ganha um roupão velho e esburacado, seja no banheiro, ao lado, onde se toma banho frio com um ou dois presos olhando, perguntando, "qual é a tua bronca?" — "Tava no Teatro Oficina"... — "Então vocês são artistas?"... — e já saindo pra dizer pros outros que os artistas chegaram, seja subindo para o primeiro andar, já vestido com uma calça azul enorme, de amarrar na cintura, uma camisa de malha azul, já sabendo que não pode ficar de bota ("aqui não pode, vou te arranjar um *bute*; bota, aqui, serve pra esconder maconha"), seja indo pra barbearia, que é no corredor mesmo, sentado num banquinho com os caras gozando a sua cara, perguntando quanto tempo levou pro teu

E, como primário, sem antecedentes criminais, você precisa se colocar rapidamente na condição de aprendiz, estender seu cobertor no chão da carceragem pra dormir a primeira noite, mesmo que você não esteja conseguindo posição, depois de ter apanhado 15 horas seguidas, dentro de uma salinha, ora de 4, ora de 5 caras, dos que te prenderam ou dos colegas deles, e suas costelas não aguentem mais nem o movimento de respiração do pulmão. Você apanhou até desmaiar já faz quatro ou cinco dias, mas não tem importância, isso foi lá na 4ª, sempre vai ter um preso pra te dizer que isso não é nada, que apanhou muito mais, foi pendurado no pau de arara, levou choque aqui, ali e lá. Mesmo sem achar que você mesmo não sofreu, você vai aprender a ficar quieto, a guardar essas coisas pra você, porque não lhe valem de nada. Um ser preso, esse o meu papel.

...um psiquiatra meu amigo, Edu Machado Gomes, que trabalhou 12 anos no Juqueri, me disse certa vez:

pra quando qualquer um de vocês cair nas mãos da polícia, da Justiça — essas coisas que inventaram e ajudam a engordar. Posso dizer que sou primário, como dois mil e tantos aqui. Só que cheguei tarde, fora de época, não passei por Juizado de Menores, RPMs ou Correccionais, nem nunca fui chamado de menino-bandido pelo *Jornal da Tarde* — quando tinha a idade desses meninos, eu era editor daquele jornal. Ironia.

... se querem mesmo saber o que é uma prisão, tranquem-se no banheiro de casa ou apartamento de vocês, com mais dez ou quinze pessoas, fiquem o tempo que aguentar, fazendo tudo: pensando, se mexendo, dormindo, acordando, comendo, bebendo, sonhando. Quando não aguentarem mais, pensem que aqui tem gente vivendo assim 24 horas por dia de muitos e muitos anos. O que aprendi aqui serve pra mim: experiência se vive, não se transmite. Mas de uma coisa eu tenho certeza: Oiticica, um dos poucos teóricos anarquistas brasi-



leiros da década de 30, tinha razão quando falava sobre advocacia: "É uma profissão parasitária". E o Brasil, todo mundo sabe, é terra de doutor. . .

Estou à disposição da Justiça, há 50 dias, sem saber se vou ficar, se vou sair. Na primeira vez que fui ao Fórum (a gente vai num caminhão chamado bonde, vamos em 100 ou 150, sem ar, sem lugar para por os pés, no sufoco), pensei: que poder tem este homem de me julgar? Depois, durante a audiência, ao ver que ele fica afundado num monte de papéis, que nem sabe o nome das pessoas, que pra ele o que importa é se o rito está sendo cumprido ou não, descobri que aquele pensamento era pura literatura "demodée" — pra qualquer juiz, o julgamento de um ser humano é mera burocracia, onde o que importa é meia dúzia de papéis e uma linguagem teatral, fora da compreensão da maioria. Isso é teatro.

O bom senso, na maioria das vezes, tem que perder seu conteúdo para ser introduzido no recinto. Salamaleques, diria Oswald de Andrade. O que se pode esperar de uma mulher de olhos vendados, com um peso em uma das mãos desequilibrando-a e uma es-

pada na outra? Ainda por cima numa sociedade patriarcal, onde a mulher não tem vez, a não ser na horizontal? . . . onde se está, este será o centro do universo: eu estou aqui, preso. Não me importa se já fui jornalista, até mesmo editor do EX-. Isso não é uma matéria, a matéria sou eu. Quando muito, isso fica sendo um bilhete, um alô, um exercício noturno entre a masturbação de uns e o ronco de outros, companheiros, irmãozinhos. Eu, mesmo quando ninguém mais procede assim, me respeito. Coisas aprendidas com minha avó, gente da antiga, filha de escrava. Mesmo preso, meu pensamento é livre e minha memória farta. Quem sabe a gente se encontra?

Só reconheço a existência de uma droga, um doping: o dinheiro. E só me julgo culpado pela co-autoria de um crime: a morte de Deus. O resto eu deixo pra ser resolvido pelas feras que virão, os seus, os meus filhos. E que tudo o que foi escrito se transforme na imensa salada das palavras não entendidas ou simplesmente numa forma de sair daqui, livre no pensamento, pra dizer aos amigos e aos inimigos, um ensinamento de minha avó: Cadeia não foi feita pra cachorro" Haf



Paulo Orlando Lafer Marcia Lancelotti



Edizio Ribeiro Lima Maria Lucia Correia L. Marcos Pereira de Souza

CARTA-CONTO

Mulher de detento que não vê o marido há 30 dias

"Essa hora que pode chegar alguma vez fora de toda hora, buraco na rede do tempo, essa maneira de estar entre, não por cima ou atrás, mas entre"

Júlio Cortázar (Prosa do Observatório)

"Eu acredito em destino. Não como uma fatalidade, mas como uma cópia interior que cada um tem que cumprir"

Nise da Silveira (Fundadora do Museu de Imagens do Inconsciente)

Meu amor, meu irmão, meu filho, meu amigo, meu pai, meu homem. Meu tudo isso, essas palavras todas, esses papéis todos: as palavras destruídas, os papéis interpretados — não vividos. É uma pena, menino. Ou é isso mesmo?

Estamos destruindo a nossa linguagem, assim como nós mesmos, ou estamos criando nossa linguagem, assim como nós mesmos? Estamos sempre fazendo as duas coisas. Os dois lados. Dois?

Um poeta de profissão chegou a dizer que o amor tá sempre sendo (é) o ridículo da vida. É ridículo ouvir isso.

Eu te amo. E agora? O que vem sendo feito com isso, as TVs, as vendas nos mercados. A p. . . já era ou ficou sendo. Não importa mesmo.

O que tá acontecendo quando recebo você, quando você entra em mim e eu saio pulando, cantando, falando o que você falava, escrevendo o que você escreveria, sendo o que você seria. Sem nunca deixar de ser quem sou. Sabe por que? No começo não entendia quando me arrepiava, tremia e acrescentava você a mim. Depois foi tranqüilo e calmo como é hoje meu amor, meu querer você. Percebia você chegando, e que

alegria meu pai. Fazia (faço) as coisas do teu jeito. Ai fico mesmo parecida com teu corpo, nos teus gestos, sem importar o que as pessoas tavam pensando, isso até faz parte, da coisa toda. Gosto disso.

Te conheci escrevendo, te lendo. Depois te vendo todo dia. Agora, quando recebo você, o que mais gosto de fazer é escrever, falar, dançar.

Por não levar a sério isso, não lhe mostrarei mais as coisas que você escreveu comigo. Não faço mais isso. Agora sou eu mesma quem tô escrevendo. Eu mais. Pra querer que você pense como vai ser sua vida sabendo que não penso em deixar você só, nunca, a não ser que isso seja bom para você, que você queira, pense que eu acredito que o amor existe, é bonito e eu sinto bem que te amo. Penso que eu quero que nosso filho vá procurar o teu, a tua pra dizer: eu sou seu irmão, venha brincar comigo.

Fique calmo sempre daqui pra frente, pros lados. Eu sou sua, o que você precisar porque quero. Hoje eu existo porque pensei em você, na sua vida, na sua pessoa. Eu vou falar tudo o que penso hoje da minha, da nossa vida, das grades. Das cercas. Olhando você, te pegando, ouvindo o silêncio. Calma-

8
mente, passando tudo a limpo, você é, tranquilamente, a pessoa que me faz continuar resistindo. Sem drama, sem nada. Simplesmente. Racionalmente.

Fique tranqüilo. Onde estou, estou te amando. Durmo cedo pensando em você. Leio, faço crochê. Não tenho vontade de andar. Espero você, sejam quantas luas forem. Não faça nada, não precisamos de nenhum dinheiro. Durma muito. Não temos pressa. No estado de fuga, calma é a manchete permanente.

Viage sem nada em cima, sem nada em lugar nenhum. Viaje sempre. Com velocidade bem baixa, diafragma bem aberto. Sem mistério: a máquina é você.

Liberdade, você sabe, você sabe, meu homem.

Aqui o pé na rua, nada mudou. Pra nada. Vai ver. Veja.

CABO VERDE

Letra e música de Cláudio Vieira

Olha, no Diário da Noite,
Notícias, na Manchete, mataram Francisco Mané
Mataram Francisco Mané.

Zilda, encontraram Cabo Verde
Cruzado de balas na Freguesia do Ó.
Vejo as crianças chorando, aonde está meu papai.
Não tem mãe, não tem casa,
Mais um bandido pra nascer.

Encontraram Cabo Verde, menino
Só vendo que tristeza, menino
O Zé Francisco morreu
O que se pode fazer, a vida continua
Boca calada não entra formiga (bis)
Fui saindo do local desbaratinando, e devagar...

Cláudio Vieira, há 10 anos
na Casa de Detenção.

ANÚNCIOS: PINTORES PAVILHÃO 2

Edinício: detido há um mês, acusado de porte de maconha. Um quadro: 15 pacotes de cigarros Kent. Figurinista, gráfico, pintor. Quadro: Mulher-Pássaro (a mulher como complemento da liberdade).

Reuler: Detido há um ano, acusado de porte de maconha. Um quadro: 15 pacotes de cigarros Kent. Um ano de temática: Crucificação, Retirantes, Santa-Ceia, Cangaceiro, Natureza-morta. A linha escura ritmada, salientando as partes indispensáveis à transmissão da idéia. Cangaceiro: mão, mosquetão, cinturão, balas, pé, sandália, chão, chapéu-olho, e estrelas - vermelho em tudo. Um conjunto desconjuntado. Lembra as composições do velho mestre francês, Léger.

Dema: Detido há três anos, acusado de roubo. Van Gogh o faz pintar mesmo na cadeia. Alusão à loucura, estado cabuloso após a condenação. Deixar cair no barato. Torre, tochas iluminam vales de mulheres arrebatadas: dedos nos seios, lanças nas costas. Mascaramentos. Botões florais de recém-nas-

cidos. Estradas intermináveis da cultura. Solidão, trancados em celas-telas subterrâneas. Organismos expostos, sangrando em cores surreais.

Azul: Detido há dois anos, condenado por assalto. Ligado a automobilismo. Começou a pintar na prisão: Cristos, palhaços, Sagrada-Família. Palhaço de cara borraça das cores de uma sociedade decadente. Cristo de cara lívida e roupagens vivas. Textura de cores em tempero sobre tela de lençol. Dedicou-se à pintura nas horas vagas da cozinha.

A ÚLTIMA DERROTA DE PELÉ

Crônica de EB

ATENÇÃO! Hoje, agora, no terceiro andar, cela nº 309, sensacional luta, sensacional combate, Rosemiro "Pelé" dos Santos, versus o Mundo...

Sim, Senhoras e Senhores, o Ex-Campeão Sul-Americano, o Ex-Campeão Brasileiro que tantas e tantas glórias havia dado ao pugilismo nacional, iria agora se defrontar com a sua própria torcida, com aqueles mesmos que outrora o haviam aplaudido e aclamado. A luta, antes mesmo de iniciar, já se havia definido. E "Pelé" seria fatalmente derrotado, coisa evidente aliás, pois seus adversários se somavam, não era um só, eram muitos, e muitos mais se reuniam aqueles que já o rodeavam.

Mesmo assim, a derrota iminente não o atemorizava. Via diante de si, não os homens que dentro em pouco o teriam derrotado, via diante de si apenas um amontoado de fãs que como outrora adentravam o "camarim" e, enquanto era massageado, diziam coisas bonitas, palavras de incentivo, torciam pela sua rápida vitória. Para Rosemiro, o Pelé do boxe brasileiro, a diminuta cela transformara-se em um imenso "ginásio"; seu catre frio, o "ring" e aqueles ho-

preparava para lutar contra ele, pois aos poucos todos iam se aproximando, cercando-o, encerrando-o em seu próprio "córner". Todos, todos, até mesmo os seus amigos. AMIGOS? Por que então investiam daquela maneira? Por que não calçavam luvas? Alguns armados de paus e enormes pedaços de borracha. Traziam até uma rede, como no tempo dos gladiadores. Para que a rede?

Rosemiro "Pelé" dos Santos não entendia, sua imaginação não podia alcançar o que seus olhos viam; seus reflexos outrora tão rápidos estavam desordenados. Por que aquela gente toda avançava em sua direção?

AGORA!, gritou alguém, e tal como um vendaval todos aqueles rostos se contraíram e num repente investiram. Rosemiro ainda ensaiou um "jab" de esquerda e um "huper" de direita que se perderam no vazio. Nem ao menos chegou a tocar em um só dos adversários e nem chegou a entender o porquê, pois mal a luta se iniciou, alguém, com muita habilidade, atirou sobre seu corpo aquela estranha rede e num instante o Pelé do boxe sentiu-se impotente, dominado naquelas grossas malhas.

Contorcia-se, e tanto mais se esforçava, mais se emaranhava nas malhas da rede, quando notou que um dos seus adversários, vestindo um avental branco, portan-

do uma seringa hipodérmica, se aproximava. Muitas mãos então o seguraram e "PELÉ" sentiu que havia sido atingido, não por um golpe de boxe, mas pela picada da agulha...

Suas forças começaram a abandoná-lo, o tablado treme, oscila, tudo ao seu redor parece girar, girar, girar...

Rosemiro começa a cair, cair, cair, sem nem mesmo entender como e por que estava sendo nocauteado, como perdera aquela batalha.

As pancadas de outrora haviam afetado o seu cérebro bom de quase criança. Os anos de cárcere, o abandono, se haviam somado à dor da saudade... ROSEMIRO "PELÉ" DOS SANTOS havia caído; caído no abismo da psicose. O ídolo de outrora, o ex-campeão passava a integrar agora o mundo daqueles que vivem em outras dimensões; que vivem nas brumas e nas trevas em que vivem, aqueles cuja mente se perdeu no abismo desconhecido.

Nenhum comentário, nenhuma crítica, nenhuma notícia, tudo é silêncio; é a derrota do campeão...

Foi então que alguém gritou: ATENÇÃO, SENHORAS E SENHORES, vai ser iniciado o sensacional combate - ali, no córner direito, Rosemiro "Pelé" dos Santos, no córner esquerdo - o Mundo.

Soa o gongo, "segundos" fora! O Juiz ergue os braços e, como diria o Fiori Gigliotti - "abrem-se as cortinas e começa o espetáculo".

Nun repente, porém, pareceu a Rosemiro que toda a platéia, todo o estádio se

EU - UM SENHOR NEURÓTICO

Preso. Bacana, né? É, sou preso porque sou ladrão de profissão e ambicioso por natureza. Atualmente estou cursando o vestibular de deliquenciologia na maior Faculdade da América Latina, e que é o orgulho desse enorme verde-amarelo. Já estou há quatro anos aqui e admito que é de grande proveito esse enclausuramento, pois já me especializei desde o suborno de funcionários até ao estouro de uma burra sem dor.

Como todos os burguezinhos, vocês devem saber o grande número de alunos aqui, não? Se não sabem, leiam o jornal de receitas alimentícias que ultimamente vem curtiendo essa chinfra. Somos 5 mil e tra-tá-lá (digo tra-lá-lá porque é impossível dar o número exato, pois todos os dias chegam 20 ou 30, mais ou menos). Esses velhinhos da Execuções não gostam de dar o diploma aos internos. Sabem como é né? Eles têm que ficar virando prontuários, vendo vida pregressa. Geralmente o aluno tem alguma arbitrariedade cometida nos 10 ou 12 anos aqui; isso, sabem como é, complica. E depois, pra quê mandar os meninos embora, se logo eles estão de volta? É melhor não fazer das tripas coração e passar as tardes nas salas refrigeradas com cafezinhos e minerais, esperando a compulsória: o útil e o agradável.

E agora com os preços - do Chivas, Royal Label, das camisas de seda, gravatas - altos como estão, deve ter diminuído a fila

disser o contrário, mente. Os nossos funcionários fazem todo o possível para nos enobrecer (apesar de às vezes eles quererem cantar nossas mães, irmãs que aqui vêm). Mas, tudo é lucro. Eu, de maneira particular, gosto muito dos funcionários: é só dar um ministrinho pra eles e tudo bem. Quanto ao mal psíquico que essa digna sociedade cristã está me fazendo, não tem importância, pra mim tudo é lucro, não tenho filhos, não tenho compromissos. Se morrer? Pra que viver a vida só desejando ter o melhor, não ser, não ter?

Desculpe, chapa, mas não sei bem se é egocentrismo, mas só sei falar de mim, de minha revolta, do meu nojo, da minha covardia, porque se eu desse vazão aos meus anseios já teria bebido o sangue de muito f... da p... , mas me vejo obrigado a por a mão pra trás e acatar as ignorâncias e sacanagens. Como vocês sabem, isso é uma cidade onde tudo é frio, é individual. Mas a vida está aí, logo serei gente novamente (digo gente porque já levei pela cara que não sou ninguém, sou preso). Mas breve sairei, voltarei, e dessa vez vai ser mais cruzeiro. Quero ter dinheiro para ter liberdade, comodidade, respeito. Não sei se isso me trará felicidade, mas eu prefiro a ordem e progresso do pobre, lutando como rato por um sortido do dia-a-dia. Posso estar errado, mas quem é certo?

de familiares dos alunos que vão lá a fim de presentear-los para que seus filhos ou maridos saiam mais rápido.

Mas, de maneira geral, aqui é muito bom, muito humano, muito movimentado. Quem

O Capelão diz que Deus perdoa, então quando eu estiver cruzando o cabo mesmo, peço perdão e tudo bem.

Meu nome? Eu sou preso, e preso é preso; só e mais nada.

CORRESPONDÊNCIA SENTIMENTAL

A David Laginhas, Av. Cruzeiro do Sul nº 2630 - Araraquara, 2-5-74

David

Tudo bom? Espero que sim.

Eu vou indo bem, levando a vida de sempre; só que agora um pouco mais movimentada, devido às dezenas de cartas que tenho recebido. David, confesso a você que dentre as várias cartas que recebi, a sua foi aquela que mais me impressionou.

Você me pergunta qual é o meu objetivo, da correspondência e eu lhe respondo. Fiquei 17 anos num convento apesar de nunca gostar; depois desse tempo consegui sair, minha família mora em Santa Catarina, e eu fiquei só aqui. Tenho poucos amigos sou bastante solitária.

O meu signo é aquário, quase não passeio. Gosto de praia, de campo. A minha

flor preferida é rosa vermelha.

As músicas que gosto são as populares brasileiras. Sei dirigir automóvel, porque no convento eu que levava as irmãs viajar.

Quanto à definição da palavra amor, eu vou lhe dizer que amor é compreensão, é alegria, é flor de afeto na conquista, é beijo roubado com mente pura, é viver a dinâmica da vida sem estabelecer datas, minutos ou instantes.

Gostei dos seus dados, da sua idade e quanto ao fato de você ser desquitado não tem importância. Em outra oportunidade conversaremos o assunto.

Despeço-me enviando-lhe um grande abraço.

Dora Werner - Av. Bandeirantes 389 - Araraquara.



Ilustração do autor

A MORTE DE UMA ABELHA

Certo dia, na cela que habitava no presídio de Presidente Wenceslau, encontrava-me à janela, absorto na contemplação da paisagem que se visualizava ao longe. Localizada no andar de cima, e nos lados em que o prédio tem suas janelas voltadas lá pras bandas da cidade, a cela proporcionava uma visão parcial do mundo livre. Estávamos em pleno verão.

Com uma intensidade incrível; é sol e calor hoje, sol e calor amanhã, sol e calor depois de amanhã, e assim sucessivamente. A gente sentir as características meteorológicas da Primavera, do verão, do outono e do inverno! E tudo num único dia às vezes! Era cêrca de meio-dia. Uma canícula terrível, sufocante, fazia transpirar até as paredes da cela, convertendo-a num forno angustiante. Além das muralhas, a paisagem estava sob uma ofuscante luz amarela. O Sol, uma bola incandescente suspensa num espaço de um azul cobalto reverberante, sem nuvens, incidia seus raios numa vertical de fogo enlouquecedora. No meio deste braseiro

de, se pôs a arrastar-se, exausta e trôpega, pelo parapeito da janela, agitando freneticamente as azinhas, numa desesperada tentativa de alçar vôo. Logrou alcançá-lo, após muito insistir neste objetivo, para em seguida voltar a cair, desta vez para sempre: Estava morta. Tal incidente, tão insignificante — uma abelha que morre — deixou-me deveras chocada, por culpa de uma sensibilidade mórbida, talvez, mas o fato é que vislumbrei, na tentativa desesperada daquela abelhinha para alçar vôo, o próprio destino do homem que cai, se debate, se arrasta, cansado, ferido, mas mesmo assim não abandona o ideal que se propôs a si próprio, e se esforça, e luta para novamente alçar o perdido e almejado vôo, morrendo até nesta tentativa, se necessário for, mas sem nunca abandoná-lo. Sou pintor, não sou poeta, nem entendo de fazer versos, tão pouco sou escritor, mas como na ocasião andava fazendo exaustivos exercícios de prosa, e lendo um pouco de poesia, extravazei tal estado de espírito no seguinte "poema".

infernal, um lavrador sulcava a terra, manejando um arado manual, puxado por um cavalo branco. Eu distinguia ainda uma casinha branca, com telhado vermelho, reverberante ao Sol; um grande coqueiro de um verde cinzento, que se destacava no cenário da paisagem; duas árvores secas, e um ipê amarelo, eclodindo numa exuberante floração do estio.

O que eu via, sugeria-me ora uma ensolarada tela impressionista de Sisley, ora uma torturada e vibrante tela expressionista da fase arlesiana do grande cultor solar, o alucinado e genial Van Gogh. . .

Subitamente, um pontinho preto, rasgando o espaço, projeta-se na minha direção, choca-se contra uma das grades da janela, e cai no parapeito, provocando um quase imperceptível baque. Absorvido que estava na contemplação da paisagem, isso provocou-me um pequeno susto, despertando-me do devaneio no qual estava imerso. Curioso, firmei a vista no minúsculo bólido, e vi que o mesmo era uma abelhinha, preta e peluda, que após segundos de completa imobilida-

Minúscula e peluda abelha
Janela da minha cela adentra
No parapeito interno cai
Sem um grito, sem um ai!

Estaria morta?
Ou então ferida?
Ou trágica ferroadada
Dera-lhe morta
Desgraçada?

Não! eis que se levanta!
Planta-se nas patas
Um vôo ensaia!

Agita-se febril,
Impulsionada por esforços mil,
O vôo alcança
Como uma última esperança!

Mas, tragédia: caiu!
Sem um grito, sem um ai, partiu!

Pobre abelhinha desditosa,
Sua sorte foi lamentosa
Seu destino me contristou
E em dor profunda me lançou. . .

Dema — Casa de Detenção



CANTINA DO
PASQUALE
massas frescas — comida caseira
Rua Martinho Prado 187

TRATTORIA ITÁLIA

Massas, cabritos, coelhos,
risotos, filés, frangos,
ambiente italianíssimo.

TRATTORIA ITÁLIA
a única

Rua Turiaçu, 792
Perdizes I 62-1228

Armazen Novo
de João Ruivo & filho
os melhores
secos e molhados do Canindé.
Rua Afonso Arinos nº 91

LIVRARIA AUGUSTA LTDA.
DISCOS
LIVROS
REVISTAS
PAPELARIA
Matriz: Rua Augusta, 1403 - SP
Filial: Domingos Monães, 371 tel 71.0890

PONCHO EL PONCHO EL PONCHO
casa de lanches - cervejaria
RUA AUGUSTA nº 169
esquina da Caio Prado.

Sensacionais revelações de Francisco Petit da DPZ, a respeito de Paulo Gorodetchi: o dono da livraria Bux.



Considero Paulo Gorodetchi o maior livreiro do Brasil. Responsável pela evolução da propaganda brasileira e divulgador incansável da cultura em nosso país.

Por isso, sou fiel a ele.

Só compro livros na sua livraria, ou trazidos por ele. E ainda digo mais: acho o Paulo tão bom, que ele nem precisa ser tão puxa-saco.

Bux

Especializada em livros e revistas nacionais e estrangeiros
Av. Faria Lima, 1.508 - Tel.: 32-3653 (escr./recados).

**Apostamos que dentro
de alguns meses o
seu herói predileto
será um dos
super-professores das
Faculdades Objetivo.**

Já estão abertas as inscrições para o vestibular dos cursos de Psicologia Clínica e Experimental, Comunicação, Letras e Pedagogia.

Para os cursos de Comunicação, Letras e Pedagogia, as provas serão de Português, Inglês ou Francês, História e Geografia.

Para os cursos de Psicologia as provas serão de Português, Inglês ou Francês,

História, Geografia e Conhecimentos Gerais de Ciências e Matemática.

Guias de estudo com programa e roteiro das matérias estão à disposição dos candidatos.

Venha conhecer seus novos super-heróis e suas incríveis máquinas de ensinar.

Há 200 vagas para cada curso, nos períodos da tarde e da noite.

FACULDADES OBJETIVO

Aprovadas pelo C.F.E (parecer n.º 63/72)
e autorizadas pelo decreto n.º 70.324.

Informações e inscrições
das 9 às 21 horas, na
av. Paulista, 900, 3.º andar.

TOP SECRET



Daniel Ellsberg, que chegou a ser Subsecretário-Auxiliar da Defesa, dos Estados Unidos, talvez tenha sido o primeiro alto funcionário público que deixou o governo americano para, com documentos *Top Secret*. — Os Documentos do Pentágono- revelar suas operações rigorosamente secretas. Como convém a um homem que arriscou a reputação para combater o governo de seu país, ele é presunçoso, egocêntrico e está totalmente convencido de que agiu corretamente.

A entrevista que publicamos foi

dirigida para a compreensão de sua vida intelectual; suas experiências nos processos secretos de decisão, dentro do Departamento de Defesa dos Estados Unidos; e para a compreensão dos motivos e métodos que orientam o fechado círculo de decisões do governo americano.

O pensamento de Daniel Ellsberg pode ser definido por um conceito democrático básico:

“Um homem, a ação de um só homem pode fazer a diferença”.

P — Qual era sua relação com Henry Kissinger?

R — Ele estava no Centro de Assuntos Internacionais de Harvard, e em 1959 dei dois seminários para seu grupo, sobre estratégia e política. Com o passar dos anos, eu o via de vez em quando, em conferências da Rand (companhia que faz estudos sigilosos para o governo americano e para a qual Ellsberg trabalhou mais de dez anos).

Eu tinha uma atitude muito negativa em relação a Kissinger porque ele estava defendendo a idéia da guerra nuclear limitada, como um substitutivo não só da guerra total, mas também da ausência de guerra nuclear. Ele achava que, se nós renunciássemos à possibilidade de usar armas nucleares, o mundo seria tomado por nações mais fortes; e que, se limitássemos nossas opções às ameaças de guerras nuclear total, a perspectiva seria tão horrenda que ficaríamos paralisados e incapazes de usar as armas nucleares. Ele achava que a estratégia correta seria escalar e, conforme o caso, ameaçar com a utilização de pequenas armas nucleares táticas, do tamanho da bomba de Hiroxima e até dez vezes maiores.

Kissinger não tem qualquer originalidade como intelecto. Li todos os seus escritos que estavam dentro do campo em que eu trabalhava, e achei extremamente sem originalidade. Eram exposições bem escritas das idéias de outras pessoas e muitas vezes continham análises críticas. Ele mudava as fontes de livro para livro, e a qualidade do pensamento refletia com muita proximidade a qualidade de suas fontes.

Seu primeiro livro foi admirado por Nixon. O presidente lhe deu grande publicidade ao aparecer em uma fotografia, na primeira página do New York Times, carregando-o debaixo do braço, enquanto se dirigia para uma reunião do Conselho de Segurança Nacional. Era o livro sobre a guerra nuclear limitada.

As fontes nunca eram diretamente reconhecíveis. E ele tinha um truque para se cobrir, que consistia em incluir as pessoas em sua bibliografia, mas de forma totalmente enganadora. Ele incluía referências a obras secundárias dessas pessoas. Mas não fazia qualquer menção às obras que imitava. Ele queria ser considerado não só um intelecto capaz — o que ele é como expositor e crítico, e por si só já bastaria para uma carreira acadêmica — mas também como uma pessoa original, uma pessoa criativa. A solução para este problema deve tê-lo colocado sob tensão durante anos.

P — Não seria essa também a origem da tensão de Nixon?

R — Tenho um sentimento forte de que Nixon e Kissinger são personalidades muito semelhantes. E sinto, com base nisso, uma grande afinidade e atração entre eles. Cada um dos dois pode ser o melhor amigo do outro, ao menos na hora de fazer negócios. Kissinger — é seguramente Nixon também — tem uma crença ideológica muito forte na eficácia e legitimidade da ameaça de violência, como instrumento de poder e como meio para estabelecer a ordem no mundo.

Pode-se supor — e eu não sou psiquiatra nem produtor de perfis oficiais — que Nixon e Kissinger são pessoas com desejos muito fortes não só

de ameaçar, mas de infligir violência. Kissinger não pode ser um rebelde, ele não poderia se conceber tomando parte numa violência dirigida contra a autoridade; mas, com toda certeza, ele quer muito tomar parte na violência. Não se discute que ele gosta de fazer ameaças. Eu suspeitaria fortemente que ele quer que algumas de suas ameaças sejam desafiadas, para que tenham de ser cumpridas.

P — Como você definiria Kissinger e Nixon?

R — Estamos falando de pessoas que jogam 4 milhões de toneladas de bombas sobre a Indochina. É difícil encontrar palavras para definir as pessoas que tomaram estas decisões; e justamente nos anos de 1969 a 1972. Eles não estavam enfrentando Joseph Stalin ou Adolf Hitler, nem agiram baseados em qualquer equívoco de que Ho Chi Minh pudesse ter se enfraquecido. Eles tomaram essas decisões depois que Lyndon Johnson e Robert MacNamara lançaram dois milhões de toneladas,

P — Quando você entrou em contato com Kissinger depois da Rand?

R — Ele foi para o Vietnã em 1966, como consultor de Henry Cabot Lodge. Fiquei muito impressionado, porque aceitou meu conselho, de evitar comunicados oficiais, ou conversas com qualquer pessoa na frente de seu chefe; em vez disso, que procurasse pessoas que tivessem rodado, que conhecessem muito sobre o Vietnã; que falasse com elas em particular. E que conversar com os vietnamitas o máximo possível. Mac Namara nunca fez isso, sempre conversava com os conselheiros distritais na presença do general encarregado; e nunca pareceu perceber o quanto estava sendo enganado.

Kissinger viu as pessoas que sugeri. Ele é um entrevistador talentoso; toma nota, ouve cuidadosamente e apreende muito bem. Com duas visitas curtas *apreendeu* uma quantidade fora do comum de informações. Era promissor.

“Nixon usa a violência como ameaça; e gosta quando alguém o desafia”

fracassaram, e foram postos para fora de seus cargos. Eles lançaram 4 milhões de toneladas de bombas depois de 1969, apesar de terem sido eleitos por pessoas que em sua maioria esperavam que eles terminassem a guerra . . .

A história que ainda não foi contada — e que talvez seja agora — é como Nixon conseguiu montar e levar até o fim, durante anos, o maciço embuste de que estava trabalhando para terminar a guerra sem vitória, e de que tinha toda intenção de terminá-la o mais cedo possível.

Foi uma fraude maravilhosamente montada. De fato, isto me levou a ter, do ponto de vista técnico, um grande respeito pelo planejador do embuste. Fizeram um trabalho quase milagroso, vendendo para o povo norte-americano a continuação da guerra de 1969 a 1973. E ainda além.

P — E Henry Kissinger?

R — Era uma peça importante dessa campanha de vendas.

bre Nixon, como aquela sua famosa declaração na Convenção Republicana de 1968 — “Richard Nixon não tem condições para ser presidente”.

P — E poucos meses mais tarde ele foi nomeado conselheiro para política externa do presidente eleito . . .

R — Ele foi nomeado Assessor Especial para Assuntos de Segurança Nacional e pediu um estudo sobre nossas possibilidades de opção no Vietnã, que estivesse pronto para a primeira reunião do Conselho. O presidente da Rand, Harry Rowen, sugeriu-me para o trabalho.

P — Você falou pessoalmente com ele antes de começar o estudo?

R — Não. Trabalhei várias semanas elaborando o documento sobre as opções (Memorando nº 1 da Segurança Nacional) e fui para seu escritório, um conjunto de apartamentos que eles ocupavam, com máquinas Xerox e de escrever, no Hotel Pierre, no dia de Natal de 1968. Passamos dois dias em cima do Memorando.

Estive com ele em duas conferências em 1967, e ele manifestava então uma opinião muito à frente de qualquer figura política de proa sobre esse ponto; ou seja, que nosso único objetivo no Vietnã seria assegurar que houvesse o que ele chamava de *intervalo decente*, antes que os comunistas tomassem o poder, para que não fôssemos humilhados internamente ou no plano internacional com um fracasso nu e cru.

McCarthy e Robert Kennedy ainda falavam de uma solução negociada com — na melhor das hipóteses — um governo de coalizão. Não desejavam falar sobre uma retirada unilateral ou a aceitação de uma tomada do poder pelos comunistas, em qualquer época que fosse. Mais *pombos* que Kissinger eram apenas pessoas como Abbie Hoffman ou Dave Dellinger, que pediam uma retirada imediata.

Finalmente, é lógico, ele manifestava desprezo total e aberto por Richard Nixon. Trabalhava para Rockefeller e gostava de dizer coisas so-

Sugeri que ele colocasse um monte de questões, para que pudesse perceber onde estavam as contradições. Eu elaborei essas questões com ele. Queria que ele visse quanto debate havia.

P — Você se sentiu gostando dele?

R — Ele costuma ser simplesmente agradável e tem hábito de elogiar a gente na frente dos colegas. Logo depois das eleições, ele fez várias conferências na Rand, e em dado momento disse ao grupo, na minha presença: “Aprendi mais de Daniel Ellsberg sobre o Vietnã do que com qualquer outra pessoa”.

P — Então ele é bajulador?

R — É, digamos, um belo hábito que, no entanto, é prejudicado por outros traços. Eu acreditava que Kissinger estava bem convencido das perspectivas realistas e pessimistas do Vietnã e que seria um bom conselheiro para Nixon. Entretanto houve um sinal de mau agouro ao qual não prestei muita atenção naquela época: ele disse que a escalada da guerra não tinha sido sufi-

cientemente comentada em nossa discussão das opções.

Aproveitei a ocasião, para *inoculá-lo* contra os efeitos da informação secreta que começava a receber. Muitas vezes tinha pensado na chance de advertir alguém novo no governo, e transmitir-lhe uma das lições que aprendi. Duvido que ele se lembre do que lhe disse:

“Henry, há uma coisa que gostaria de dizer-lhe, porque uma pessoa que está pegando um cargo como esse precisa saber. Há muito tempo você tem sido um consultor e tem trabalhado com uma grande quantidade de informações *Top Secret*. Mas você está em vias de ter acesso a muitas outras categorias de documentos, mais altas que o *Top Secret*. Eu tive isso também, e conheci também outras pessoas que tiveram. Em primeiro lugar, você vai se sentir um bobo por ter estudado, escrito e conversado sobre esses assuntos — por ter discutido decisões tomadas pelos presidentes — durante anos, sem ter sabido da existência de toda essa informação interna. Você ficará



bobo de ter roçado os ombros durante uma década com funcionários que tinham acesso a toda essa informação, e você não sabia que eles tinham.

“Você se sentirá como um bobo, e isso vai durar umas duas semanas. Então, depois de se acostumar a usar essas verdadeiras bibliotecas de informações escondidas, guardadas com rigor muito maior do que os meros dados *Top Secret*, você se esquecerá de que houve tempo em que você não tinha isso, e ficará consciente apenas de que você tem agora, e os outros não . . . e que todas essas outras pessoas são bobas.

“Depois de um período mais longo, você poderá descobrir as limitações dessa informação: há muita coisa que ela não dirá a você; muitas vezes ela é imprecisa e poderá levá-lo ao erro, tanto quanto pode errar o *New York Times*. Mas isso demora um bocadinho . . .

“Nesse meio tempo, vai ser muito difícil aprender de quem não tenha acesso a essas informações, porque você estará pensando consigo mesmo, enquanto escuta as pessoas: O que que

esse homem me diria se soubesse o que eu sei? Ele me daria esse mesmo conselho? ou mudaria totalmente suas recomendações? E esse exercício mental é tão torturante, que depois de certo tempo você renunciará a ele e simplesmente parará de ouvir. Eu já vi isso com meus superiores, meus colegas e comigo mesmo.

“Uma vez que vai precisar mentir cuidadosamente sobre o que sabe, você vai tratar as pessoas do ponto de vista daquilo que você quer que elas creiam, e da impressão que você quer que elas levem. Enfim, você vai manipulá-las. Você renunciará a qualquer tentativa de entender o que elas dizem, e o perigo é que você acabe virando um retardado mental. Você se tornará incapaz de aprender da maioria das pessoas, não importando quanta experiência ou conhecimento elas tenham em sua área particular, ou o quanto elas são maiores do que você”.

Ele me agradeceu e disse que era interessante meu conselho. Foi difícil para ele compreender totalmente, porque ainda não tinha acesso a essas informações e o efeito delas é realmente espetacular sobre você: aprender a respeito das operações que o presidente pode executar por sua vontade e que você não imaginava que fossem permitidas a qualquer ser humano.

Disse a Henry que considerava essa informação secreta como a poção que Circe dava aos viajantes que apareciam em sua ilha, e que transformava os homens em porcos.

P — Qual foi o destino do seu estudo?

R — O Memorando nº 1 da Segurança Nacional passou por mais uma redação, a pedido de Kissinger; a única opção que previa a retirada unilateral foi riscada; e todas as outras alternativas tinham a característica de nos manter no Vietnã. Nesse meio tempo, eu trabalhava no conjunto de perguntas e respostas sobre o Vietnã.

As respostas, cerca de mil páginas, mostravam a profundidade dos desacordos e a possibilidade de parar a infiltração minando o porto de Haiphong e bombardeando o Norte. Elas vinham de departamentos como a CIA, o setor de investigações do Departamento de Estado, e dos civis do Departamento de Defesa, que normalmente não seriam chamados a exprimir diretamente suas opiniões sobre o assunto para o presidente. Através desse processo de relatórios paralelos, assegurei, ao novo presidente cálculos mais realistas do que qualquer outro presidente já tinha obtido sobre tais assuntos.

Eles mostravam claramente, apesar de alguns desacordos, que o exército vietnamita *nunca* seria capaz de resistir ao assalto norte-vietnamita sem bordadeio e tropas terrestres dos Estados Unidos. Foi dito muito claramente a Nixon, pela maioria das respostas, exceto naturalmente pelos da Força Aérea, que o bombardeio do Laos não estava tendo qualquer efeito. Agora nós sabemos que, naquele mês, as questões já estavam encerradas. Em março de 1969, começou o bombardeio secreto do Camboja.

Deixei Washington com esse sentimento de consultor satisfeito por ter feito tudo o que podia levar uma informação realista ao novo presidente e a

Henry Kissinger; e com uma grande esperança de que eles nos tirariam daquela situação.

Quando deixei a Casa Branca, fiz uma série de recomendações para novos estudos. Um deles era uma pesquisa urgente sobre os efeitos de nossas operações de artilharia e bombardeio sobre o povo vietnamita, com atenção especial para a possibilidade de reduzir drasticamente essas operações ou suspendê-las totalmente. Outro era sobre a correção de nossas informações a respeito de vítimas civis. Mas ninguém tentou jamais estudar estas questões.

Kissinger mandou-me uma resposta, dizendo que as sugestões eram muito úteis, mas que já tínhamos colocado questões em quantidade suficiente. E todas as sugestões foram deixadas de lado.

Encontrei-me com Halperin (colega de Ellsberg na Rand) em junho de 1969, pouco depois do discurso mais conciliatório de Nixon sobre a guerra, e ele me disse: “Pela primeira vez estou contente com a política dos Estados Unidos no Vietnã”. Embora Nixon não tivesse se comprometido com uma retirada total, Halperin estava muito confiante em que até o fim do ano ele já teria aceito a idéia.

Mas em junho de 1969, os russos reconheceram o Governo Revolucionário Provisório, deixando claro que não cooperariam com os Estados Unidos para pressionar o Norte a negociar uma retirada mútua. Foi então que Kissinger começou suas conversações secretas com Hanoi, renunciando mais ou menos à colaboração dos russos.

No livro *Catch the Falling Flag*, Richard Whalen descreve as conversas que teve no fim de 67 com Nixon — Whalen era o redator principal dos discursos presidenciais sobre o Vietnã —, quando ele propôs a Nixon que ameaçasse colocar minas em Haiphong. Isto, supostamente, levaria os russos a uma crise como a dos mísseis em Cuba, e os encorajaria a pressionar Hanoi para aceitar um acordo. Nixon comprou a idéia, mas ela fracassou. Mesmo assim, Nixon e Kissinger não acreditaram e continuaram com a mesma estratégia.

Chamei Halperin no fim de junho de 1969 com uma questão que era nova para mim: “Qual é, na sua opinião, o número de vietnamitas que prefeririam a paz, mesmo sob um governo comunista, a ver a guerra continuar?”

“Oh, 90%”, disse ele.

“Você acha que seu chefe também pensa assim?”, perguntei.

Nunca discuti isso com ele, mas suponho que sim”.

“Então, como podemos justificar a continuação disso um dia mais, seja à espera de uma retirada mútua ou seja lá o que for? Não nego certa utilidade de esconder nossa derrota, etc. Mas podemos justificar a matança de mais Vietnamitas, quando nossa própria suposição é de que quase todos eles querem o fim da guerra?”

“Bem”, disse ele, “essa é uma boa pergunta . . . deixe-me pensar nisso”.

Foi nesse momento — 1969 — que comecei a perceber a necessidade de terminar a guerra mais urgentemente. Comecei a ver a continuação como imoral, e não como um erro apenas.

Em setembro de 69, soube de Halperin que a política *não* tinha cami-

nhado como ele esperava em junho; que Nixon e Kissinger tinham escolhido uma das opções que nós tínhamos afastado inicialmente — não a da retirada unilateral, mas a opção de vencer a guerra. Uma escolha desastrosa. Mas não pública ainda; eles ainda não estavam totalmente decididos.

Procurei algumas pessoas da Rand que, durante todo esse tempo, tinham sido favoráveis à retirada unilateral e disse: “Estou com vocês agora: o que vamos fazer?” Eles propuseram uma carta ao *New York Times*, defendendo a retirada unilateral que, evidentemente, até esse momento, não tinha sido defendida por nenhuma personalidade política importante.

A publicação daquela carta foi provavelmente tão controversa na Rand e na comunidade da Defesa, quanto viria a ser mais tarde minha revelação dos Documentos do Pentágono. Nesse meio tempo, sem contar a ninguém na Rand, comecei a copiar os Documentos do Pentágono para entregá-los ao Senado.

P — Qual foi o seu contato seguinte com Kissinger?

R — Logo depois de meu segundo casamento, em setembro de 1970. Foi pior do que eu imaginava. Meus sentimentos anteriores eram baseados em sua atitude diante de uma situação meramente hipotética de guerra nuclear. Mas agora estávamos diante de um homem que administrava a destruição do Camboja.

Eu ainda não tinha ouvido muito sobre seu papel. Não estava completamente claro quanto disso era de Nixon e quanto de Kissinger; apenas ele estava executando uma política desastrosa. Nessa época, não sentia repulsa em encontrá-lo.

Quando um amigo comum, que tinha encontro marcado com Kissinger, propôs levar-me com ele, concordei. Valia a pena encorajá-lo a ler os Documentos do Pentágono, para ele descobrir que já se tinha falado em continuação da escalada em tom conspiratório, e que isso não tinha funcionado.

P — Como é San Clemente? (A fazenda de Nixon)

R — Entramos por um portão e uma voz saiu de qualquer parte como a voz de Deus, de um alto falante em cima da casa de guarda, dizendo-nos onde estacionar. Lembro-me de que esse olho invisível controlava todos os movimentos.

Você entra numa sala de espera externa, exatamente como a de um dentista, mas com grandes fotografias coloridas de Nixon enfileiradas na parede. De fato, o fotógrafo oficial parou no saguão e bateu um papo conosco, até que saiu correndo porta a fora, enquanto entrava um carrinho cor-de-rosa de golfe. Tinha uma pessoa dirigindo, como se fosse um carrinho da Disneylandia, a 10 por hora. Era Nixon, carrancudo e parecendo muito zangado. Logo atrás dele vinha outro carrinho cor-de-rosa de golfe, dirigido por Bebe Rebozo, e mais um terceiro carrinho cor-de-rosa com dois homens do Serviço Secreto. Um comboio.

Finalmente, vimos Kissinger na hora do almoço em um pequeno pátio. O general Haig estava na mesa. Depois que todos dissemos alô, Kissinger virou-se para meu amigo e disse: “Você ▶

sabe? Aprendi muito mais de Dan Ellsberg...”, e eu pensei que ele ia repetir aquele negócio do Vietnã, mas ele pareceu hesitar, e disse então: “a respeito de barganha do que de qualquer outra pessoa”.

Caí para trás. Não sabia a que se referia, embora minha especialidade acadêmica fosse a “teoria da barganha”. E repentinamente lembrei-me de que 10 anos antes, quando fiz uma série de conferências sobre “O Ato de Coerção”, também dei duas dessas aulas para o seminário de Kissinger em Harvard. “Você tem uma memória muito boa”, eu disse. E ele replicou: “Foram boas aulas”.

Quando voltei a pensar nisso, meu cabelo ficou de pé. As aulas tinham sido sobre a chantagem de Hitler com a Áustria e Checoslováquia, no fim da década de 30, o que lhe permitiu ocupar esses países justamente e através da ameaça de destruí-los. Uma das aulas era “A Teoria e a Prática da Chantagem”. E a outra se chamava “O Uso Político da Loucura”.

A passagem de informações sobre a invasão do Camboja, claramente feita por auxiliares não-oficiais de Kissinger, revelava que o objetivo principal da invasão era convencer os russos e os chineses de que nosso processo de decisão era imprevisível, e que desde que podíamos fazer algo aparentemente tão imprevisível e louco como invadir o Camboja, eles não poderiam contar com nossa ponderação numa crise.

Essa era a política consciente de Hitler: a ameaça do imprevisível. Eu a descrevi em minhas aulas como uma estratégia possivelmente eficaz, mas extremamente perigosa. Era um compromisso com a loucura. Descobrir — não que Kissinger tenha aprendido essa tática de mim, o que é muito duvidoso — mas que tal pensamento estava em sua mente, o bastante para ele se lembrar da tese apresentada dez anos antes, isso foi deprimente. Confirmou a natureza de sua política e até que ponto ele podia ir.

Conversamos apenas um momento antes do almoço. Meu amigo entrou imediatamente no assunto do Vietnã, mas Kissinger disse: “Bem, nós não estamos aqui para falar de Vietnã”. Olhou para mim verdadeiramente nervoso e deixou claro que não queria falar na minha frente.

Calculei que era porque queriam mentir para meu amigo de um modo que não seria fácil em minha presença. Kissinger começou a tamborilar na mesa com os dedos e então disse repentinamente: “O que você acha, Dan? Por que você é o general Haig não almoçam juntos, enquanto nós tratamos de outros assuntos? Depois então, nós nos reunimos”. Assim fez ele realmente.

Haig foi muito agradável e relativamente acessível. Decidi tentar com ele minha tática de “soltar informações” sobre a estratégia de Kissinger. Já conversávamos fazia uma hora, quando Kissinger reapareceu. Disse que queria falar comigo e que combinaríamos um encontro.

P — Você foi para San Clemente no meio de sua lua-de-mel e ele fugiu ...

R — Voltei novamente a San Clemente e não consegui vê-lo. Mas, numa última visita, eu encontrei com ele.

Querida entregar-lhe uma folha de papel com a estratégia de Nixon escrita nela. Tinha passado a noite trabalhando para reduzi-la a uma única página, o que foi muito difícil, e ela ficou assim: lenta redução de forças, ameaças, ações demonstrativas como o Camboja, a probabilidade de invasões futuras e, finalmente, a colocação de minas em Haiphong e a fraude deliberada do público.

Enquanto lhe descrevia a política, ele me olhava com os olhos muito apertados, de um jeito que me garantia que eu estava no caminho certo; mas ele não me respondeu. Tamborilava com os dedos sobre a mesa e disse: “Não quero discutir nossa política; vamos passar para outro assunto”.

Entramos na discussão dos Documentos do Pentágono. Perguntei se ele sabia do estudo de MacNamara sobre o Vietnã e ele disse que sim. “Você tem uma cópia dele na Casa Branca?” Ele disse que sim.

“Você leu?”

“Mas nós temos realmente algo a aprender desse estudo?”

Meu coração parou. A maior lição do estudo era que cada pessoa repetia a mesma política de seu predecessor, sem sequer conhecê-la. Eu pensei: Meu Deus! Ele está com o mesmo estado de espírito de todas as pessoas que tiveram de tomar decisões nesse longo processo; cada uma delas pensando que a história tinha começado com seu governo, e que não tinha nada a aprender dos anteriores.

Fiquei realmente deprimido, mas continuei dizendo: “Bem, acho com certeza que sim; são 20 anos de história e há muito que aprender deles”.

“Mas depois de tudo”, disse ele, “nós tomamos decisões muito diferentes agora”. E a minha depressão aumentou ainda mais. Acrescentei:

“O Camboja não foi tão diferente assim”. E ele pareceu incomodado e um pouco inquieto em sua cadeira.

“Você precisa compreender, o Camboja foi resolvido por razões muito complicadas”.

“Henry, não houve uma só decisão nessa área, durante 20 anos, que não tenha sido tomada por razões muito complicadas. E normalmente eram as mesmas razões muito complicadas”. Cada uma dessas pessoas pensava que diferentemente de seus predecessores tinham considerações muito especiais que exigiam a escalada — razões que elas escondiam do público, razões que seus predecessores tinham escondido delas como membros do público. Cada pessoa nessa função pensava que seus predecessores tinham tomado decisões erradas por estúpidas razões ideológicas e geopolíticas, enquanto ela estava tomando as mesmas decisões por razões políticas internas, realmente diferentes, muito inteligentes. E assim, ano após ano, a guerra continuava.

Quando se despediu de mim, ele falou: “Agora ... não conversamos o tempo suficiente. Estou ansioso por vê-lo de novo. Você pode vir a Washington?”

Então eu disse que o chamaria logo que chegasse ao leste. Chamei — uma data foi marcada, e depois recebi aviso adiando o encontro, e a secretária marcou outra data, e esta por sua

vez foi adiada, e depois eles marcaram uma terceira data. E foi adiada.

Eles me pediram para marcar outra data, mas nunca mais voltei a chamar. A única razão dele querer me ver era para poder dizer que tinha ouvido “todo mundo” — um leque completo de opiniões: por exemplo, Dan Ellsberg entre outros” — e eu decidi que deveria cair fora.

P — Você voltou a vê-lo?

R — Mais ou menos um mês depois, fui a uma conferência de estudantes e homens de negócios que criticavam a guerra, e ela seria iniciada com uma exposição de Henry Kissinger.

Tinha umas sessenta pessoas. Eram homens de negócios, que não estavam tão comprometidos quanto os Business Executives Move for Peace, mas que faziam crítica à guerra. Um monte deles eram republicanos relativamente liberais. A idéia da conferência era reduzir o conflito de gerações entre estudantes e homens de negócios. Não me teria atraído se não me tivesse dado a oportunidade de ouvir Kissinger.

Ele falou da “tragédia” dos movimentos revolucionários por terem essas infelizes consequências instabilizadoras, e da “trágica” necessidade de agir violentamente contra eles. Na hora do debate, um estudante perguntou por que o ritmo da retirada não era mais rápido, e Henry explodiu depois de duas perguntas desse tipo, dizendo: “Vocês me perguntam de um jeito, como se nossa política fosse permanecer no Vietnã. Mas nossa política é sair do Vietnã. Nós estamos reduzindo a intensidade da guerra, e eu lhes asseguro que ela vai continuar a diminuir de intensidade”.

Depois de um pouco mais de questões, que ele tratou muito convincentemente e com tranquilidade, eu me levantei. Tinha decidido fazer uma pergunta com um fraseado muito cuidadoso. Imaginava que era a última vez que falava com ele.

“Tenho uma pergunta, mas antes quero fazer um comentário. Você disse que a Casa Branca não é lugar para fazer filosofia moral, mas na verdade a Casa Branca educa o povo com tudo o que ela faz, tudo o que diz e tudo o que não diz. Especificamente esta noite você está exprimindo valores quando nos diz que a guerra está diminuindo em intensidade, e que vai continuar a diminuir, e depois menciona em ligação com isso o número de baixas dos EUA e o número de tropas dos EUA ainda no Vietnã. Você deixou de mencionar as baixas indochinesas, os refugiados e a tonelagem de bombardeios, que na realidade estão aumentando. Você diz ao povo americano que ele não precisa nem deve se preocupar com nosso impacto sobre o povo indochinês, e o encoraja a apoiar decisões cujo impacto ele ignora.

“Assim, tenho uma questão para você: segundo o seu melhor cálculo, qual é o número de indochineses que nós mataremos, se continuarmos mais 12 meses com sua política?”

Ele estava completamente atordoado. Foi muito surpreendente para o público, porque era a primeira vez que ele mostrava uma quebra em sua tranquilidade. Ficou parado um segundo, depois me olhou muito penetrantemente e disse em tom acusador:

“Essa é uma questão formulada muito inteligentemente”.

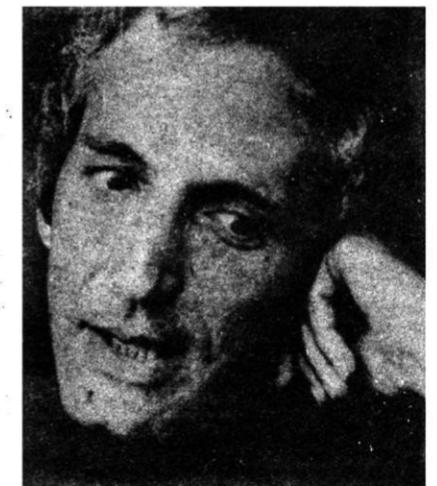
Fiquei com um pouco de raiva. “Não estou tentando de modo algum ser inteligente. Trata-se de uma questão muito fundamental. Você pode respondê-la?”

Ele pensou por um minuto, havia silêncio, e disse: “Você está me acusando de uma política racista”.

“Raça não é problema aqui. Também posso perguntar: quantos seres humanos nós vamos matar com nossa política nos próximos 12 meses?”

Ele parou de novo e explodiu: Quais são as suas alternativas? “Dr. Kissinger”, disse eu muito firme, “conheço a linguagem das alternativas e das opções muito bem, e ela não tem nada a ver com a questão. Estou lhe perguntando qual é o seu cálculo sobre as consequências de sua política nos próximos 12 meses, se você tem uma resposta. Você fez o cálculo, ou não?”

Houve um longo silêncio e o estudante que presidia a reunião levantou-se e disse: “Bem, foi uma longa reunião e acho que já fizemos muitas perguntas. Talvez devêssemos deixar o Dr. Kissinger voltar para Washington”.



Os homens de negócio ficaram bastante contrariados com o episódio — não tanto porque se opunham à guerra, mas porque desejavam estar em bons termos com as pessoas da geração dos seus filhos. Escreveram logo uma severa resolução contra os bombardeios, qualificando-os de criminosos — foi assombroso aquelas pessoas escreverem isso.

No fim, quando eles votavam a resolução, sugeri que, sendo homens muito ricos, votassem uma resolução para não mais dar dinheiro para a campanha política de quem não se dispusesse a fazer um compromisso público de acabar com os bombardeios e com a guerra.

Isso dividia a reunião em pedaços. Todos ficaram furiosos, igualmente os republicanos e os democratas, porque, quando liam a sugestão, percebiam que eu os desafiava a se colocarem na mesma linha de frente daqueles estudantes e amigos de seus filhos. Fiquei surpreendido; não tinha me ocorrido que eles não estariam dispostos a fazer esse tipo de compromisso.

Na manhã seguinte tivemos uma sessão em que descrevi a política de

Nixon para um pequeno grupo de trabalho, que incluía Osborne Elliot, o editor da revista Newsweek. Falei da probabilidade de que o próximo passo, na melhor das hipóteses, seria a invasão do Laos; e na pior, a invasão do Vietnã do Norte. Elliot estava extremamente cético. Dizia que não havia sinais de ameaça de uma escalada assim.

Depois de uma parada na sessão, porém, Elliot voltou-se para mim dizendo: "Ellsberg, aparentemente há algo no que você diz. A sucursal de Saigon informa que foi imposto um embargo total sobre as notícias vindas do Vietnã do Sul". Acontecia que, naquele exato momento em que Kissinger nos dizia que "a guerra está diminuindo de intensidade", começava o bombardeio de preparação da invasão do Laos.

P — Foi Kissinger que pediu o seu perfil psiquiátrico?

R — O diretor da CIA, Richard Helms, testemunhou que Kissinger pediu o meu perfil psiquiátrico. Isto significa que ele o leu, o que confirmaria uma coisa da qual estou seguro: o presidente o leu também.

"Kissinger, o inspirador de Watergate"

P — O que você diz das escutas telefônicas de Kissinger?

R — Veja, Kissinger mentiu quando essas escutas foram reveladas. Sua primeira reação foi dizer que não tinha nada com isso. Então foi revelado que ele tinha sido a única pessoa a escolher os nomes de quem devia ser espionado. Igualmente a história de que Kissinger estava preocupado com revelações de informações secretas fica absurda, quando você olha para as pessoas, especialmente jornalistas que ele espionou. Eram pessoas que recebiam informações secretas quase só de Kissinger:

Marvin Kalb, Henry Bradan, Joe Kraft. Como interpretar isso? Parte da interpretação foi dada por um funcionário da Casa Branca, que disse que Kissinger queria ver se, nas suas costas, esses jornalistas, e seus próprios assessores na Casa Branca, eram leais a ele. E ele queria saber se essas pessoas tinham outras fontes que contradiziam o que ele afirmava.

Ninguém fez esse raciocínio: imagine a capacidade que Kissinger adquiriu de manipular esses indivíduos com os quais trabalhava e conversava quase

que diariamente ou semanalmente, quando ele secretamente sabia tudo o que diziam para suas outras fontes e colegas. Em outras palavras, através desses aparelhos de escuta Kissinger sabia se estava convencendo esses caras, como contestar uma posição com credibilidade, de um jeito que os jornalistas nunca perceberiam que ele se baseava em conhecimento secreto. E era precisamente seus maiores amigos que ele tinha mais desejo de poder controlar.

De fato, as revelações do FBI indicam que ele pediu essas escutas diretamente, e que eles insistiram na necessidade de autorização presidencial. Foi então que ele procurou o presidente e o envolveu.

P — Assim, Kissinger pode ter sido o homem que incentivou o plano, muito mais do que Ehrlichman? (principal Assessor para Assuntos Internos).

R — Definitivamente, sim. Ehrlichman não estava envolvido no início dessas atividades. E o controle delas primeiro foi feito pelo general Haig e Kissinger, que respondiam diretamente ao presidente, mandando cópias para Haldeman (chefe de Gabinete de Ni-

xon); tempos mais tarde, passaram a responder diretamente a Haldeman. E Young, o chefe dessas atividades, veio diretamente do gabinete pessoal de Kissinger. Kissinger se meteu na política interna muito mais do que se sabe, e pode bem estar envolvido em muitas outras espionagens.

Estou praticamente seguro de que eles me espionaram diretamente, ou nessa época ou depois de junho, quando os Documentos foram publicados. Saíram notícias no Washington Post de que eu era pessoalmente espionado desde maio.

Eles sempre negaram, e essa é uma das poucas coisas que precisam ser esclarecidas. Também suspeito que eles espionaram um monte de outras pessoas que não gostariam de admitir — provavelmente todos os senadores candidatos potenciais à presidência, e a liderança da oposição à guerra. E isso é cerca de 15% dos senadores.

P — Como Kissinger conseguiu escapar da maldição de Watergate?

R — Ele afirma para todo o mundo que não está envolvido, e nada diretamente sobre ele foi revelado. Ele dirige a melhor operação de relações-pú-

blicas deste governo, e possivelmente de qualquer governo.

P — O que você sentiu quando foi anunciado o bombardeio de Hanói, após a declaração de que "a paz está ao alcance das mãos" e das eleições?

R — Desespero. Horror. Quando o bombardeio veio, no Natal de 72, me pegou totalmente de surpresa. Acho que o bombardeio tinha uma finalidade bastante cínica, amplamente atingida: demonstrar que a estratégia mantida quatro anos, de se apoiar em bombardeios e ameaças de bombardeios, tinha sido mesmo eficiente para levar ao acordo. Era sabido que a colocação de minas em Haiphong também não tinha conseguido absolutamente nada. Por isso, Nixon finalmente se preparou para aceitar um acordo, no qual os norte-americanos não tinham de retirar suas tropas — o que era sua principal exigência desde 1969. Mas ele se sentia mal por ter de assinar um acordo que muito claramente resultava de uma diminuição de suas exigências.

P — Então você acha que eles bombardearam Hanói só para fazer com que uma política fracassada parecesse uma política de sucesso?

R — Exatamente. Com a suposição de que Nixon assinaria mais tarde um acordo — essencialmente o mesmo que já existia antes do bombardeio; então, ele poderia atribuir o acordo ao bombardeio e contar com a suposição pública de que não só esse bombardeio tinha ajudado, mas todos os bombardeios anteriores também. Infelizmente, acho que esse raciocínio tático foi correto; ele ensinou uma "lição" que é tão errada quanto diabólica.

P — Quando Nixon planejou isso?

R — Logo depois de sua primeira posse. O que ainda não foi revelado, em nenhuma discussão de Watergate, é a conexão entre o que ele fazia internamente e o que fazia na Indochina. Eu acho que são coisas ligadas muito intimamente.

Creio que o objetivo de Nixon era enfrentar as eleições de 1972 com uma vitória conseguida na Indochina — não o tipo de acordo que ele conseguiu, mas algo muito mais ambicioso. Creio que ele tinha um plano para isso, e algumas partes já tinha em mente em 1967 e 68. Talvez tivesse um plano completo. Ele começou a executar esse plano no momento em que tomou posse, embora executasse suas partes de modo a confundir e enganar o povo americano em relação aos objetivos.

P — Como você soube disso?

R — De meia dúzia de pessoas, mas a principal fonte foi Mort Halperin, a quem conheço há muitos anos. Mort me sucedeu como Assessor Especial do Subsecretário de Defesa John McNaughton, no Pentágono. Mais tarde foi trabalhar para Kissinger. Mort me disse que Nixon tinha um plano, e que na realidade tinha escolhido uma opção ou uma das combinações de longo alcance que nós tínhamos elaborado para Kissinger e para ele, logo depois de sua eleição.

O plano que Nixon anunciou em 3 de novembro de 1969, era o da "vietnamização". Ele o descreveu como tendo duas partes: negociações para um acordo justo com os vietnamitas do norte, e retirada de nossas tro-

pas, que seriam substituídas por forças vietnamitas. Ele insinuou que retiráramos nossas tropas dentro de muito pouco tempo. A maioria dos editores e proprietários de meios de comunicação foram convencidos, por Kissinger, que nós estaríamos fora do Vietnã dentro de 12 meses.

Mort Halperin e vários outros, particularmente John Vann, que tinha contatos muito íntimos no Departamento do Exército, contaram-me logo que uma parte tinha sido apresentada de modo enganador: a retirada total não estava prevista, mas a redução muito lenta de tropas, tão lenta que permitisse a Nixon chegar a uma grande força residual que permaneceria indefinidamente.

P — Então qual era a verdadeira política de vietnamização?

R — De fato, o pessoal de Nixon não esperava que o exército sul-vietnamita melhorasse muito; eles não pretendiam retirar todas as forças americanas. E naturalmente não negociavam seriamente.

Mas havia cerca de outras cinco ou seis dimensões do programa, que foram escondidas do povo americano. Em várias épocas, uma ou outra parte acabou sendo revelada, mas mesmo então o conjunto do projeto deveria permanecer escondido. Esse projeto incluía o bombardeio do Camboja, o pesado bombardeio do Laos, operações terrestres no Camboja, retomada dos bombardeios no norte — os quais, você se lembra, tinham sido interrompidos em outubro de 68 —, a colocação de minas na baía de Haiphong, e o bombardeio do Vietnã do Norte sem nenhuma restrição.

Em vários desses pontos, o primeiro passo era a ameaça, e depois o cumprimento da ameaça, caso ela falhasse. Mas, desde que essas ameaças deveriam quase que certamente fracassar, qualquer um poderia prever muito bem que elas seriam cumpridas.

Assim, o que estou afirmando é que todas as coisas que vimos, inclusive o bombardeio de Hanói em dezembro de 1972, estavam todas explícitas nos planos secretos que já existiam em 1969.

Em maio de 1969 — e disso fui informado por Halperin em setembro — no mesmo dia em que Nixon fez seu discurso mais conciliatório sobre o Vietnã, prevendo um acordo (discurso em grande parte elaborado por Halperin), Kissinger chamou Dobrynin, o embaixador soviético, à Casa Branca. Mostrou-lhe o discurso e chamou atenção para a passagem que dizia, justamente, que "ninguém tem nada a ganhar em ficar esperando". E Kissinger deixou claro a Dobrynin que isso significava que Nixon estava preparado para escalar, se os russos não ajudassem a conseguir um acordo aceitável.

Para tornar essa ameaça digna de crédito, já tinha havido uma escalada, inclusive o bombardeio do Camboja. Mais tarde soubemos que houve uma operação terrestre no Laos, na primavera de 69. Os "Veteranos Contra a Guerra" denunciaram isso, inclusive fuzileiros navais que tomaram parte. E eu fui informado, pouco antes da Convenção Republicana, que foram enviados homens-rãs à baía Haiphong no começo de 1969, para examinar a possibilidade de colocar minas, e que eles

VIETNÃ

NO WEAPONS PLEASE

90 percent of the patients in this Center have suffered injuries caused by weapons. Please leave yours outside.

XIN ĐỪNG MANG VŨ KHÍ

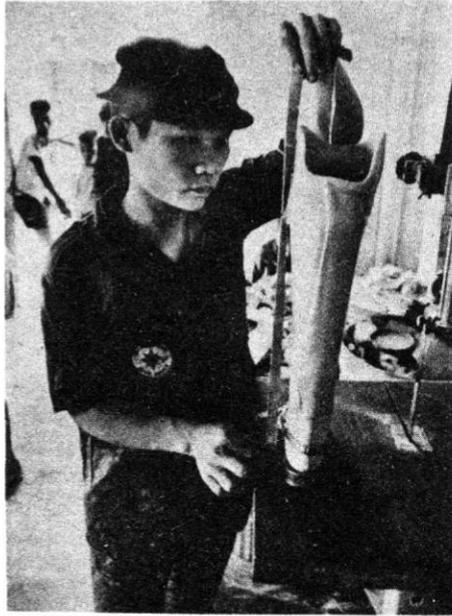
90 phần trăm bệnh nhân trong Trung tâm này đã bị thương vì vũ khí. Xin đừng mang vũ khí vào Trung tâm.

FAVOR NÃO USAR ARMAS

90 por cento dos pacientes deste Centro sofreram ferimentos causados por armas.

Por favor, deixe as suas do lado de fora.







receberam instruções para deixar sinais de que tinham estado lá.

Assim, antes da ameaça direta a Dobrynin em maio, nós tínhamos escalado em todos os três países da Indochina francesa, além do Vietnã do Sul, e com todas as três Forças Armadas.

Isso combina com uma declaração que Kissinger me fez no Hotel Pierre em dezembro de 68. Argumentei com ele que a ameaça da escalada não tinha praticamente nenhum valor, pois os norte-vietnamitas tinham resistido a anos de bombardeio. Ele retrucou que "sem a ameaça da escalada, como se poderia procurar a negociação?" Pensei que seu ponto de vista fosse acidental naquela época. No último mês, quatro anos e quatro milhões de toneladas de bombas depois, ele ainda pedia aos congressistas que não cortassem seus bombardeios no Camboja, porque isso o deixaria sem poder de barganha.

A perspectiva da escalada continuava. Naquele mês, Halperin predisse: "O presidente não chega às eleições de 1972 sem ter minado Haiphong". Entendi que isso significava que Nixon não queria enfrentar a acusação de seus críticos de direita — como Reagan ou Wallace — de que tinha deixado de usar uma tática que os militares há muito tempo julgavam vencedora; qualquer que fosse o acordo conseguido com os norte-vietnamitas, ele gastaria de dizer que tinha experimentado.

Quando comecei a trabalhar para Nixon no começo de janeiro de 69, havia a suposição geral de que qualquer pessoa que chegasse ao poder aproveitaria o novo cargo para acabar com a guerra. Olhando agora para trás, é claro que ele tinha em mente vencê-la: o outro lado deveria ser chantageado até aceitar uma permanência indefinida de tropas americanas ou do regime de Thieu, através da ameaça de que sofreriam uma violência muito maior que todas. Isso desembocaria, pensava ele, num acordo do tipo vitorioso — ao menos uma retirada mútua de tropas. Naturalmente, isso é algo que ele não teve em 72, não tem, nem nunca terá.

Mas os Documentos do Pentágono... bem, eu fiz algo de pouco comum. A

realidade que eles continham era que o modelo de 1964-65 estava perto de se tornar novamente uma perspectiva; e se eu pudesse mostrar que uma vez no passado um governo tinha agido de forma conspiratória, as pessoas poderiam ao menos pensar na possibilidade de que isso estivesse acontecendo novamente.

Além disso, já que era uma história sobre um governo democrático — vários deles, na realidade, incluindo o de Truman — a revelação desses documentos poderia tentar Nixon a lançar a responsabilidade da guerra sobre os democratas, e a levá-la rapidamente ao fim. Não poderia imaginar outra maneira para ele acabar com ela. Sentia que era urgente publicar os documentos, antes que ele se compromettesse publicamente. Achava que, naquela época, ele ainda não tinha tomado uma decisão definitiva.

Durante um breve período, o pessoal da Comissão de Relações Exteriores do Senado ficou entusiasmado com a possibilidade de fazer audiências de investigação sobre a guerra, do tipo das audiências sobre Pearl Harbour, usando os Documentos do Pentágono. Mas esse estado de espírito se esvaiou em um mês ou dois. Logo que as tropas deixaram o Camboja, todo o mundo começou a dizer que Nixon não repetiria isso. Eu, Halperin e uns poucos outros sabíamos que ele ia fazer mais, mas não havia jeito de convencer ninguém.

P — Todos esses anos, poucas pessoas tiveram uma visão completa do que se passava no Vietnã. Ninguém parecia ter uma visão completa, uma compreensão adequada das forças que nos mantinham envolvidos nela. Como isso pôde acontecer?

R — Limitações na estrutura intelectual com a qual cada facção abordava o problema. Os "radicais" tinham uma perspectiva mais ampla e eram levados a menos erros do que praticamente qualquer outro grupo.

O Movimento de Libertação Feminino, por exemplo, vindo de um ponto de partida diferente, é bastante capaz de ver o apelo forte ao chauvinismo masculino que está no centro do dogma imperialista. Evidentemente, Nixon, cuja vida adulta coincidiu com a guerra e com a Guerra Fria, apelou do início ao fim para o temor da fraqueza, para que se evitasse uma rendição "feminina" diante do comunismo agressivo. A política do machismo. Sua acusação é sempre de que a gente é mole com o comunismo, de que a gente é seduzido pelo comunismo. E outras noções mais abstratas — falta de resolução, indecisão.

Acho que Nixon está mudando consideravelmente sua ideologia, para o apelo imperialista mais geral e explícito de ser o Número Um no mundo, uma vez que agora estamos competindo com esses gigantes comunistas — e com a Europa Ocidental e o Japão — em termos mais ou menos iguais. Assim, há uma abordagem não-ideológica em termos de Guerra Fria, mas muito ideológica nos termos das velhas responsabilidades imperiais, no sentido de Rudyard Kipling, de manter a ordem no mundo e nossa própria supremacia.

P — Você escreveu que a guerra é boa para a saúde do Poder Executivo, especialmente as guerras secretas, as grandes crises e as guerras limitadas

com grande potencial. Você acha que a guerra do Vietnã foi deliberadamente sustentada para a saúde do Poder Executivo?

R — Saímos da Segunda Guerra com um Poder Executivo largamente ampliado. A mística da solução do Executivo foi restaurada. A extensão daquilo que era legítimo ao presidente fazer, por sua própria iniciativa e *secretamente*, foi ampliada quase ilimitadamente. Permitimos ao presidente fabricar armas atômicas secretamente e lançá-las por sua própria iniciativa. A essa altura, não havia mais muita coisa que um presidente norte-americano não pudesse fazer.

P — Qual foi o efeito da Segunda Guerra sobre as pessoas do segundo escalão?

R — Elas se desenvolveram num Estado inteiramente governado pelo presidente, com grande aceitação popular, e com a aparência muito forte de que *tinha* de ser assim para combater Hitler, e talvez para contra-atacar a Depressão: um Estado no qual o Congresso era quase totalmente desacreditado e isolacionista. Além disso, logo depois da Guerra, o Congresso parecia peculiarmente reacionário e paroquial, dominando por sulistas e fazendeiros. Por isso, eles não tinham respeito pelo Congresso, nem pelos tribunais, que ainda não tinham tomado iniciativas positivas em relação aos direitos e liberdades civis. A imprensa tinha sido muito subserviente durante a Guerra; e no movimento trabalhista, os elementos mais radicais eram partidários de uma política antigreve.

Todas essas instituições pareciam sem iniciativa, charme, respeitabilidade, poder e legitimidade. O Executivo era o único time em campo, e com um enorme poder de fascinação.

P — Você acha que a Guerra afetou a fibra social e ética dos homens que a conduziram?

R — O processo de atrair para o alto pessoas cujos valores eram bastante limitados a operações administrativas, recompensou aqueles que se orientavam para o poder e para uma lealdade extremamente disciplinada. Assim, desenvolvemos um Poder Executivo altamente burocrático, com grandes afinidades com governos burocráticos como o da Rússia e de outros países.

Acabo de vir de uma conferência da War Resisters League (Liga dos Opositores à Guerra), criada na Segunda Guerra pelos "objetores de consciência". Os objetores não eram incapazes de ver a maldade de Hitler, mas tinham um monte de coisas a dizer sobre os *preços* de uma entrada em combate — que entrar numa luta enorme com esse poderoso inimigo ia mudar os Estados Unidos, e essa mudança ia ser reforçada precisamente pelas características más do regime de Hitler.

Em outras palavras, o processo de transformar os Estados Unidos numa enorme máquina para matar, em grande escala, um inimigo que parecia exigir técnicas muito desumanas, acabaria por ter péssimas consequências para nós. Não está em questão agora se o efeito foi muito além do que geralmente estamos dispostos a reconhecer. **FOROS** transformados num país capaz de preparar a destruição de toda a vida sobre a terra.

Lembre-se, era impensável para

nós usar uma arma como a bomba atômica ainda em 1940 ou 41. Mesmo nossos oficiais da Força Aérea ficavam chocados porque os ingleses tinham sido levados a bombardear cidades e zonas industriais. Passaram quatro anos, e ficamos prontos para bombardear Tóquio e outras cidades do Japão em escala maciça. Depois de fazer isso, era perfeitamente natural usar a bomba atômica.

Isso aconteceu numa época em que o presidente americano estava mais do que nunca livre de ter seus poderes controlados ou desafiados. O sucesso do Projeto Manhattan o da bomba atômica parecia legitimar o segredo sem precedentes que o acompanhava. Ele levou toda a nação à idéia de que há segredos que o presidente precisa esconder do mundo, mesmo às custas de escondê-los de seu próprio povo.

Entretanto, a natureza da informação era tal que você não podia guardá-la em segredo *de outros países* por muito tempo. Essa possibilidade não passava de uma ilusão do leigo. Mas a ilusão servia para justificar a ampliação de um programa de categorias de segredos, um fenômeno do pós-guerra no governo de Truman. Um sistema geral de classificações nessa área foi estendido pela primeira vez aos setores civis do governo.

O campo nuclear parecia envolver segredos que precisavam ser guardados perpetuamente. A partir daí desenvolveu-se uma comunidade cujos membros tinham sua carreira dedicada à informação secreta — grandes burocracias onde não só os processos de decisão do dia-a-dia eram invisíveis, mas também os resultados e objetivos básicos. Esse desenvolvimento foi essencial para as coisas que estamos vendo agora — a capacidade de se começar guerras secretas e campanhas de bombardeio *maciço* sem que *ninguém* solte *qualquer* informação. Ou mesmo a operação de Watergate, sobre a qual nada se revelou até o arrombamento, e nem muito depois disso.

P — Quais foram suas experiências pessoais com processos secretos?

R — Estudei crises de decisão, como a crise dos mísseis de Cuba, um tipo legítimo de manobra muito rápida e intensa, onde era essencial que o adversário não soubesse o que você estava para fazer. Foi nesse ano, com acesso de nível muito alto a todos os nossos segredos que comecei a perceber que era exatamente o processo de guardar segredos que criava *problemas* na elaboração das decisões. As coisas eram compartimentalizadas e escondidas de um setor do governo por outro, criando muitas vezes a crise ou tornando-a mais intensa.

Fiquei também consciente do grau de influência que a política interna tem nos processos de decisão da política externa. A política externa tem o objetivo de aumentar as chances de reeleição de um presidente, ou de diminuir a possibilidade dele ser afastado do cargo. Comecei a perceber os motivos que estão por detrás de uma boa parte de nossa política, mas naquela época eu queria aprender mais de dentro.

P — Quando você começou a se sentir enganado pelo acesso ao material secreto, como reagiu diante desse conhecimento?

R — Bem, um monte desses fatos secretos eram suposições quanto à fabricação de mísseis russos — que provaram estar erradas. Nós respondíamos a uma situação que *não* estava se desenvolvendo. E para mim foi um grande choque, em 1961, quando descobri que os russos *não* tinham construído sua força de mísseis. A partir desta época comecei a ficar preocupado com o fato de o governo poder errar tanto, em sua percepção e em suas previsões. A explicação veio para mim depois que deixei a Rand em 1970.

Comecei a ler as histórias de revisão da Guerra Fria e percebi em que extensão a percepção dos poderosos perigos era crucial para a expansão do Executivo, para vender ao povo uma política expansionista, e em particular um orçamento militar volumoso. Grande parte dessa política foi considerada importante para nossa economia, não só para certas indústrias específicas, mas também para todo o nosso comércio de exportação, e talvez para evitar uma depressão de pós-guerra.

P — Era uma política deliberada do Executivo? Ela aumentou seu poder?

R — Sim, muito. E isso também servia a outros interesses que apoiavam o Executivo, particularmente as indústrias comprometidas com o comércio internacional. Estou falando sobre a indústria automobilística, de armas, a IBM, a do petróleo obviamente, e de frutas, utilidades públicas, da mineração na América Latina, da ITT; e depois, de um crescente número de empresas — Wall Street e bancos interna-

cionais —, com grandes interesses financeiros na Europa Ocidental.

P — Havia um corpo coerente de pensamento dentro dessas empresas multinacionais e da indústria pesada? Uma atividade que influenciava o Executivo? Ou era uma confluência de decisões tomadas separadamente?

R — Isso é o tipo de coisa que quero pesquisar. A tese de revisão básica é que um número determinado de homens no fim do governo de Roosevelt e durante o de Truman temia uma recessão econômica depois da guerra, e perceberam isso como o resultado inevitável de um colapso de nosso comércio com a Europa Ocidental. Eram pessoas com interesses econômicos na Europa Ocidental.

Para impedir um colapso, eles tentaram arrancar várias medidas econômicas do Congresso, inclusive baixas tarifas — no que não tiveram êxito; e a ajuda externa para a recuperação europeia, a fim de apoiar as exportações dos Estados Unidos para a Europa. Mas eles esbarraram num Congresso dominado por republicanos do meio-oeste, que representavam interesses econômicos relativamente locais. Mas esses congressistas eram anticomunistas e se mostraram receptivos quanto à necessidade de combater o comunismo ateu.

Assim, essas enormes empresas financeiras, consciente e cingidamente, apresentaram ao Congresso essa ameaça, anormemente exagerada, tendo em mente incrementar um objetivo político muito válido e justificado — no caso, arrancar dinheiro do Congresso para o plano Marshall.

Isso é uma grande parte da base da nossa política de Guerra Fria. Não quer dizer de modo algum que Stalin fosse uma força benigna para o mundo; eles percebiam o que ele era realmente — um ditador sangrento e paranoico. Mas era um governante conservador, que não estava nada inclinado a se expandir na Europa Ocidental.

Nós tínhamos esse sistema de “erros de percepção”, que começa a se revelar um modelo muito consistente quando você faz um exame de ponta a ponta. Nós descobrimos Acheson (o secretário de Estado de Truman), totalmente “equivocado” sobre a natureza da situação grega, que ele descrevia como orientada pela Rússia, apesar de um monte de evidências de que as coisas aconteciam contra os desejos de Stalin.

E no curso de tudo isso, aos poucos adquirimos os atributos que já nos censuravam em período muito anterior, já em 39 e 40, por esses pacifistas: o desenvolvimento de um Estado militar, dominado por administradores militaristas da política externa, um Estado que tinha as características de um acampamento militar.

P — Você acha que o imperialismo econômico é basicamente o que nos levou ao Vietnã?

R — Pelo contrário. Acho que o Vietnã, na verdade, foi o preço de toda essa ideologia, mais do que um objetivo. A gente não poderia deixar de intervir no Vietnã, sem minar a base racional de toda nossa política.

Especificamente: tínhamos um sistema onde os políticos competiam por contribuições para suas campa-

nhas, e depois por votos, com base na capacidade deles administrarem a Guerra Fria com competência e dureza. Quase todas as eleições depois de 48 foram orientadas para esse problema primário. Kennedy competiu com Nixon, em parte, com base em que Eisenhower e Nixon tinham permitido o declínio de nossa força e prestígio militar, e que tinham permitido aos comunistas tomar uma área a 90 milhas de nossa costa. Eles tinham “perdido Cuba para o comunismo”, exatamente como Harry Truman foi acusado por Nixon de ter perdido a China e a Coreia do Norte.

Em 64 a disputa não era entre um *pombo* e um *falcão*, mas entre um administrador mais responsável e outro menos responsável da Guerra Fria: “quem você prefere para dirigir a guerra do Vietnã?”

McGovern, em 72, foi o primeiro candidato nesta geração a não fazer campanha como um administrador potencial da Guerra Fria. Quem sabe o que poderia ter feito? Mas ele oferecia uma alternativa para a política da Guerra Fria, e questionava suas premissas básicas.

F — Depois de Watergate, você acha que o povo continua tão vulnerável a esses tipos de manipulação do processo político?

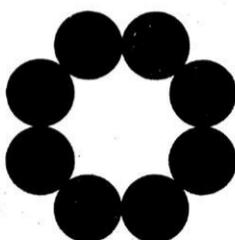
R — Uma razão pela qual estou seguindo Watergate de perto, é que acho que esse caso está atingindo a consciência da massa de modo tão crucial que vai mudar a cultura política deste país. Está redespertando o povo e dando-lhe uma tremenda vitalidade, enfim. ▶

BOLSAS EQUIPE

...prá quem acorda cedo, pega condução,
dá duro, tem uma hora de almoço, sai as seis e
prove ser inteligente.

E também prá quem não faz nada disso e prove a mesma coisa.

inscrições abertas
CESCEM-CESCEA-MAPOFEI



GRUPO
EDUCACIONAL
EQUIPE

Rua Caio Prado, 232 - Tel. 257-2754/256-0425

P - O que você sente ao assistir as audiências e ouvir seu nome dia após dia?

R - Desde que terminou meu julgamento, em meio a um crescendo de revelações sobre Watergate, as audiências me absorveram totalmente. Venho assistindo com tensão, como se estivesse sendo caçado. Vejo como *fui* caçado nestes dois anos, muito mais do que imaginava. Sinto que o presidente estava preparando o bote para um último ataque contra mim.

P - O primeiro sinal de que você se tornaria um alvo tático surgiu quando Nixon deu sua primeira resposta às audiências sobre Watergate, no banquete da Casa Branca para os prisioneiros de guerra?

R - Eu tinha sido convidado a falar no Today Show, o que achava melhor aceitar porque as coisas estavam ficando um pouco pesadas e talvez fosse bom eu aparecer. Estava nos estúdios do Today Show em Nova York às 7 da manhã. Estavam projetando trechos do discurso de Nixon da noite anterior. Ele estava iluminado à moda de Rembrandt. Faces iluminadas e sombras profundas. E exaltava-se, louvando a bravura dos homens que tinham bombardeado Hanói. Eles aplaudiam. Então ele disse: "Acho que é tempo de pararmos de transformar em heróis nacionais homens que roubam segredos e entregam à imprensa". Os prisioneiros de guerra lançaram-se a seus pés e começaram a aplaudir-lo furiosamente. Dava uma sensação lúgubre ver o presidente apelando em tais termos para esse grupo, os homens que

Nixon tentava vender como heróis nacionais.

Um monte de gente poderia dizer que Nixon dizia aquelas coisas porque precisava se defender. Mas sou obrigado a declarar que não é fácil ficar totalmente relaxado quando você vê o presidente fazer esse tipo de ataque contra você.

P - Por que Nixon é tão obsessivo quanto a você?

R - Talvez quisessem demonstrar aos outros que o comportamento segundo a consciência, de ficar falando coisas, não era de todo permissível.

De modo geral, eu podia ser visto - eu me vi assim - em termos puramente Gandhianos. Foi não-violento, de fato um puro e abstrato ato de dizer a verdade. É quase um clássico sonho Gandhiano, pressupor que tal ato de dizer a verdade - e assumir a responsabilidade pessoal por ele, publicamente - é precisamente o que basta para perturbar esse governo profundamente.

Quando me meti nisso, tinha sempre a suposição de que me atacariam - primeiro colocando-me na prisão pelo resto da vida, e depois destruindo minha reputação. Nós sabíamos que eles estavam reunindo o máximo de material que podiam sobre minha vida sexual, minhas companhias e coisas pessoais, mas parecia que eles não estavam usando isso. Estávamos sempre esperando pelo ataque desse lado.

Agora sabemos que, quando os invasores foram pegos em Watergate, todos os que estavam ligados àquilo compreenderam que, mais cedo ou

mais tarde, a invasão do consultório de meu médico seguramente seria revelada, uma vez que exatamente os caras que tinham feito aquilo estavam nas mãos do Departamento de Justiça. Presumo que eles então estruturaram meu processo de tal forma que limitasse o prejuízo que essa revelação lhes causaria.

P - Mas acharam alguma coisa nos arquivos de seu psiquiatra?

R - Viram algumas coisas no arquivo, porque ele ficou remexido. Eram papéis com meu nome em cima, mas nada de que eles pudessem gostar, nada de pessoal.

P - Que tipo de coisa você acha que poderiam usar?

R - Realmente não há nada de verdadeiro capaz de me embarçar nesse momento. Entretanto, a piada da Embaixada Soviética revela que eles não vão se limitar a acontecimentos verdadeiros.

P - Você é capaz de descobrir onde se originou a acusação de que você entregou os documentos à Embaixada Soviética?

R - Ela apareceu pela primeira vez no testemunho de Krogh, no finalzinho de meu julgamento. Ele disse que tinha sido informado pelo FBI.

Depois, a revista Time citou outra fonte do FBI, segundo a qual nunca houve qualquer prova concreta, apenas um "vago rumor" flutuando por aí. Desde o início, minha suspeita foi, e ainda é, de que nada chegou jamais à Embaixada Soviética; mas se me pergunto quem teria motivo para mandar os Documentos do Pentágono aos rus-

sos, a Casa Branca é a única que posso imaginar.

Depois que os Documentos foram publicados no New York Times, quem mais - diabo! - os daria aos russos, e por que motivo os russos poderiam desejá-los? Custava cerca de \$2,95 aos russos, na edição Bantam, talvez 50 centavos na edição do governo. E nesse meio tempo, eles o compravam por 10 cents por dia no New York Times. O pessoal da Casa Branca tinha uma bela oportunidade para transformar meu processo em um caso de verdadeira espionagem, de modo que não custaria nada. Nada seria mais fácil do que tirar uma cópia extra e enviá-la para a Embaixada Soviética.

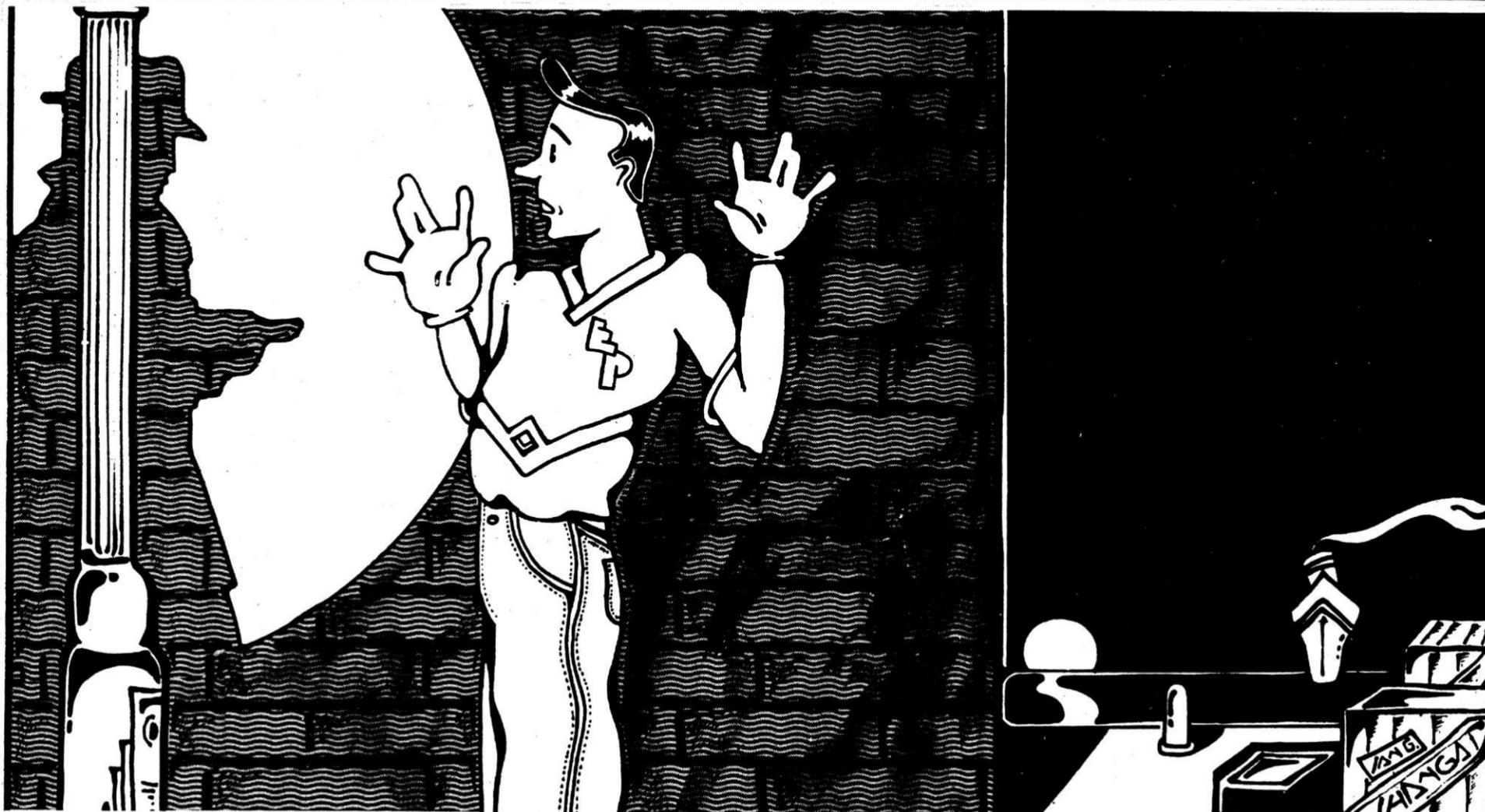
Mas eles tinham dificuldade em explicar por que teria eu dado os Documentos aos russos. Todos os elementos, como certificava meu perfil da CIA, indicavam que eu tinha agido por motivos patrióticos. Por isso, como poderiam eles explicar que eu tinha dado os Documentos aos soviéticos?

Chantagem? A revista Harper's tinha um cara que estava escrevendo um livro sobre Watergate e tinha conversado com Sturgess, um dos caras presos na invasão. E Sturgess disse à revista que a equipe tinha sido informada que eu era homossexual. . .

P - A equipe?

R - A equipe de Watergate. Eles foram informados que eu era homossexual, que tinha sido forçado, por chantagem, a entregar os Documentos à Embaixada Russa.

Bem, logo que ouvi isso, pude perceber qual o sentido. Suas mentes



Ladrão: A calça Levi's ou a vida!

Rapaz: ? ...? ...? ...? ...? ...?

Conselho: Dê a calça Levi's que na Jeans Store tem mais.

Levi's

jeans store

são orientadas para a chantagem em todos os casos.

P — Desde o momento em que você foi identificado, parece que os ataques contra você vieram diretamente da Casa Branca. Certo?

R — Cheguei à conclusão de que esse processo era uma decisão da Casa Branca, porque não tinha precedentes em termos legais. Isso levantou questões sobre qual era o objetivo real.

Nossa primeira idéia foi que eu tinha sido indiciado simplesmente porque tinha divulgado milhares de páginas de informações Top Secret. Mas, quanto mais examinávamos a legislação antiga e a atual, mais claro ficava que nenhuma lei tinha sido violada. Se não houvesse modo de provar a intenção de prejudicar os interesses dos Estados Unidos, ou de ajudar uma potência estrangeira, não poderia haver processo no quadro da Lei de Espionagem. E no que diz respeito a copiar, transferir *informação*, não se está sujeito a processo por roubo.

Cada vez mais a questão principal para nós se tornou *por que o processo foi iniciado?* Nossa principal suposição era a de que eles tentavam conseguir, através de minha condenação, o equivalente a uma Lei dos Segredos Oficiais (como na Inglaterra), que eles não conseguiam do Congresso, graças à Primeira Emenda. Eu ainda acho que isso era parte de seu raciocínio.

P — Que mais tentaram contra sua reputação?

R — Nós soubemos, através da revista Times, e depois através de testemunho, que a equipe de Watergate foi enviada para me atacar nos degraus do Capitólio, em maio de 1972. Os cubanos-americanos testemunharam que foram levados de Miami, recrutados e pagos por Baker, que tinha recebido dinheiro de Liddy. São os famosos 114 mil dólares na conta de Baker. Mostraram-lhes uma fotografia minha e disseram: "Este é o alvo", conforme o testemunho, "vocês têm de esmurrá-lo no nariz, chamá-lo de traidor e ir embora."

Eu tinha decidido participar dessa concentração por causa do bombardeio de Haiphong. Nós temos uma fita de meu discurso, e você pode ouvir pessoas gritando "traidor", no fundo. Posteriormente, soube que alguns homens tinham tentado chegar até mim. Mas que tinham sido impedidos pelos jovens que estavam atrás do palanque. Eles foram pegos pela polícia quando começou o tumulto, e então, as testemunhas concordaram, um homem de terno cinza fez um sinal e a polícia os soltou.

P — Quando você deixou seu emprego na Rand?

R — No meio de abril de 1970. Deixe-me falar de algo que ainda é um mistério. Em abril de 70, o FBI soube de alguma coisa. Tinha começado a copiar os documentos em 30 de setembro de 1969. Dei um maço deles a Fulbright (o senador) em novembro. Na primavera de 70, minha ex-mulher me telefonou para dizer que o FBI a tinha procurado para perguntar sobre documentos secretos que eu tinha copiado. Demiti-me da Rand menos de 24 horas depois. Mas o FBI não veio. Fiquei longe durante um mês; então a Rand, parecia interessada em me ter de volta para acabar um documento sobre

táticas insurrecionais. O FBI parecia não estar mais atrás de mim, por isso voltei para a Rand, escrevendo o estudo até 30 de junho.

Na última semana do julgamento, para nossa surpresa, descobrimos que o FBI tinha estado na Rand em 1970; e tinha falado sobre a informação de que eu copiara documentos Top Secret. A Rand imediatamente identificou: eram os Documentos do Pentágono.

Agora, esse maço de papéis estava em meu cofre, de modo que é claro que a partir desse momento o FBI estava em condições de examiná-lo. Suponho que ele examinou.

Por isso foi muito interessante saber que, exatamente no mesmo mês em que o presidente pedia que Tom Huston elaborasse um plano de inteligência interna e passava por cima de todos os departamentos de inteligência, o FBI tomava conhecimento da maior revelação de informações secretas da história. É inconcebível que o presidente não tenha sido informado.

P — Então você acha que ele deliberadamente deixou que você fizesse a coisa?

R — Eu realmente não sei; encaro isso como um verdadeiro mistério.

O FBI obviamente sabia de todos os fatos relevantes. De todos os fatos pelos quais eu estava sendo indiciado, *um ano antes* que eu fosse indiciado. Assim, a partir do momento em que eles leram aquelas manchetes no New York Times, não pode ter passado uma hora até o pessoal de cima saber o que tinha sido revelado; o que tinha sido copiado; que estudo era; quando fiz aquilo; como fiz aquilo.

Tudo isso tem que ser visto no contexto de que "... nós temos de criar uma unidade especial na Casa Branca, para realizar uma investigação"... Investigação de que? Era uma coisa que eles já sabiam fazia 12 meses.

P — O que mais você acha?

R — Vou fazer uma suposição sobre a razão pela qual o FBI não veio a mim imediatamente. Minha suposição se baseia no livro de Evans e Novak, "Nixon in the White House", que descreve a campanha eleitoral para o Congresso em 1970, na qual Nixon se meteu.

A lista original de inimigos era formada por republicanos renegados, que deixavam todo o pessoal da Casa Branca louco, especialmente Nixon. E na cabeça da lista estava o senador Charles Goodell. Nixon, aparentemente, estava decidido a pegá-lo de jeito. O relatório inicial do FBI estava incorreto num ponto: afirmava que eu tinha dado os Documentos a Goodell. Isso deve ter excitado o pessoal da Casa Branca, porque eles tinham uma chance de dar uma paulada em Goodell, acusando-o de espionagem. E é muito sintomático que a lista de inimigos continha Halperin, Clifford, MacNamara, eu. Em outras palavras, todo mundo ligado aos Documentos do Pentágono: em vez de perseguir a frágil esquerda radical, estavam atrás do *establishment liberal*.

P — Então você acha que havia uma operação para silenciar toda a oposição, e não os radicais apenas?

R — Tenho um sentimento cada vez maior de que Nixon pensava mais longe. O que ele e seus companheiros

mais íntimos tinham em mente — quer fossem ou não totalmente conscientes disso — era uma mudança bastante radical em nossa forma de governo. Nós sabemos, é claro, que Nixon tinha certas metas para a Corte Suprema. E embora possa não ter examinado as implicações dessas metas, ele estava de fato castrando a Corte e eliminando-a como poder independente. O Congresso já tinha aceitado aquela função passiva, e ele fez o que podia para mantê-lo em seu lugar. Assim, ele se orientava muito claramente para ser o único do governo.

Além disso, agora que sabemos de seu plano de inteligência interna, ele se orientava rapidamente para um governo de tipo realmente mais autoritário.

Acho que podemos dizer — depois dos depoimentos espantosamente detalhados que ouvimos, e depois dos memos que seus auxiliares escreviam uns para os outros — que Nixon e seus auxiliares têm um conjunto de valores políticos que não são universalmente partilhados pelos políticos americanos; que eles têm muito pouca compreensão e simpatia pelos valores democráticos.

Quando Nixon começou a prender verbas e a assumir o controle de todo o processo orçamentário, tirou do Congresso o único poder que lhe restava. Ele não só mudou a composição da Corte Suprema, mas revelou publicamente que vai ignorar suas decisões.

O senador Harold Hughes me disse em 1971: "O que faz você achar que o presidente pararia com os bombardeios, se cortássemos suas verbas?" Em outras palavras, o Congresso tinha uma forte suspeita de que já tinha perdido seu poder sobre verbas, e sobre a guerra e a paz, e simplesmente estava adiando o momento em que isso fosse notado publicamente. Dizer isso é dizer, com todos os seus aspectos substanciais, que o golpe já tinha ocorrido.

P — Então como você descreveria Nixon e seus auxiliares?

R — Eles trabalharam com energia para mudar rapidamente o estado atual das coisas, o que poderia posteriormente ser reconhecido como fascismo. Obviamente, não se aceitaria esse nome. Posso dizer que, falando publicamente, usei durante alguns anos a expressão "forma monárquica de governo".

A palavra "monarquia" não só é nova nesse sentido, mas também contém grande parte do que quero mostrar — uma inclinação para o poder executivo sem controle, em que o único homem no alto tem o poder dominante e é inevitavelmente cercado de pessoas que, como cortesãos, dependem apenas de seu favor e boa-vontade para terem o poder delas; elas competem para dizer-lhe o que ele quer ouvir e fazer o que ele quer que seja feito, independentemente da lei ou da realidade.

A imagem do presidente como um monarca entrou na consciência americana até certo ponto — graças principalmente a Watergate e, em grau menor, aos documentos do Pentágono. É um grande passo à frente. Entretanto, não levanta as questões extremamente controversas e energicamente defendidas, de quais interesses econômicos estão entrelaçados com o poder

do Estado. Em outras palavras, quem faz o rei e a quem ele serve?

Mas outra razão pela qual eu gostava da palavra "monarquia" e falava de um golpe do Executivo, é que sempre questioneei o ponto de vista que atribuía todo poder e influência ao Pentágono. Uma crença muito comum é a de que o pessoal do Pentágono está no controle; *eles* dirigem a guerra, *eles* escalam a guerra. Os riscos vêm dos militares. Acabei concluindo, pelo contrário, que os militares não predominaram em nossa orientação de política de guerra.

Os Documentos do Pentágono mostram, inequivocamente, que todos os presidentes seguiram políticas diferentes das que lhe eram propostas pelos militares. E *tomavam* orientações que os militares diziam energicamente que não funcionariam.

Assim, a responsabilidade pelos acontecimentos cabe particularmente aos próprios presidentes; e a pressão sobre eles a favor da escalada veio tanto de civis quanto de militares.

P — O que você acha que vai acontecer se Nixon não sofrer o impeachment, se não renunciar?

R — Isso depende das circunstâncias. Se significa que o povo voltou a atenção para outro programa de TV e simplesmente ficou cheio, decide que depois de tudo não era tão mal... então, é claro, a situação será pior do que antes. Teremos ido para muito longe da democracia.

Mas pense na situação um momento. Se não houver mais nenhuma prova além das que existem agora, ainda haverá o suficiente para indiciar o presidente.

Ao contrário do que acontece quando o presidente desrespeita "leis internacionais", no plano interno todo o mundo sabe que existem leis que precisam ser cumpridas, e há uma máquina para garantir seu cumprimento, e um princípio que deve ser aplicado, mesmo ao presidente. Essas declarações que o presidente anda fazendo — que não é obrigado a fornecer documentos ao tribunal, e assim por diante — não estão funcionando. Acho que o povo percebe que ele está escrevendo uma nova constituição à medida em que avança. E que ela é diferente da que nós temos. ■



MARIAS 3



Maria Velho da Costa



Maria Isabel Barreno



Maria Teresa Horta

O livro *Novas Cartas Portuguesas* apareceu em Portugal no segundo semestre de 1972. Muito antes da Revolução dos Capitães que derrubou o regime de Marcelo Caetano. As três autoras-marias — Maria Teresa Horta (poetisa), Maria Velho da Costa e Maria Isabel Barreno (romancistas) — foram processadas e presas (uma delas ficou tuberculosa nas prisões da PIDE), porque tiveram a sem cerimônia, a liberdade, a coragem de fazer um retrato da mulher portuguesa sob o regime salazarista.

As Três-Marias partiram das cartas de certa Soror Mariana do Alcoforado, apaixonada pelo fidalgo francês Conde de Chamilly, reunidas no livro "Cartas de Portugal", no século passado. A Soror Mariana das Três-Marias, no desenrolar de *Novas Cartas Portuguesas*, se subdividem e se transformam em todas as mulheres portuguesas.

O livro é uma colagem-denúncia, que retoma a tradição realista da literatura portuguesa. Feminista, político, sexy. Um livro essencialmente de coragem.

Trechos do livro *Novas Cartas Portuguesas* de Maria Isabel Barreno, Maria Teresa Horta e Maria Velho da Costa — Editorial Futura, Lisboa, 1974.

Primeira Carta I

Pois que toda a literatura é uma longa carta a um interlocutor invisível, presente, possível ou futura paixão que liquidamos, alimentamos ou procuramos. E já foi dito que não interessa tanto o objeto, apenas pretexto, mas antes a paixão; e eu acrescento que não interessa tanto a paixão, apenas pretexto, mas antes o seu exercício.

Não será portanto necessário perguntarmonos se o que nos junta é paixão comum de exercícios diferentes, ou exercício comum de paixões diferentes. Porque só nos perguntaremos então qual o modo do nosso exercício, se nostalgia, se vingança. Sim, sem dúvida que nostalgia é também uma forma de vingança, e vingança uma forma de nostalgia; em ambos os casos procuramos o que não nos faria recuar; o que não nos faria destruir. Mas não deixa a paixão de ser a força e o exercício o seu sentido.

Só de nostalgias faremos uma irmandade e um convento, Soror Mariana das cinco cartas. Só de vinganças, faremos um Outubro, um Maio, e novo mês para cobrir o calendário. E de nós, o que faremos?

1/2/71

Primeira Carta II

"Venceste" —, digo Logo sou eu que te venço e tu perdes, pois confiado na vitória esqueces a vigilância sobre mim, que te examino.

Friamente?
Que outra maneira tenho de examinar as coisas, os outros: com toda a minha paixão? Aquela alimentada pelo simples prazer ou dor que me dá senti-la. — Assim te procuro, te uso, te escrevo; porém as palavras não são elos, nem pontes, nem laços a desatar na solidão das salas.

Em salas nos queriam às três, atentas, a bordarmos os dias com muitos silêncios de hábito, muito meigas falas e atitudes. Mas tanto faz aqui ou em Beja a clausura, que a ela nos negamos, nos vamos de manso ou de arremesso súbito rasgando as vestes e montando a vida como se machos fôramos — dizem.

De imediato então nos querem tomar pela cintura, em alvos lençóis de cama se necessário, e filhos. Que mãos nos galgam as carnes a fim de retomarem a posse, impondo-nos matriz de dono, porque dano causa-

mos na recusa e mensturo será o estigma que eles tomam por feminina causa de nos exigirem a vontade e silenciarem o gesto com que nos despimos ou negamos para nosso próprio proveito e palavra dada à nós mesmas.

Direito conquistámos, também, de escolher vingança, já que vingança se exerce no amor e amor nos é dado de uso: usar o amor com as ancas, as pernas longas que sabem, cumprem bem o exercício que se espera delas.

E eis novamente em tema o exercício, como se de paixão se tratasse e vingança fosse de amor uma das justiças. Para que o exercício da justiça nos coubesse às três, dado de amor, somente, talvez por defesa ou atenção a tudo.

Como Maina sagraremos "dessa crua distância, o direito ao absurdo dos demais e seu".

Saciadas estaremos algum dia. — Pergunto: daquela voraz saciedade em que nos pomos? — Desembutadas iremos, embora saibamos que isso nos arrasta às ameaças, ao simples maldizer aceso com a madeira dos usos e da raiva.

O que nos restará então de nós depois desta aventura?

A freio nos quererão domar e a rédea curta. Mas de onde nossa mãe dormia não nos vem sequer a fimbria desse susto; outras roupas costuramos para nossa alegria e abandono. Que o abandono é outro pressuposto, costume ou uso em roca onde se fia o gosto.

Deste modo vamos construindo um azulejo: painel. Carta por carta ou palavra escrita, volátil, entregue. A nós principalmente, depois a eles; a quem nos quiser ler mesmo com raiva. E nunca o amor foi tão inventado, logo verdadeiro:

"este prazer que abraço se te abraço e os teus dedos, devagar, me vão correr nos braços, nas coxas, pelos seios. — A que tontura me entrego e me demoro. Em que grito rasgado me debato e cresço, me acrescento e cresço, me enlouqueço e basto; ou não me basto e por isso te invento, reinvento, te faço, te desfaço em meu sustento.

Atenta, pois, nisto: o perigo de nos querermos ou nos negarmos. Tu homem dono que me cavalga ou o pretende e eu que te pareço seguir nesse jogo, consentir nele, porém, na realidade recusando-o, caminhando já em labirintos, outros, em verões tórridos, por certo, mas meus trajectos.

Porque só de minha posse na verdade te importas: eu tua terra, colónia, tua árvore-sombra-programada para acalmar sentidos. Também em ti me queres de clausura: tu próprio meu convento, minha única ambição, afinal meu único deserto"

"Venceste" —, digo, e tu pensas: venci, mas estás vencido. — Minha lenta viração de nada, te acrescento carta a carta. Tentando perceber de nós três todo e qualquer sequestro, da sua motivação como projecto de paixão ou já paixão em si mesmo. Assim, penso, estamos nós três neste dar de mãos, nesta entrega, nesta independência nossa.

Nos procuramos, vos procuramos entender porquê. Quem sabe que desmesurado anseio este, se temos não mais que um luxo, um acinte, uma avidez:

"pelo corpo deixo que a paixão me tome: o corpo ele próprio já essa paixão ou objecto dela, sua raiz, sua motivação, seu ócio. — Como não recordar tuas ancas estreitas e jamais te dizer paixão por elas? Assim, amo

partes de ti, a ti por essa causa e de mim no contentamento de as ter, me comprazer com elas".

E como Soror Mariana, talvez até digamos: "que seria de mim sem tanto ódio e tanto amor (. . .)". Porém, nunca de pena mas prazer nos ficamos, irmãs, sem ser por nostalgia, ou crença. Pois clausura rompemos, já rompemos.

Que seria de nós sem tanto amor, — pelo puro desprazer que isso nos daria.

14/3/71

Conversa do Cavaleiro de Chamilly com Mariana Alcoforado à maneira de saudade

— De vossos peitos
senhora
estou de vós lembrado

— De tua boca em tê-lós
e o medo
de perdê-lós

— De vosso ventre
senhora
estou de vós lembrado

— De teu leite cheio
e chama
tão acesa em sê-lo

— De vossas coxas
senhora
estou de vós lembrado

— De te serem
tidas
se queixam desvalidas

— De vossas artes
senhora
estou de vós lembrado

— De ti roubada
nelas
por mim tomada delas

— De vosso gemido
senhora
estou de vós lembrado

— De prazer o grito
menor
que o meu gemido

— De vosso orgasmo
senhora
estou de vós lembrado

— De teu corpo
o campo
do meu corpo o canto

— De vossa língua
senhora
estou de vós lembrado

— Na tua boca o suco
no teu membro
o espanto

9/4/71



Carta de uma mulher de nome Maria Ana, da aldeia de Carvalho, pertencente à freguesia de Oliveira de Fráguas do concelho de Albergaria-a-Velha, distrito de Aveiro, a seu marido de nome António, emigrado no Canadá há doze anos, na cidade de Kitimat, na Costa Oriental, frente às Ilhas da Rainha Carlota e perto da fronteira do Alaska

Carvalho, sexta feira da paixão do senhor do ano de mil novecentos e setenta e um. Meu querido e nunca esquecido António aproveito a passagem de hoje com os nossos da nossa prima Luísa que me faz o favor de ter esta escrita para te escrever que a falta das tuas é muita. Olha António há dois anos que não vens a ver da gente e isto só dá em piorar se bem que não nos faltes dos dinheiros que o nosso Jorge alevanta em Aveiro a saber todos os meses e que deus nosso senhor te pague o esforçado que tens sido que os teus filhos e eu bem to agradecemos que outros aí se ajentam e só mandam o de menos que as terras que a gente tem por demais que eu tenteie e ponha ainda mais o da Amélia que quando não está grosso ainda amanhã só dão silvas e caimão por causa da podridão das águas do Caima que cá viste deitarem tudo a perder dos peixes e feijão nem falar e assim os gastos são todos para fora, por mor da fábrica de papel que inda é o que dá que fazer a quem cá fica até às sortes que depois tu sabes que o nosso Júlio já anda apalavrando-se para a França, tu vê se lhe escreves a desenganá-lo antes no quero à tua beira que a lonjura é maior e essas frialdades que tu cá contaste mas é outro asseio que lá na França que só me chegam notícias de desgraças com mulheres e desleixo nas casas que lá tem e os dinheiros que é uma ralação para no trazerem. O peixe anda todo morto pelo Caima abaixo e nem a roupa se lá pode corar por mor do fedor que nem os animais se lá chegam a bebêla. Todos aqui e o prior novo que me veio de bênção me perguntam de ti e eu não me vou queixar que o aconchego que me pões cala-me a boca e só te digo estas por ser a mão da Luísa mas se me deixas sem as faltas e misérias que por aqui tantas as há e até com que lhes acuda e disso me agradeça dos respeitos que me dão é como se andara a penar de viúva que vou este ano em trinta e oito anos e dei-te três filhos antes de abalares e que agora de criados nunca te dei-te manchas nas ausências e quando foram aqueles choros de abalares outra vez deste-me palavra de eu haver de ir-me a juntar-me a ti nessas terras que eu não sou mulher de medo às friuras nem às lidas e depois mandaste por escrita que esperasse teres que bastasse para a riqueza dos filhos e estares de volta maior que os mais daqui. Mas olha António de que me serve vires daí um senhor e a gente estar de gastos e sem serventia lixo rico como o do Caima e o Jorge já lá é especializado e vão-no mandar a estudos e o Júlio de partida para a guerra



sabe deus o que me rala as entranhas isso na tua falta mais os perigos dessa friura nessas serrações tu que não és homem de te cobrires com termos e deus permita que esteja em condições a camisola de lã que te mandei que já nem te sei as medidas do corpo e as tirei pelo Júlio vê-me lá bem o corpo que ele já deitou. E agora mais a nossa Cândida de professora nas freiras em Aveiro que a quem para noviça e que anda nuns choros que eu sei lá já coisas de mulher por causa do filho do Mourinhos que também está na África e que não lhe dá novas nem mandados, tal como a ti e ela está lá em Aveiro de casa posta com a madrinha e de boas roupas e bragal com o dinheiro que tu mandas. E já que esta é por mão da Luísa que lhe quero como se irmã fora também te digo que de asseada e composta como me trazes de longe não me faltam cortêsias e maus pensamentos que ainda sei luzir apesar de gasta e roída de saudades porque mulher sem homem é como terra baldia e forno de pão a alumiar sem préstimo. Cá me vou rendilhando e alindando a casa para a tua volta que nem sei se há-de ser que o pouco que me mandas dizer é sempre das tuas afadigas e ganhos e de lembrança só a aflição em que te vi de me largares e o bom aconchego que me deste já fez dois anos por Março e a gente parecia outra vez de noivos e remocados que inda hoje mo gabam não sei se de nos terem em estimação se de me enfeitarem estes bens que só ganho de te ter longe e quem sabe se me deitas a perder que eu não te quero de volta para me veres as brancas e a ruindade de velha e os modos de viúva rica por mor de ti. Adeus, António, Deus te guarde bem que hoje é o dia da sua agonia de todos os males que não te esqueças de cobrir a cabeça por mor desses toros grandes que me falaste e que te agasalhes e que não bebas mais que o que te carece por mor dessas neves. Muitas recomendações da Luísa e os teus filhos pedem-te a bênção e muitos beijos desta tua mulher que te traz na alma e no coração para sempre e tinha feito um foliar de seis ovos porque nunca sei quando pode ser a tua chegada e como da outra vez foi pelas festas e sem nenhum aviso, e beijo-te de todo o meu coração, desta tua mulher para todo o sempre, Maria Ana.

10/4/71

O Corpo

Ali estava o seu corpo adormecido, aninhado no seu descanso, tão quieto, tão presente na luz amarelada, definindo-se por seu peso e por aquele estar quieto, todo tomado de luz, sem contorno que separasse corpo e luz, os músculos lisos debaixo da pele, tão escorridos na presença quieta, quase diluídos, ninho de seu próprio descanso, prolongando os lençóis desfeitos e suas curvas frouxas de fadiga, e a cova morna do colchão, e a luz quieta e densa como pele amarela sobre a outra, enchendo o quarto até o tecto e às paredes, absorvendo em si, como corpos amáveis naquele sono, o candeeiro e a mesa baixa e os livros e as roupas, todo o quarto feito camadas sucessivas de luz e substância variada rodeando o centro, núcleo de respirar muito brando, e a tudo se propagando esse único e muito brando movimento, a pele doirada estendendo-se um pouco, no peito alto, de curva possante e com os seus mamilos quase rosados, e as costas movendo-se também com a mesma unida e certa ondulação da água mansa, as costas bem ta-

lhadas, estreitando-se do largo dos ombros até à anca com a rectidão da pedra talhada, mas de braço a braço a curva bombeada, alta e suave, que a meio se cava bruscamente como o leito dum rio, e movendo-se ainda o osso da anca, delicado, anguloso, saliente agora de sua habitual discricção no corpo que repousa de lado e se debruça, leve, cavando um pouco a cintura, escondendo o ventre e a densa doçura dos pêlos mornos, e um pouco o sexo, alteando o redondo — no entanto severo, cinzelado — das duas nádegas estreitas, aparecendo depois o sexo entre as duas pernas que se abrem, uma estendida sobre a cama e a outra levemente flectida, esvaindo-se a coxa da anca alteada até à cama, onde o joelho pousa, e af segue a perna tão abandonada no lençol que quase o fere com seu peso, e entre as coxas, renascendo da sombra do ventre escondido, e que se estende como savana cálida, que em si retém o amarelo da luz, na curva nascente das nádegas, nas coxas, nas pernas, entre as coxas e o seu sexo, os dois pequenos pomos cuja firmeza se desenha na pele branda e a corola recolhida de seu pênis adormecido.

18/5/71

Alba

Maria atira para trás o lençol, devagar: o calor do quarto empasta-lhe os cabelos num brando suor, às ténporas, ao pescoço, aos ombros, sobre a almofada; volta-se, consciente do silêncio da casa, do jardim imenso. O terrível silêncio do bosque:

"O bosque com as suas lenas sombras, as suas ternas saliências, o seu verde húmido de água; dunas. As suas dunas de pássaros adormecidos. A sua dormência uterina, a sua voragem quase monstruosa onde mergulharia, se envolveria, despida de si por completo.

— Mas que bosque, Maria, que loucura que invenção? — diz ele enquanto a acaricia, lhe beija os peitos soltos sob o fato, não querendo ou podendo reparar-lhe no vazio dos olhos, no crispado dos lábios, na indiferença dos braços. No medo crescente, todos os dias maior, possessivo, envolvente, radical, por dentro das pupilas verdes, toldadas; um verde cinzento já sem transparências.

Uma manhã em que Ana se lhe demorou mais no colo, disse baixo, como se fosse um segredo entre as duas:

— "Anda minha filha, vamos para o bosque".

Depois riu-se, baixo, e correu as mãos pelo rosto, indo encostar a testa nos vidros mornos da janela que dava para o jardim imenso com as suas dalias, os seus crisântemos, os seus alucinantes malmequeres amarelos, a perder de vista.

— Que bosque, Maria? Mas que bosque... que caminho? Ali é o portão, depois as casas, as pessoas, Maria; mas que bosque estás sempre a inventar, que domínio, que bosque, meu amor; que rio, que desatino?

Maria atira para trás o lençol de linho branco, devagar; o calor da tarde agarre-se-lhe à pele, ao sono mal desfeito ainda, ao corpo que a camisa de noite, de tom rosado, dormente, exhibe mais do que se estivesse nu.

Maria sai da cama, escorrega para o chão as pernas altas, levanta os braços e despe-se, entontecida, numa leve, leve tontura ou náusea a tomar conta de si... De pé, espera um breve segundo antes de contornar a cama, afastar os cortinados brancos, na ren-

da larga, trabalhada; os cortinados assim como os lençóis, de branda fragância suspensa; os cortinados assim como a casa, de macia transparência a delinear a nudez, a delinear as ancas. As pernas longas, pálidas, tensas, vergam-se ao de leve, mas logo se firmam a aguentar do corpo o peso; as ilhargas quentes, secas, lentas; a cintura recurvada aos dedos, a toda a violência.

E brandos são os pés agora no lajedo aceso do terraço, sob o sol. Brandos no passo incerto, breve. Sereno o movimento posto de vidro no gesto cauto, vigilante.

Largo o risco traçado pela sombra que o corpo projecta, remove, doma, cresce e floresce na própria sombra. Enquanto Maria agora desce novamente, transpõe o perigo dos outros e desce ainda, no bosque que tão bem conhece, embora lá nunca tenha na realidade ido. Que meigas folhas a roçar os lábios, os seios na terra onde pernoita o tempo, o corpo recolhido, acolhido na erva, à mistura com o sabor ácido do rio. Maria fecha os olhos e sabe que adormece, ali tão a resguardo, tão tranquila, tão esquecida de tudo, tão desarmada, os joelhos erguidos, junto à boca, como nela estivera já a filha.

Querida Mãe:

Mando-lhe a Ana que aqui não pode continuar. Tome conta dela, distraíndo-a do que por cá se passou e ela viu.

Maria parece ter enlouquecido (poucas esperanças de curá-la nos dão os médicos) e o Francisco nega-se à verdade, os dias metido no quarto dela, onde se fica em silêncio a olhá-la como se a quisesse despertar para a vida.

Ralo-me por ele, no entanto não te preocupes de mais, que eu me encarregarei de o convencer (conheço meu irmão) a internar Maria numa clínica.

Não fales à Ana, da mãe, é preferível que comece já a esquecer-la, pois melhor seria não lembrá-la nunca como sempre foi.

Bem sabes que jamais previ algo de bom deste casamento. Mas agora que aqui estou, tudo se arranjará e há-de voltar a dantes.

De volta espero levar-te o Francisco. Prometo-te. Entretanto vou dando notícias.

Beijo-te afectuosamente. Tua filha dedicada, Mariana

9/4/71

Relatório Médico-Psiquiátrico sobre o estado mental de Mariana A.

O Conselho Médico-Psiquiátrico do hospital de (...) foi incumbido de examinar o estado mental de Mariana A., que deu entrada na tarde de 16 de Agosto do ano de (...), neste hospital onde ficou internada.

Mariana A., de 25 anos de idade, casada, nasceu em Beja e vive em Lisboa há cerca de 3 anos. Sabe-se que o pai se suicidou e a mãe, senhora muito religiosa e austera, tem hoje 50 anos. Deste casamento nasceram três filhos: duas raparigas e um rapaz, vivendo a rapariga mais velha e ainda solteira com a mãe. A doente, até há três anos, mais precisamente até 20 de Maio de (...) data do seu casamento com António C., hoje em serviço de soberania no Ultramar, vivera também na casa materna. Segundo suas próprias informações, dava-se ela muito mal com a progenitora, preferindo esta claramente os outros dois filhos, em especial a filha mais



velha, com quem se entende muito bem desde sempre.

Estes dados tal como os que se seguem, são importantes, na medida em que podem vir a esclarecer o estado mental da doente, ou as causas que a levaram ao acto que praticou, acrescentando-se desde já, nunca Mariana A. ter dado, segundo a família e atestados médicos, sintomas de alienação, ou tendência para aberrações sexuais. Tendo desde criança uma cuidada e rígida educação católica, fez seus estudos em colégios de freiras, cumprindo sempre com a rígida moral lá estabelecida. No entanto, a meio da tarde do dia 16 do mês de Abril do corrente ano, Mariana A., deu entrada de urgência neste hospital, acoplada com um cão. A doente que se encontrava em estado de histeria, era acompanhada pelos sogros que prestaram as seguintes declarações:

"Estávamos a repousar depois do almoço, quando ouvimos gritos e choros vindos do quarto da nossa nora. Quando conseguimos abrir a porta, não entendemos logo o que se passava, imaginando primeiro que Mariana estivesse a ser atacada pelo animal e corremos para a ajudar, então... bem, não quisemos acreditar, percebe, ela era tão sossegadinha, tão ajuizada, sempre fechada em casa a escrever ao marido! Nós até lhe dizíamos que devia sair connosco para apáñar um pouco de ar... Claro que nunca a deixáramos sair sozinha ou mesmo com alguma amiga, aliás ela não chegou a fazer amigas em Lisboa, o nosso filho era muito metido consigo, gostava só de se dar com pessoas que conhecesse bem, em tudo que dizia respeito à mulher, então, era bastante esquisito, mas ela até parecia gostar disso. Muito ensimesmada desde que o nosso António foi para África, não dormia de noite, nem se alimentava o suficiente, estava-mos até para a levar ao médico".

Mariana A., durante os primeiros dias recusou-se a fazer quaisquer declarações, chorando, gritando quando não estava sob o efeito de hipnóticos. Em seguida caiu num mutismo que parecia não ceder aos tratamentos a que era sujeita. Hoje já presta declarações, recusando-se no entanto a falar do que a levou a cometer o acto que a fez ser internada, não querendo igualmente referir-se ao marido, nem ao seu casamento. Caso se insista, parece deixar de ouvir, os olhos fitos num ponto fixo, assim podendo ficar horas. Comunicando-nos as enfermeiras que Mariana A. monologava bastantes vezes alto quando se julgava sozinha no quarto, recorreu-se a gravações. Transcrevemos adiante uma das que nos pareceu maior interesse:

"Tu nunca percebeste nunca. A minha mãe dizia é pecado a carne é luxúria e mesmo contigo o era. Foste sempre uma prisão alguma vez pensaste em me ouvir? E agora longe estes anos todos. Anos e anos e eu que fazia? Que fazia desses dias de todo esse tempo em que a única luz seriam as tuas cartas onde tudo me explicavas em por menor te gabavas de coragem feitos de armas riço e das lutas que para ti são já divertimentos um jogo ou como se em caçadas se tornassem elas. Daí a fotografia que me enviaste onde apareces sorrindo e os teus pais mandaram encaixilhar e está na sala em cima do piano. É luxúria dizia minha mãe é pecado a carne e mesmo contigo eu sentia que o era quando gozava e só eu sei como me tentava retrain. E depois todos estes anos



a pesarem-me no ventre todos estes pensamentos estes desejos estas idéias a tua mãe a vigiar-me o teu pai a ler o que eu te escrevia e o que tu me mandavas dizer. E tu como uma prisão sempre como uma prisão e eu a criar-te horror a criar-te todo este asco todo este enorme medo”.

Resumo:

- 1º — Mariana A. não é alienada.
- 2º — Não apresenta qualquer indício de tara sexual.
- 3º — O acto que aqui a trouxe pode ser atribuído apenas a um grave desequilíbrio de ordem nervosa, cujas causas devem ser aprofundadas a fim de se poder tentar curar a doente.

Hospital de (...), 30 de Dezembro de (...).

1/5/71

O Cárcere

Andava entre as quatro paredes, que tinham bolhas de salitre e grandes manchas acastanhadas, arrastando os pés nas lajes. Percorria aquele chão ao longo do dia, sempre e sempre, e também com as mãos e com os joelhos, e o não levantar os pés era cansaço, mas mais ainda esforço desnecessário num chão todo conhecido.

Num canto estava o pequeno fogareiro e a marmitta amolgada, bens com muito esforço conseguidos. Na outra parede ficava o catre, com o enxergão duro e cheio de nós, tapado pelo único cobertor, esburacado, pudro de tantas lavagens e relavagens, agora outra vez cheio de nós, com pastas de terra seca e bosta agarradas, das suas botas, pois ele quando vinha muitas vezes se sentava ali, resfestado, juntando aos restantes insultos o esfregar acintuoso das botas sujas nos buracos do cobertor.

Pouco mais havia naquele espaço estreito, e dentro dele o seu cuidar e ocupar-se com tudo e com nada, vai e vem de dia lento que chegava até ao pátio, estreito também, com a bacia de água suja e tufo de ervas daninhas.

Quando ele entrou percebeu-lhe o olhar mau dos dias em que choviam novas acusações, novas suspeitas, renovadas injúrias. Refastelou-se no catre e deixou no cobertor uma pastada nova, esta de alcatrão mole, que teria que ser raspada com algum pau seco apanhado no pátio, e depois esfregado, com que, talvez com terra seca para lhe tirar a gordura peganhenta.

— Tens isto que é um nojo, nem sequer lavaste o chão — assim começou ele, e depois exigiu-lhe a marmitta, “ah, cozeste batatas?”, e comeu as batatas todas, com as mãos, limpando-as da água da cozedura e dos restos de batata às bordas do cobertor, outra vez, e depois — mas porquê contar pormenores e suas sequências, tudo foi provocação, tática de extrair o pretexto do seu silêncio, difícil de romper, intacto ainda quando olhou a marmitta vazia, apenas chocalhando a água turva no fundo, e ele dizendo “despeja isso depressa que não admito porcaria aqui”, e o seu estômago vazio, com um ardor ácido, o seu silêncio intacto ainda, e ele repetindo “depressa, ouviste, o que são esses modos, a arrastar os pés, quero respeito”, espiondo o seu silêncio e os seus gestos, buscando o mínimo pretexto que lhe permitisse passar ao ataque, à brutalidade, e o que foi seu gesto ou sua resposta não interessa, talvez lhe tenha efectivamente chamado polícia ou bruto, ou polícia bruto ou coisa parecida, mas se não fosse isso o pretexto seria outro, viriam os

interrogatórios sobre a sua vida toda, a sua vida toda, os seus passos, as suas conversas, até os seus olhares, em tudo era posta suspeita de conspirações e crimes, e ele saltou do catre com as suas botas pesadas, e começou a dar-lhe pontapés meticulosamente, primeiro nas canelas, depois nas coxas, depois no sexo, as botas subindo sempre, à medida que o seu corpo se dobrava, se curvava, se enrodilhava, subindo também aquele ardor, aquele abrir da carne a medusas ácidas que se instalavam estendendo uma rede de quimaduras que alastravam como tentáculos, e do meio dessa ferida na carne subindo um raio fino que vinha espetar-se na cabeça, na nuca, atrás dos olhos, o seu corpo todo feito numa massa mole, desconhecida, só a si ligada pela dor, e os pontapés subindo sempre pela barriga, pelo peito, pelas costas, pela cabeça, quando esta roçou o chão já exausta, julgando-se no limite daquela decomposição interior, mas tudo foi ainda novo choque súbito, novo existir só por aquele partir e esmagar por dentro, com pontapés nos olhos, na boca, no nariz, até que deixou de ver, tudo foi escuro, e ali ficou no chão, inchando e sangrando.

Quando voltou a si, julgou ainda ouvi-lo repetir “é isso que pensas, que te atreves a dizer, é isso?”, som monótono que incantara a sua descida ao abismo. Mexeu a boca devagar, junto ao chão, e pelo silvo soube que tinha dois dentes partidos, e lembrou-se de tudo, sim, porque dissera aquilo, lembrou-se de quando o José fora preso e soado, soado na prisão, e como todos eles tinham protestado então, com alarido e com ódio aos polícias, e viera mesmo um senhor com um papel para se assinar o nome a protestar, e o José ainda tinha feito qualquer coisa, rixa, ou propaganda contra a polícia ou assim, mas por mim, senhores, não há papéis nem zangas, e porque me trata ele assim, a mim, que lhe cozo as batatas, que lhe trato da roupa e que pari os seis filhos que ele me fez?

17/5/71

Carta de um homem chamado José Maria para António, seu amigo de infância

António:

Espero que esta carta te vá encontrar de boa saúde em companhia de tua mãe minha madrinha e na da tua irmã Joana, que eu por enquanto cá me tenho safado sem mal pior graças a Deus.

Como te tinha prometido aqui estou a mandar-te umas linhas por via de te dizer disto para veres com o que contas se vieres calhar a estes sítios que podiam ser melhores pois do calor nos vêm febres e nas missões chegamos a ter lama até às partes e mal podemos andar também com o peso das armas e o medo das emboscadas. Outro dia houve um que ficou sem os tomates e o Francisco da tia Maria da Abelha, lembrestes? nem se lhe conhecia a cara. Pensar que era até para se ter ido embora pois quando cheguei já estava no fim do tempo e logo no último dia em que foi ao mato lhe rebentou aquela mina!

Há quem diga que a gente tem de se conformar com a vida mas eu não me conformo em ficar aqui ainda estes anos todos e muitas vezes dou comigo a magiar coisas que nem sabes e de noite então é pior. Ao princípio pensava ser por causa do calor que não dormia mas afinal não é só do calor não senhora então digo com os meus botões “tens de te distrair homem” mas onde vai um homem arranjar distrações nestas terras de diabo? que mulheres não faltam porém não sou dado a isto o que queres tenho mesmo medo de se me pegar alguma doença

pois todos se vão a elas. Algumas são por sinal muito boas as gajas com as mamas direitas assim nuas e às vezes a gente fica tão doido que não se interessa do cheiro ou da cor delas ... que somos todos iguais ... bem sei ... mas faz-me impressão e fico cá a remoer depois de me pôr nelas estes pensamentos ... Então os tiros a modos que dão comigo em maluco e só tenho ganas de fugir e assim cada vez me agacho mais e se te estou a desabafar dos meus fundos é porque não posso deixar de te escrever estas linhas e não só pelas nossas combinações mas também por mor da tua irmã Joana.

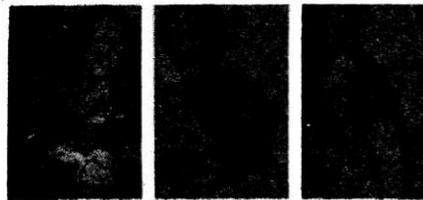
A rapariga põe-me o juízo a arder tem cabelo na venta o raio. Molda de orgulhos e teimosa como que mete-se-lhe na cabeça que não casa “é melhor acabar com tudo” e mais isto e mais aquilo a fazer-se senhora lá porque tem estudos e agora já não lhe sirvo que eu na altura disse à tua mãe minha madrinha “ponha-a é na costura se tem saúdes fracas e nasceu fina de mais para o campo. Isso de estudos não me agrada”. Mas ela teimou e a fidalga D. Mariana toda finuras e falinhas doces a puxá-la lá para casa a pôr-lhe laços e vestidos e dar-lhe livros ... a estragá-la a estragá-la que nunca mais foi a mesma. E bem sabes que a gente éramos conversados desde pequenos e agora se me pôs a tua irmã a mandar cartas dessas de acabar.

Peço-te da minha parte que trates com ela mas pelo jeito do bem que pelo mal já sabes que não se leva a melhor com a Joana.

António segue esta carta pelas mãos do Manuel das Vinhas que aproveita combinar contigo a venda de uma propriedadezinha de que se quer desfazer. Agora que acabou com as guerras diz ele querer acabar também com o amanho da terra.

Por hoje não te cheteio mais dá recomendações à tua mãe minha madrinha e tu recebe um aperto de mão deste que se despede e assina, José Maria.

18/5/71



A Filha

Mãe:

Veio pedir-me o António que te vá ver e te perdoe ... Pedir-me-ás tu, também, que te perdoe? Esperarás tu, que me incline sobre essa cama onde já começaste a apodrecer e te beijes a testa a fim de morreres tranquila?

Mas que direito tens tu de morrer tranquila, de fechares os olhos em paz e a tua vida acabar sem a faca do remorso a revolver-se-te no peito! Não basta ser-se mãe: não basta ter-se trazido um filho na barriga para que ele nos venha a amar, porém para que nos venha a odiar quanto mal não se lhe terá feito ...

Desconheces, por certo, o peso do meu ódio, não por que te tenha ocultado, mas porque jamais te pude ferir com o meu gume, impotente para isso; tens, no entanto, consciência do crime que fizeste: hoje nega-me meu filho, que me olha como a uma louca de quem se tem pena. Imagino o que lhe terias dito, como deturpaste o que se passou. Juntamente com o António criaste-o à tua maneira, alegremente rindo do meu desgosto e ansia de apertar nos braços esse filho que me tiravam, coniventes, ambos carrascos e juizes, unidos a fim de me fazerem sofrer e

sob o vosso poder me internarem aqui, onde agora me vieram procurar para perdoar-te o “castigo” que me destes ...

Castigo? Mas que castigo merecia eu?

Acaso será a mulher obrigada a suportar a um homem todas as humilhações só porque ele é marido: dono, senhor? Acaso o se nascer mulher significa ser-se infeliz e aguentar uma carga que ultrapassa a sua capacidade de carregamento?

Enganaram-se, de minha boca nunca ouvirás uma palavra que em alguma coisa se possa aproximar do perdão. Pelo contrário: até à morte e mesmo depois dela, seguir-te-á o meu ódio: pois não me condenaste para todo o sempre a esta prisão onde me puse-ram por louca?

E pode-se, mãe, pedir a lucidez de um verdadeiro perdão, a uma demente?

Perdão de quê e porquê, afinal? Não são vocês normais e eu demente? Nada terei, então, a perdoar-te, podes morrer com o meu ódio sem que isso te impressione sequer como aliás tem sido teu hábito, não será assim?

Sabe, no entanto, que se para me libertar me prendi entre estas grades, não me arrependo ... somente que imprudência a minha não contar com as vossas garras e o peso das leis! Recusei-me a usar a astúcia, única arma que se permite à mulher, usei antes da lealdade numa luta onde só se apunhala pelas costas.

E mais uma vez falho, mãe, na guerra de nós duas, sei bem que jamais esta carta te chegará às mãos ...

Mas que estranha carta para ser escrita por uma louca, António ... não quererás tu igualmente um dia o meu perdão? Nessa altura dar-te-ei todo o ódio, intacto e cheio, repleto de mais ódio, tal como agora o dou a minha mãe a quem nunca lerás estas linhas mal traçadas pela minha mão desacomumada ao hábito de segurar uma caneta.

Nada te impede de me leares (eu sei) à força, como me trouxeste, até junto da cama dessa mulher para que ela me veja e na sua meia-morte entenda a minha presença como de perdão. Então, podes estar certo, António, que ao lhe cuspir na cara estarei a agradecer sinceramente a oportunidade que me deste de o poder fazer. Mariana.

10/6/71

Terceira carta última

Escreve-vos, irmãs, carta última, porque muito instou comigo uma de vocês para que o fizesse.

Falta-me, pois, a vontade de vos dizer: acabámos e tirámos disso conclusões, assim como me falta coragem de unir minhas mãos às vossas a fazer convosco uma roda de riso.

Também me falta a vontade de vos (nos) acusar, empurrar, cravando devagar as palavras na vossa (minha) pele.

O que nos resta depois disto? Mas o que nos restava antes disto? — Penso que bastante menos; muito menos, mesmo.

Solidão com vocês, nossa camaradagem que não tecemos em tear alheio e muito menos se de macho, pois de homem gostamos (e muito) mas jamais a esconças e somente se não marialva (o que é difícil, convenhamos ...) e afinal nos rimos!

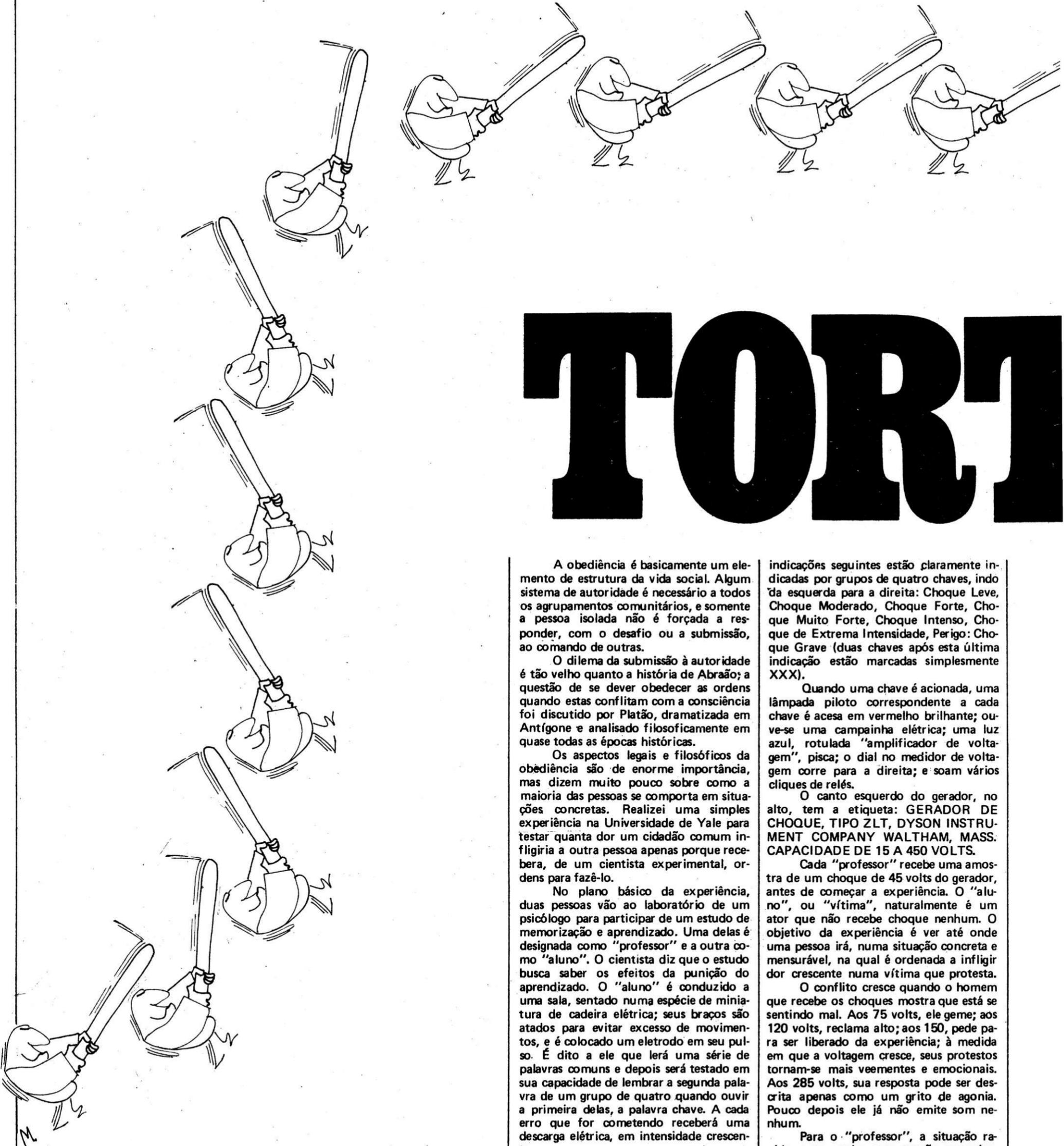
Ah! irmãs, se nos rimos!

E hoje (como tantas vezes) vos confesso a minha perplexidade perante o mundo, o meu medo, a minha raiva, a minha voracidade de tudo. O meu amor nunca cansado mais inútil.

Desacerto das coisas e nas pessoas ...

E em boa verdade vos digo: que continuamos sós mas menos desamparadas.

25/11/71



TORI

A obediência é basicamente um elemento de estrutura da vida social. Algum sistema de autoridade é necessário a todos os agrupamentos comunitários, e somente a pessoa isolada não é forçada a responder, com o desafio ou a submissão, ao comando de outras.

O dilema da submissão à autoridade é tão velho quanto a história de Abraão; a questão de se dever obedecer as ordens quando estas conflitam com a consciência foi discutido por Platão, dramatizada em Antígone e analisado filosoficamente em quase todas as épocas históricas.

Os aspectos legais e filosóficos da obediência são de enorme importância, mas dizem muito pouco sobre como a maioria das pessoas se comporta em situações concretas. Realizei uma simples experiência na Universidade de Yale para testar quanta dor um cidadão comum infligiria a outra pessoa apenas porque recebera, de um cientista experimental, ordens para fazê-lo.

No plano básico da experiência, duas pessoas vão ao laboratório de um psicólogo para participar de um estudo de memorização e aprendizado. Uma delas é designada como "professor" e a outra como "aluno". O cientista diz que o estudo busca saber os efeitos da punição do aprendizado. O "aluno" é conduzido a uma sala, sentado numa espécie de miniatura de cadeira elétrica; seus braços são atados para evitar excesso de movimentos, e é colocado um eletrodo em seu pulso. É dito a ele que lerá uma série de palavras comuns e depois será testado em sua capacidade de lembrar a segunda palavra de um grupo de quatro quando ouvir a primeira delas, a palavra chave. A cada erro que for cometendo receberá uma descarga elétrica, em intensidade crescente.

O objetivo real da experiência é o "professor". Após ver o "aluno" atado à cadeira, o "professor" se sentará diante de um impressionante gerador de choques. O painel de instrumentos consiste de trinta chaves elétricas dispostas em linhas horizontais. Cada chave está claramente rotulada com uma designação de voltagem, indo de 15 até 450 volts. As

indicações seguintes estão claramente indicadas por grupos de quatro chaves, indo da esquerda para a direita: Choque Leve, Choque Moderado, Choque Forte, Choque Muito Forte, Choque Intenso, Choque de Extrema Intensidade, Perigo: Choque Grave (duas chaves após esta última indicação estão marcadas simplesmente XXX).

Quando uma chave é acionada, uma lâmpada piloto correspondente a cada chave é acesa em vermelho brilhante; ouve-se uma campainha elétrica; uma luz azul, rotulada "amplificador de voltagem", pisca; o dial no medidor de voltagem corre para a direita; e soam vários cliques de relés.

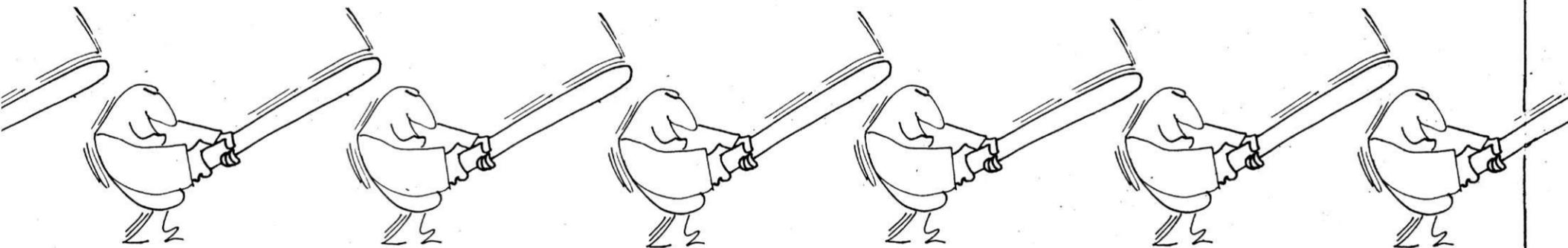
O canto esquerdo do gerador, no alto, tem a etiqueta: GERADOR DE CHOQUE, TIPO ZLT, DYSON INSTRUMENT COMPANY WALTHAM, MASS. CAPACIDADE DE 15 A 450 VOLTS.

Cada "professor" recebe uma amostra de um choque de 45 volts do gerador, antes de começar a experiência. O "aluno", ou "vítima", naturalmente é um ator que não recebe choque nenhum. O objetivo da experiência é ver até onde uma pessoa irá, numa situação concreta e mensurável, na qual é ordenada a infligir dor crescente numa vítima que protesta.

O conflito cresce quando o homem que recebe os choques mostra que está se sentindo mal. Aos 75 volts, ele geme; aos 120 volts, reclama alto; aos 150, pede para ser liberado da experiência; à medida em que a voltagem cresce, seus protestos tornam-se mais veementes e emocionais. Aos 285 volts, sua resposta pode ser descrita apenas como um grito de agonia. Pouco depois ele já não emite som nenhum.

Para o "professor", a situação rapidamente ganha uma tensão opressiva. Não é um jogo para ele; o conflito é intenso e óbvio. O sofrimento manifesto do "aluno" pressiona-o para que desista; mas cada vez que ele hesita em aplicar um choque, o cientista ordena-lhe que continue. Para se livrar dessa situação, o "professor" precisa adotar uma clara atitude de rompimento com a autoridade.

Gretchen Brandt (o nome foi troca-



Stanley Milgran, o autor deste artigo, leciona psicologia na Universidade de Nova Iorque e fez as experiências aqui relatadas quando era professor na Universidade de Yale. Ele mostra como a maioria das pessoas prefere ferir seus semelhantes do que desobedecer à autoridade. Isto é, que dentro de cada um de nós existe um

ERRADOR

do por motivos éticos) é uma atraente médica de trinta e um anos de idade que trabalha em Yale. Ela chegou da Alemanha há cinco anos.

Em várias ocasiões, quando o aluno reclama, ela volta-se calmamente para o cientista e pergunta: "Devo continuar?". E prontamente volta a sua mesa quando o cientista manda que continue. Na aplicação do choque de 210 volts, ela vira para o cientista e declara com firmeza, "Bem, sinto muito, mas acho que não devemos continuar".

CIENTISTA: A experiência exige que você continue até que ele tenha aprendido todos os pares de palavras corretamente. BRANDT: Ele tem um problema de coração, sinto muito. Ele lhe disse isso antes. CIENTISTA: Os choques talvez sejam doloridos, mas não são perigosos.

BRANDT: Bem, sinto muito. Acho que quando os choques são assim contínuos, eles são perigosos. Pergunte-lhe se ele quer desistir. É a vontade dele.

CIENTISTA: É absolutamente essencial que continuemos. . .

BRANDT: Gostaria que perguntasse a ele, viemos aqui de livre e espontânea vontade. Se ele quer continuar, eu vou em frente. Ele lhe disse que tinha um problema cardíaco. Sinto muito. Não quero ser responsável por nada que venha acontecer a ele. Aliás, eu não gostaria que fizessem isso comigo.

CIENTISTA: você não tem outra escolha.

BRANDT: Eu acho que estamos aqui por nossa vontade. Não quero ser responsável por nada que aconteça a ele. Por favor, entenda isso.

Ela se recusa a ir adiante e a experiência está terminada.

A mulher é firme e resoluta através de toda a experiência. Sua entrevista indica que nunca ficou tensa ou nervosa, e isso corresponde a sua aparência controlada durante o teste. Ela sente que o último choque que aplicou no "aluno" foi extremamente doloroso e repete que "não queria ser responsável por nenhum mal que viesse a acontecer a ele".

O comportamento honesto e atencioso da mulher no teste, a falta de tensão

e o controle total sobre os seus próprios atos, parecem fazer da desobediência um fato simples e racional. Seu comportamento é a expressão correta do que previu que constataria em todos os testados.

Antes de começar as experiências, fui ouvir palpites de vários tipos de pessoas sobre os resultados — psiquiatras, estudantes, adultos da classe média, estudantes graduados e catedráticos em ciências comportamentais. Com incrível unanimidade, eles prognosticaram que virtualmente todos os testados se recusariam a obedecer o cientista. Os psiquiatras, especificamente, previram que a maioria dos testados não iria além dos 150 volts, quando a vítima fizesse o primeiro pedido para ser liberada. Eles esperavam que apenas 4% chegassem aos 300 volts, e que apenas uma minoria patológica — por exemplo 1/1000 — aplicaria o maior choque do painel.

Essas previsões estavam totalmente erradas. Dos 40 testados na primeira experiência, 25 obedeceram às ordens do cientista até o final, punindo a vítima até alcançar o choque mais potente indicado pelo painel. Depois que os 450 volts foram aplicados 3 vezes, o cientista suspendeu a sessão. Muitos "professores" obedientes, soltaram então suspiros de alívio, franziram as sobrancelhas, esfregaram os olhos, ou nervosamente acenderam um cigarro. Outros mostraram apenas mínimos sinais de tensão, do começo até o fim.

Quando o primeiro dos testes foi realizado, foram usados estudantes de Yale como "professores", e cerca de 60% foram completamente obedientes. Um colega meu imediatamente minimizou o resultado dizendo que os estudantes de Yale são altamente agressivos, um bando de jovens competitivos que pisam na cabeça uns dos outros à menor provocação. Ele me assegurou que quando testasse pessoas "comuns", os resultados seriam bem diferentes. À medida em que passamos dos estudos-piloto à série de experiências regulares, foram contratadas pessoas de todas as camadas sociais da vida de New Heaven: profissionais liberais, executivos, desempregados e operários. O

resultado da experiência foi o mesmo que havíamos observado entre os estudantes.

Além do mais, quando as experiências foram repetidas em Princeton, Munique, Roma, África do Sul e Austrália, o nível de obediência foi invariavelmente um tanto maior do que o verificado na pesquisa relatada neste artigo. Um cientista de Munique constatou que 85% de seus testados foram obedientes.

As reações de Fred Prozi, embora mais dramáticas que a maioria, ilustram os conflitos sentidos por outros de forma menos visível. Com cerca de cinquenta anos de idade, e desempregado na época da experiência, ele é do tipo bonachão, embora levemente dissoluto na aparência e com o costume de esmurrar as pessoas mais ou menos corriqueiramente: Ele começa a sessão normalmente, mas torna-se tenso à medida em que prossegue. Após aplicar o choque de 180 volts, ele se remexe na cadeira, sacode a cabeça e dirige-se ao cientista em tom agitado:

PROZI: Eu não aguento. Não vou matar esse homem aí. O senhor não ouve ele gemendo?

CIENTISTA: Como eu lhe disse antes, os choques podem ser dolorosos, mas . . .

PROZI: Mas ele está gemendo. Ele não aguenta. O que vai acontecer a ele?

CIENTISTA: (sua voz é paciente, frizese): A experiência exige que o senhor continue, Professor.

PROZI: Aaah, mas unh, eu não vou machucar esse homem doente aí — tá entendendo?

CIENTISTA: Agradando ou não ao aluno, devemos continuar, até o último par de palavras.

PROZI: Me recuso a assumir a responsabilidade. Ele está gemendo!

CIENTISTA: É absolutamente essencial que continue, Prozi.

PROZI: (indicando as perguntas ainda por fazer) Ainda há muitas aqui, quero dizer, Jesus, se ele responde alguma errada, ainda tem muitas delas. Quero dizer, quem vai assumir a responsabilidade se alguma coisa acontece a esse cavalheiro?

CIENTISTA: Eu sou o responsável por qualquer coisa que aconteça a ele. Continue por favor.

PROZI: Tá bom. (consulta a lista de palavras) As próximas são "Lento — caminhar, caminhão, dança, música". Responda, por favor. (uma campanha indica que o aluno marcou a resposta) ERRADO. 195 volts. "Dança". (Zzumpf)

ALUNO: (gritando) Me soltem daqui! Meu coração! (o "professor" olha para o cientista)

CIENTISTA: Continue, por favor.

ALUNO (berrando): Me soltem daqui! Vocês não têm o direito de me manter aqui! Me deixem sair! Meu coração, me soltem!

PROZI: (sacode a cabeça, tamborila na mesa nervosamente): Veja, ele está mal, não tá ouvindo? Deus, eu não sei não . . .

CIENTISTA: A experiência exige . . .

PROZI (interrompendo): Eu sei que exige, senhor, mas quero dizer — hum! Ele não sabe o que está recebendo. Está chegando nos 195 volts! (a experiência continua, vai aos 210 volts, 225, 240, 255, 270 volts, ponto no qual Prozi, com alívio evidente, termina a lista.)

CIENTISTA: Você vai ter que voltar ao começo dessa última página de novo, até que ele aprenda todas direitinho.

PROZI: Ah, não! Eu não vou matar esse homem! O senhor quer dizer que eu tenho que aumentar ainda mais? Não senhor. Ele está gemendo ali. Eu não vou meter um 450 volts nele.

CIENTISTA: A experiência exige que continue.

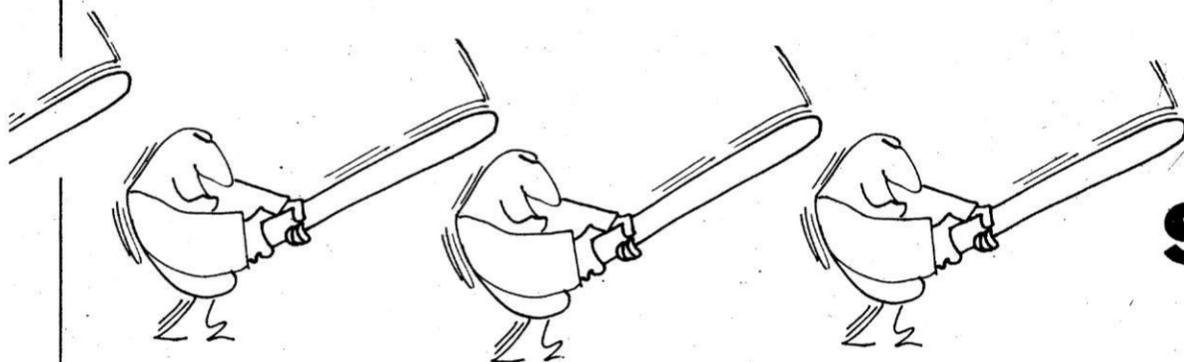
ALUNO: Ohhh! Me recuso a continuar respondendo! (gritando, seguidamente agora) Me soltem daqui! Não podem me segurar mais aqui! Me soltem! Me soltem-já-daqui!

CIENTISTA: Continue. A próxima palavra é "verde", por favor.

PROZI: "Verde — grama, chapéu, tinta, maçã. (Não acontece nada. A campanha de resposta não soa. Apenas um melancólico silêncio.)

PROZI: Não acho que ele vá responder.

CIENTISTA: Se o aluno não responde num tempo razoável, mais ou menos 4 ou 5 segundos, considere a resposta errada. E siga o mesmo procedimento que tem seguido para respostas erradas. Diga "erra-



“Você pode se chamar de Eichmann”

do”, diga-lhe o número de volts, aplique-lhe a punição e leia para ele a resposta correta. Continue, por favor.

PROZI: “Verde — grama, chapéu, tinta, maçã”. Responda, por favor! (mais silêncio).

CIENTISTA: Siga com o procedimento, por favor.

PROZI: 315 volts. A resposta é “tinta”. (Zumpf!)

ALUNO: Ohh! Ooohh!

PROZI: (pulando a resposta): A próxima ...

ALUNO: Me recuso a responder!

PROZI: Você tem que responder! Você toma um choque, se não responder! (a experiência continua, com o aluno se recusando a responder e finalmente, parando até com os gemidos ou lamentações.

Aos 375 volts o “professor” se levanta).

PROZI: Eu acho que está acontecendo alguma coisa com esse cara. Não estou recebendo nenhuma resposta. Ele estava gemendo na última voltagem. Não dá para o senhor dar uma checada nele e ver se tá tudo okey, por favor.

CIENTISTA: (com a mesma desinteressada calma): Não, uma vez que começamos. Por favor, continue, Professor.

PROZI (senta suspira profundamente): “Frio — dia, sombra, água, pintura”. Responda, por favor! Você está bem aí? Você está bem.

CIENTISTA: É favor continuar, Professor. Continue, por favor. (O “professor” puxa a chave. Zumpf!)

PROZI (contorcendo-se na cadeira): Alguma coisa está acontecendo com esse homem aí. (se remexe). Próxima. “Baixo — dólar, gravata, Lua, pintura”. (remexendo-se de novo) Alguma coisa está acontecendo para esse homem. É melhor examiná-lo, meu senhor. Ele não responde, nem nada.

CIENTISTA: Continue. Prossiga, por favor.

PROZI: O senhor aceita esta responsabilidade toda?

CIENTISTA: A responsabilidade é minha. Exatamente. Por favor, continue. (O testado volta à lista, começa a correr com as palavras, lendo o mais rápido que pode, palavras até os 450 volts.)

PROZI: Pronto acabou.

CIENTISTA: Continue usando a chave de 450 para cada palavra errada. Continue, por favor.

PROZI: Mas eu não estou obtendo resposta nenhuma!

CIENTISTA: Siga, por favor. A próxima palavra é “branco”.

PROZI: Por favor, o senhor não acha que devia dar uma olhada nele?

CIENTISTA: Não, uma vez que a experiência foi começada.

PROZI: E se ele morrer aí? (gesticula, apontando a cadeira elétrica). Quero dizer, ele me disse que não pode suportar choques, senhor. Não quero ser mal educado, mais acho que o senhor devia dar uma olhada nele. Tudo o que o senhor

precisa fazer é dar uma olhada nele. Tudo o que o senhor precisa fazer é dar uma olhada da porta. Não estou recebendo nenhuma resposta. Alguma coisa deve estar acontecendo a esse cavalheiro, senhor.

CIENTISTA: Devemos continuar. Siga, por favor.

PROZI: Como, continuar dando a ele o quê? 450 volts?

CIENTISTA: É isso mesmo. Continue. A próxima palavra é “branco”.

PROZI: (agora num tom furioso) “Branco — nuvem, cavalo, pedra, casa”. Responda, por favor. A resposta é cavalo. 450 volts. (Zumpf!) Próxima palavra, “Saco — pintura, música, palhaço, garoto”. A resposta é “pintura”. 450 volts (Zumpf!). Próxima palavra, “Curto — sentença, cinema...”

CIENTISTA: Desculpe, Professor. Temos que interromper a experiência.

Morris Braverman, outro que foi testado, é um assistente social de 39 anos de idade. Ele parece mais velho do que é por causa da careca e do ar grave. Suas sobrelombas são carregadas, como se toda a carga do mundo estivesse sobre seus ombros. Ele parece inteligente e interessado.

Quando o aluno se recusa a responder e o cientista diz a Braverman para ameaçá-lo, que a falta da resposta é o equivalente a uma resposta errada, Braverman acata a ordem ao pé da letra. Antes de aplicar 300 volts, ele afirma gravemente à vítima, “senhor Wallace, seu silêncio tem que ser considerado como uma resposta errada”. Depois aplica o choque. Ele se oferece medrosamente para trocar de lugar com um aluno, depois pergunta ao cientista: “Tenho que seguir estas instruções literalmente?” Fica satisfeito com a resposta de que deve segui-las. Sua maneira educada e autoritária de falar é enormemente prejudicada pela risada ofegante.

As anotações do cientista sobre o sr. Braverman durante os últimos poucos choques são:

Quase estoura agora cada vez que aplica um choque. Fica vermelho de tanto sufocar a risada.

Piscando, tentando esconder o rosto com a mão, ainda rindo. Não consegue mais controlar a risada a esta altura, não importa o que faça.

Cerrando os punhos, batendo-os na mesa.

Na entrevista após a sessão, o sr. Braverman sintetiza a experiência com fluência e inteligência impressionantes. Ele tem a impressão que a experiência talvez tenha sido planejada também para “testar os efeitos no “professor”, num papel essencialmente sádico, bem como as reações de um estudante numa situação de aprendizado autoritária e punitiva”.

Quando perguntado quão doloroso foram os últimos poucos choques aplicados no aluno, ele afirma que o mais forte dos que existem na escala não é conveniente (onde o painel diz EXTREMA-

MENTE DOLOROSO).

É quase impossível analisar a sua enorme calma durante a entrevista. Nos termos mais tranquilos ele fala sobre sua violenta tensão interna.

CIENTISTA: Em que ponto o senhor se sentiu mais tenso ou nervoso?

BRAVERMAN: Bem, quando ele começou a chorar de dor e eu percebi que estava sendo ferido. Isso piorou quando ele simplesmente se bloqueou, recusando-se a responder. E ali estava eu. Sou uma boa pessoa, eu acho, ferindo alguém e numa situação que me parecia maluca. . . E no interesse da ciência, a gente acaba indo até o fim

Quando o entrevistador fala sobre os aspectos gerais da tensão, Braverman, espontaneamente, menciona sua risada.

“Minhas reações foram horrivelmente esquisitas. Eu não sei se o senhor estava me observando, mas minhas reações eram de dar risadinhas e de tentar esconder um riso maior. Normalmente eu não sou assim. Essa foi uma reação inusitada dentro de uma situação totalmente impossível. Isso de eu ter que ferir alguém. E me sentindo totalmente sem ajuda e apanhado numa circunstância da qual não podia sair e onde não podia ajudar o aluno. Isso é que me deixou pior”.

O senhor Braverman, como todos os testados, recebeu informações dos reais propósitos e natureza da experiência. Um ano mais tarde, respondendo a um questionário, ele afirmou que aprendera algo de grande importância pessoal: “O que me atingiu foi que eu podia possuir essa capacidade de obediência e submissão a uma idéia central, isto é, o valor de uma experiência sobre a memória, mesmo depois de ficar claro que a aceitação desse valor se dava às custas da violação de outro valor, isto é, não fira alguém que esteja indefeso e não esteja ferido. Como diz minha mulher, “você pode chamar a si próprio de Eichmann”. Espero agir mais positivamente diante de qualquer futuro conflito de valores que encontrar”.

A ETIQUETA DA SUBMISSÃO

Uma interpretação teórica deste comportamento conclui que todas as pessoas abrigam instintos profundamente agressivos, continuamente pressionados para virem à tona, e essa experiência fornece uma justificativa institucional para a liberação desses impulsos. De acordo com este ponto de vista, se uma pessoa é colocada numa situação na qual tem completo poder sobre outro indivíduo, que ela pode punir tanto quanto queira, tudo o que é sádico e bestial no homem vem à tona. O impulso de aplicar choques na vítima é visto como derivado de tendências agressivas potentes, que são parte da vida motivacional do indivíduo, e a experiência — porque fornece legitimidade social — simplesmente abre a porta para a sua mani-

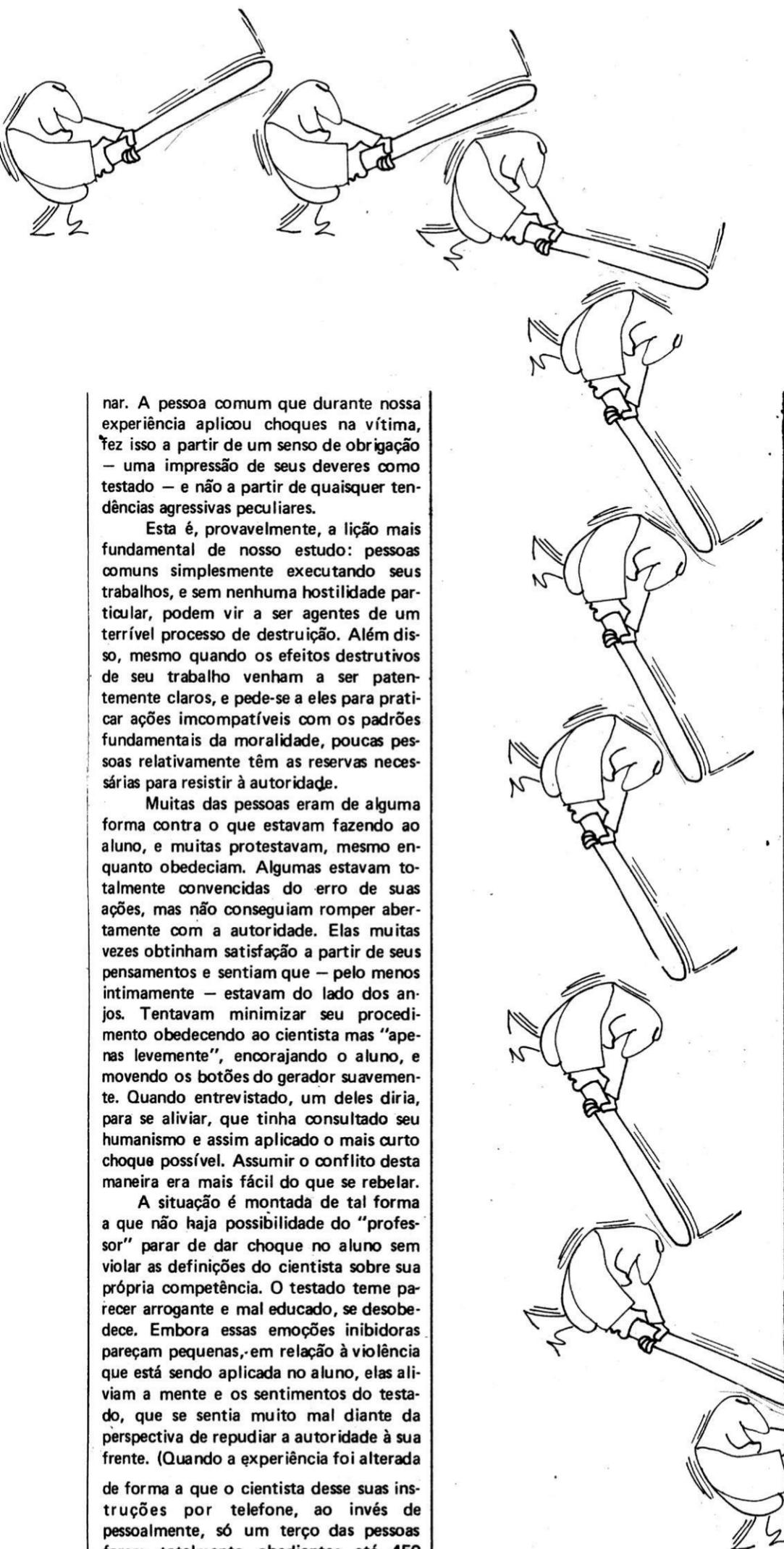
festação.

Tornou-se vital, portanto, comparar a atitude do testado quando sob ordens e quando lhe fosse permitido escolher a intensidade do choque.

O procedimento foi idêntico à nossa experiência-piloto, exceto que se disse ao “professor” que ele estava livre para selecionar qualquer intensidade de choque, em qualquer dos julgamentos. (O cientista recebeu choques para provar ao “professor” que este poderia usar a mais alta intensidade do gerador, a mais baixa, as médias, ou qualquer combinação de intensidade). Cada testado procedeu a trinta julgamentos críticos. Os protestos do “aluno” foram coordenados a intensidades de choques padronizadas, o primeiro gemido vindo aos 75 volts, o primeiro protesto veemente a 150 volts.

A média de choque usada durante os trinta julgamentos críticos, foi menor do que 60 volts — mais baixa do que o ponto no qual a vítima mostrou os primeiros sinais de mal-estar. Três dos 40 testados não foram além da mais baixa intensidade do painel, 28 não passaram dos 75 volts e 38 não ultrapassaram os 150 volts após o primeiro grito de protesto. Dois, porém, forneceram a exceção, aplicando acima dos 325 e 400 volts, mas o resultado médio foi que a grande maioria de pessoas aplicou choques muito baixos, geralmente indolores, quando a opção era explicitamente para aumentá-los.

Esta circunstância da experiência enfraquece outra explicação comumente aceita sobre o comportamento do testado — de que aqueles que aplicam choques na vítima em intensidades mais altas, vêm somente da parcela sádica da sociedade. Se se considerar que quase dois terços dos participantes caem na categoria de “obedientes”, e que eles representavam pessoas comuns, isto é, operários, executivos, e profissionais liberais, o argumento torna-se muito frágil. Na verdade, isso lembra muito um ponto levantado por Hannah Arendt, em seu livro “Eichmann em Jerusalém”, de 1963. Arendt argumentava que os esforços da acusação para classificar Eichmann como um monstro sádico, estavam errados na essência, e que ele seria mais um burocrata sem inspiração que simplesmente sentava em sua cadeira e fazia o seu trabalho. Por expressar essa opinião, Arendt transformou-se em alvo de considerável escárnio, mesmo de calúnias. De alguma forma, sentiu-se que a obra monstruosa praticada por Eichmann requeria uma personalidade distorcida, brutal, a encarnação do mal. Após testemunhar centenas de pessoas comuns sendo submetidas à autoridade em nossas próprias experiências, devo concluir que a concepção de Arendt sobre a trivialidade do mal chega mais próxima da verdade do que se possa ousar imagi-



nar. A pessoa comum que durante nossa experiência aplicou choques na vítima, fez isso a partir de um senso de obrigação — uma impressão de seus deveres como testado — e não a partir de quaisquer tendências agressivas peculiares.

Esta é, provavelmente, a lição mais fundamental de nosso estudo: pessoas comuns simplesmente executando seus trabalhos, e sem nenhuma hostilidade particular, podem vir a ser agentes de um terrível processo de destruição. Além disso, mesmo quando os efeitos destrutivos de seu trabalho venham a ser patentemente claros, e pede-se a eles para praticar ações incompatíveis com os padrões fundamentais da moralidade, poucas pessoas relativamente têm as reservas necessárias para resistir à autoridade.

Muitas das pessoas eram de alguma forma contra o que estavam fazendo ao aluno, e muitas protestavam, mesmo enquanto obedeciam. Algumas estavam totalmente convencidas do erro de suas ações, mas não conseguiam romper abertamente com a autoridade. Elas muitas vezes obtinham satisfação a partir de seus pensamentos e sentiam que — pelo menos intimamente — estavam do lado dos anjos. Tentavam minimizar seu procedimento obedecendo ao cientista mas “apenas levemente”, encorajando o aluno, e movendo os botões do gerador suavemente. Quando entrevistado, um deles diria, para se aliviar, que tinha consultado seu humanismo e assim aplicado o mais curto choque possível. Assumir o conflito desta maneira era mais fácil do que se rebelar.

A situação é montada de tal forma a que não haja possibilidade do “professor” parar de dar choque no aluno sem violar as definições do cientista sobre sua própria competência. O testado teme parecer arrogante e mal educado, se desobedece. Embora essas emoções inibidoras pareçam pequenas, em relação à violência que está sendo aplicada no aluno, elas aliviam a mente e os sentimentos do testado, que se sentia muito mal diante da perspectiva de repudiar a autoridade à sua frente. (Quando a experiência foi alterada de forma a que o cientista desse suas instruções por telefone, ao invés de pessoalmente, só um terço das pessoas foram totalmente obedientes até 450 volts.

DEVE SER CONFLITO

Os testados sentem satisfação em infligir dor, mas eles geralmente gostam da sensação de estarem agradando o cientista sob circunstâncias difíceis. Enquanto aplicavam apenas choques leves, por sua

própria iniciativa, uma variação experimental mostrou que, sob ordens, 30 por cento deles estavam querendo soltar 450 volts mesmo quando tinham que forçar energicamente a mão do aluno sob o eletrodo.

Bruno Batta é um operário de 37 anos de idade que tomou parte na variação que incluía o uso da força. Nasceu em New Heaven, seus pais na Itália. Ele tem uma expressão rude que pressupõe uma quase total ausência de agilidade. Tem alguma dificuldade em dominar o procedimento experimental e precisa ser corrigido pelo cientista várias vezes seguidas. Mostra-se agradecido pela ajuda, e também mostra disposição para fazer o que lhe é pedido. Após o choque, de 150 volts, Batta tem que forçar a mão do aluno na placa de choque, já que o aluno se recusa a fazer isso de livre e espontânea vontade.

Quando o aluno emite sua primeira queixa, Batta não lhe dá atenção. Seu rosto se mantém impassível, como para dissociar-se do comportamento errado do aluno. Quando o cientista o instrui para forçar a mão do aluno para baixo, ele assume uma atitude rígida, mecânica. Ele testa o botão do gerador. Quando o botão falha, ele imediatamente força a mão do aluno na placa de choque. O aluno pede-lhe que pare com aquilo, mas com uma impassividade de robô ele continua.

O que é extraordinário é sua aparente indiferença em relação ao aluno; ele não toma consciência do aluno como ser humano. Enquanto isso, se relaciona com o cientista de forma cortês e submissa.

Aos 330 volts, o aluno não só se recusa a tocar na chapa elétrica, como também a responder qualquer coisa. Irritado, Batta volta-se para ele: “É melhor você responder e acabar logo com isso. Não podemos ficar aqui a noite inteira”. Essas são as únicas palavras que ele dirige ao aluno no espaço de uma hora. E não falará mais nada com ele. A cena é brutal e deprimente, sua face dura, impassível, mostrando total indiferença, enquanto domina os gritos do aluno e aplica-lhe choques. Ele não parece sentir nenhum prazer no ato em si, apenas uma surda satisfação de estar executando seu trabalho a contento.

Quando aplica o choque de 450 volts, volta-se para o cientista: “E depois disso, Professor”? Seu tom é respeitoso e expressa sua vontade de ser uma cobaia que coopera, em contraste com a obstinação do aluno.

Ao final da sessão, ele diz ao cientista como se sentiu honrado por tê-lo auxiliado. E num momento de arrependimento: “Sinto muito, professor, que

não tenha saído tudo perfeito”.

Ele fez o melhor possível. E honestamente. Foi apenas o comportamento deficiente do aluno que não permitiu que a experiência fosse perfeita.

A essência da obediência é que uma pessoa veja a si própria como um instrumento para defender a vontade de outra pessoa. Assim ele não é mais responsável pelos próprios atos. Uma vez que essa substituição de opinião crítica ocorre, todos os outros mecanismos da obediência se desenvolvem. A consequência mais profunda: a pessoa sente responsabilidade em relação à autoridade que a dirige, mas não sente responsabilidade para com o conteúdo das ações ordenadas pela autoridade. A moralidade não desaparece — ela adquire um enfoque radicalmente diferente: a pessoa subordinada sente vergonha ou orgulho dependendo se desempenhou bem ou mal as ações ordenadas pela autoridade.

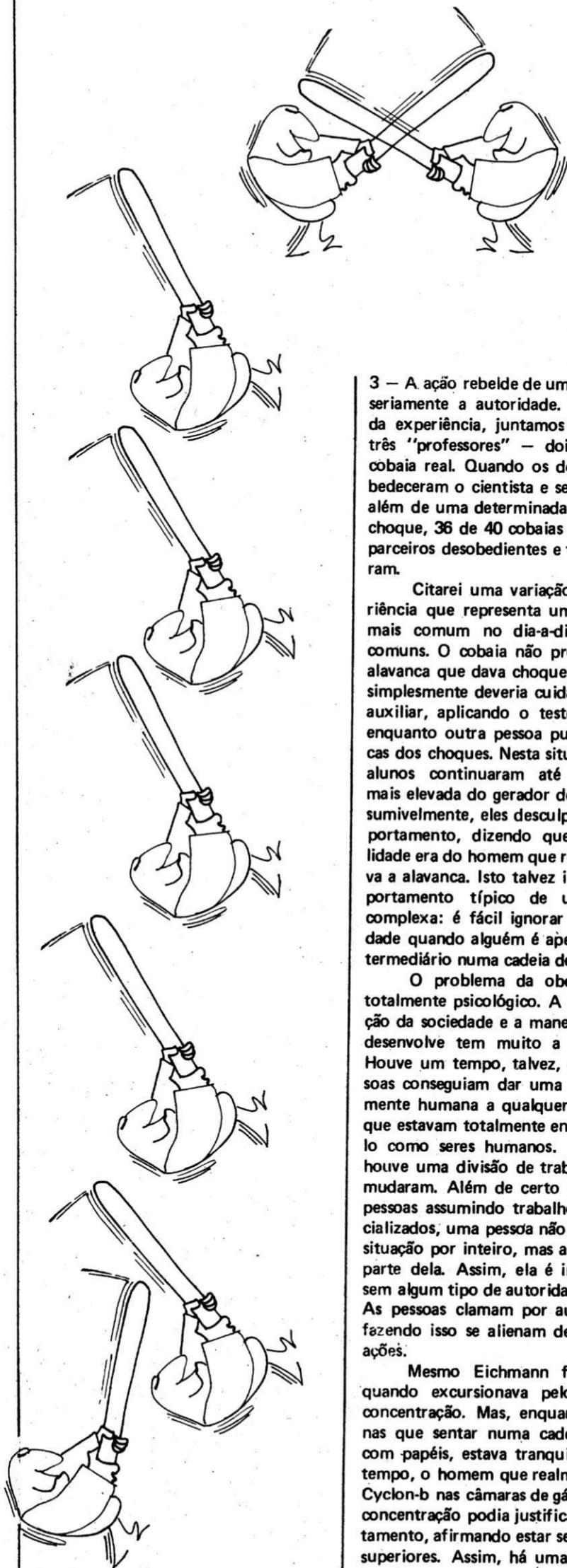
A linguagem fornece numerosos termos para precisar este tipo de moralidade: *lealdade, dever, disciplina*, todos são termos saturados de significado moral. Eles se referem à correção com a qual uma pessoa cumpre suas obrigações para com a autoridade. A mais frequente defesa, usada por um indivíduo que tenha praticado um ato extremamente mau sob o comando de uma autoridade, é a de que ele simplesmente cumpriu com o seu dever. Usando essa defesa, o indivíduo não está levantando um alibi preparado para aquele episódio, mas sim relatando honestamente a atitude psicológica induzida pela submissão à autoridade.

Para uma pessoa se sentir responsável por seus atos, ela deve ter consciência de que a atitude veio do seu “íntimo”. Na situação que estudamos, as cobaias tinham exatamente a visão oposta de suas ações. Isto é: eles viam suas ações como originadas nas razões de outra pessoa. Durante a experiência, os testados cobaias diziam frequentemente, “Se fosse por mim, eu não aplicaria choques nenhum no aluno”.

Chegamos a algumas outras conclusões:

1 — A presença física do cientista tem relação decisiva com sua autoridade. A obediência caía sensivelmente quando as ordens vinham por telefone. Mas o cientista quase sempre convencia uma cobaia desobediente, assim que voltava ao laboratório.

2 — O conflito de autoridade compromete seriamente a ação. Quando dois cientistas de status igual, ambos sentados na mesa de comando, dão ordens contraditórias, nenhum choque é aplicado. ▶



3 — A ação rebelde de um cobaia debilita seriamente a autoridade. Numa variação da experiência, juntamos para os testes três "professores" — dois atores e um cobaia real. Quando os dois atores desobedeceram o cientista e se recusaram a ir além de uma determinada intensidade de choque, 36 de 40 cobaias juntaram-se aos parceiros desobedientes e também recusaram.

Citarei uma variação final da experiência que representa um dilema que é mais comum no dia-a-dia dos homens comuns. O cobaia não precisava puxar a alavanca que dava choques no aluno. Ele simplesmente deveria cuidar de uma mesa auxiliar, aplicando o teste das palavras, enquanto outra pessoa puxava as alavancas dos choques. Nesta situação, 37 de 40 alunos continuaram até a intensidade mais elevada do gerador de choques. Presumivelmente, eles desculpavam seu comportamento, dizendo que a responsabilidade era do homem que realmente puxava a alavanca. Isto talvez ilustre um comportamento típico de uma sociedade complexa: é fácil ignorar a responsabilidade quando alguém é apenas um elo intermediário numa cadeia de ações.

O problema da obediência não é totalmente psicológico. A forma e formação da sociedade e a maneira como ela se desenvolve tem muito a ver com isso. Houve um tempo, talvez, em que as pessoas conseguiam dar uma resposta totalmente humana a qualquer situação, porque estavam totalmente envolvidas naquilo como seres humanos. Mas assim que houve uma divisão de trabalho, as coisas mudaram. Além de certo ponto, com as pessoas assumindo trabalhos muito especializados, uma pessoa não consegue ver a situação por inteiro, mas apenas pequena parte dela. Assim, ela é incapaz de agir sem algum tipo de autoridade, de direção. As pessoas clamam por autoridade, mas fazendo isso se alienam de suas próprias ações.

Mesmo Eichmann ficava enojado quando excursionava pelos campos de concentração. Mas, enquanto tinha apenas que sentar numa cadeira e remexer com papéis, estava tranquilo. Ao mesmo tempo, o homem que realmente soltava o Cyclon-b nas câmaras de gás do campo de concentração podia justificar seu comportamento, afirmando estar seguindo ordens superiores. Assim, há uma fragmentação do ato humano total: ninguém é confrontado com as consequências de sua própria decisão de executar um ato mau. Talvez esta seja a característica mais comum do mal socialmente organizado na sociedade moderna. ■

O PSIQUIATRA ANGELO GAIARSA TEM UMA TEORIA PARA EXPLICAR A MEDIOCRIDADE

Todas as doutrinas psicológicas derivadas de Freud dão ênfase ao impulso, ao desejo, ao instinto. São poucos os autores capazes de perceber que as chamadas resistências ou defesas psicológicas são inteligentes. São poucos, também, os terapeutas cômicos de que o processo curativo consistem em aprender a perceber e a refletir com clareza e amplitude.

Vamos estudar aqui os modos pelos quais as pessoas são feitas mediócras pelo processo de socialização.

Começemos com exemplos.

Certa vez, depois de muitas horas de convívio e análise, eu disse para uma pessoa: em você existe um gênio que vive continuamente explicando todas as ações e as omissões de uma débil mental. Tratava-se de uma jovem e bela mulher, com título universitário, que sofria de uma incapacidade total de organizar coisas práticas, teóricas, manuais, corporais, sentimentais...

De outra parte, era quase satânica sua capacidade de explicar as poucas tolices que fazia e as muitas coisas importantes que não fazia.

Seu Q.I. já havia sido medido: 150.

Mas vê-la, falar e interagir com ela causava uma definida e acentuada impressão de debilidade mental.

Depois, alguma coisa importante aconteceu em sua vida. Um homem começou a interessá-la. E deste momento em diante, ela começou a realizar ações muito inusitadas para conquistá-lo. Muito inusitadas mas eficazes. A serviço desta ligação significativa, seu Q.I. começou a render...

O exame das condições de sua formação, na infância, sugeriam com força que havia sido melhor para ela mostrar-se e comportar-se como uma boba. Caso contrário, as dificuldades teriam sido muitas e talvez intransponíveis.

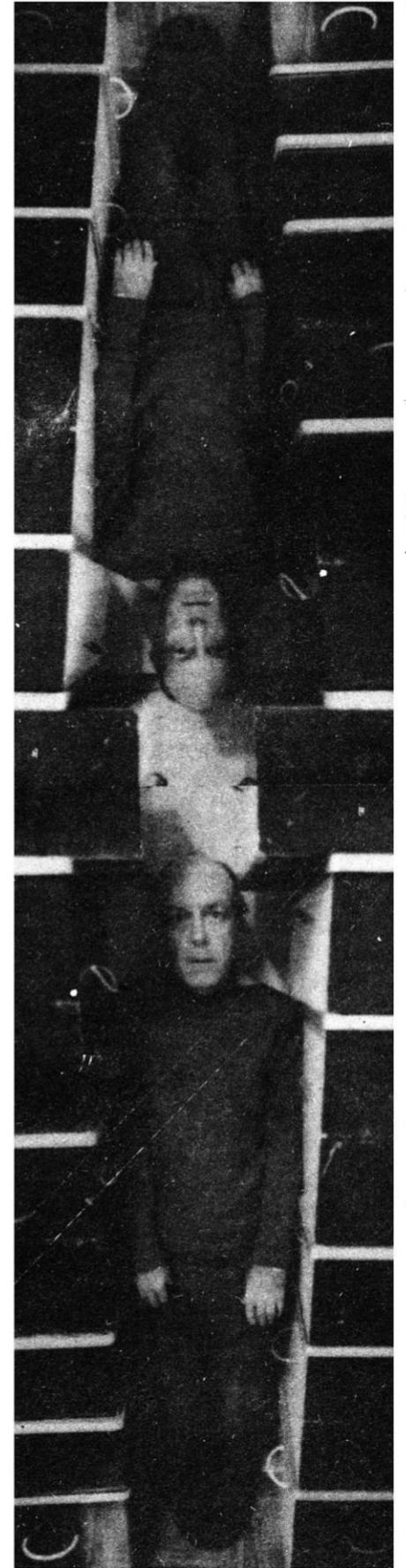
Em outra ocasião, disse para outra pessoa: "vejo sua cabeça como um formigueiro, porém sem formigas. O curso do seu pensamento é totalmente irregular e imprevisível."

Neste caso, também era fácil distinguir na pessoa dois aspectos:

De um lado, uma jovem sensível e inteligente que vivia de há muito a vida que lhe parecia melhor, bem diferente dos padrões estabelecidos. De outro, um repositório inexaurível de frases feitas que eram repetidas interminavelmente: "porque eu preciso de uma ligação estável, porque ninguém pode viver sozinho, porque como vai ser quando eu ficar velha, porque o que dirão os outros, porque mamãe fica preocupada..." Esta moça percebia muito bem o que lhe importava. Na ocasião da minha frase, ela estava se desencantando de um certo rapaz em torno do qual havia girado bastante, às vezes mais perto, às vezes mais longe. No fim de semana anterior, ela e vários amigos, inclusive o rapaz com outra namorada, haviam acampado juntos numa praia. Minha paciente não teve ciúmes mas achou muito ruim o comportamento furtivo, exclusivista e hipócrita do rapaz.

Ela e ele trabalhavam no mesmo setor, e com frequência ele a procurava no horário de expediente para se verem e conversarem um pouco. No dia da frase sobre o formigueiro, ela havia começado com aquele sermão insuportável da velha mamãe alienada. Depois de poucos minutos, eu a proibi de falar generalidades e perguntei se ela tinha algum fato concreto a comentar. Após um curto silêncio, ela disse: aquele rapaz — sabe — veio me ver hoje no trabalho. Ele estava com a gravata que eu tinha dado de presente para ele!

Havia vitória e desprezo no seu tom de voz e



eu aponte o fato. Solicitei a ela que exprimisse as coisas em palavras e não com a cara nem com o tom de voz. Então ela se pôs séria e começou: hoje ele chegou na minha sala, perguntou como eu estava, o que eu tinha achado do acampamento, como eu me sentia diante dele, eu disse que estava pouco interessada, conversamos um pouco mais, depois ele disse que ia embora, levantou-se e, nesta hora, eu reparei que ele estava com uma gravata que eu tinha dado de presente para ele.

Aí foi a minha vez de falar com a cara e o tom de voz.

Perguntei: — só depois de todo este tempo é que você reparou na gravata?

— Só. Eu não costumo prestar atenção nestas coisas. Por que é que o sr. está tão espantado?

— Porque foi a primeira e a única coisa que você disse sobre o fato, quando eu perguntei.

— Ora...

— Assim acontece sempre com você. Você percebe muito bem os fatos que te importam, mas ao relatá-los para outrem, você começa do ponto que mais te convém no momento e, se a pessoa não diz nada, o relato fica por isso mesmo. Para cada pessoa, você conta um pedaço

REPRESSÃO ? USE BURRICE.

diferente da história conforme você queira exibir-se, provar que tinha razão, testar a resposta do outro, provar que foi vítima . . .

— Mas eu acho que todo mundo é assim . . .
— Eu também acho. Mas você é assim muito nitidamente. Pior do que isso: como você faz uma porção de coisas fora dos bons costumes consagrados, você está sempre com peso na consciência. Entendo que você recorte os fatos a seu modo, quando você fala com a, b, ou c — e quer se proteger de todos. Mas depois que você desmontou o fato em 10 pedaços, um para cada pessoa, você perde totalmente a noção do conjunto. Você é muito inteligente mas usa a sua inteligência para viver perplexa, confusa e sem saber o que decidir.

Estes dois casos ilustrativos poderiam facilmente ser multiplicados.

Ao argumento casuístico, acrescentemos o argumento estatístico.

Todo psicanalista fala (nos livros) e se comporta (segundo a técnica), como se o neurótico fosse extremamente perigoso, cheio de ardis e de astúcia, sempre pronto a enredá-lo, a fazê-lo perder o rumo ou o controle.

De outra parte, o neurótico clássico que aparecia nos livros de poucos decênios atrás, com frequência se apresentava como uma pessoa de recursos intelectuais limitados. Podíamos dizer em forma lapidária caricata que o neurótico conscientemente era um bobo e inconscientemente um gênio — como as minhas pacientes.

Em muitos estudos da época, o próprio Freud assinalava que os mecanismos de defesa inconscientes eram hábeis, astutos, precisos e tenazes.

No extremo oposto, encontramos a partir de Jung, todas as Escolas espiritualistas e exotéricas tanto orientais quanto ocidentais, todas elas declarando que de fontes interiores desconhecidas do Homem, pode surgir e surge muitas vezes um conhecimento e uma inteligência profunda das coisas.

Homens que tivessem o livre exercício da maior e da melhor parte de sua inteligência, aceitariam os condicionamentos sociais que sofreram?

Do ponto de vista da estrutura social autoritária e eterna, a primeira coisa a fazer não é a castração mas o emburrecimento. É essencial que no lar e na Escola, através dos assim chamados processos socializantes, se consiga da criança um total embotamento da inteligência, no duplo sentido de destruir-lhe a lógica e o interesse intelectual.

Isto se consegue "ensinando-lhe" coisas que não a interessam de jeito nenhum, "explicando-lhe" proposições gritantemente falsas, destituídas de qualquer fundamentação afora a autoridade de quem diz (pai, mãe, parentes) ou do lugar e do nome onde são ditas (escola, Igreja, Congresso Nacional, etc.).

Depois de ouvir durante anos coisas sem pé nem cabeça, pouco e nada ligados à sua experiência imediata, a criança aprende — certamente por medo — a brincar de faz de conta. Faz-de conta que mamãe tem razão, faz de conta que papai sabe tudo, faz-de conta que a Escola é importante, faz de conta que as Leis do Congresso visam nosso bem, faz de conta que todos são honestos, faz de conta que os bons e os trabalhadores irão para o céu, faz de conta que os melhores lugares serão para os mais obedientes ou os mais conformados, que cada um recebe o que merece, que somos todos culpados pelas nossas más ações e todos merecemos louvores e recompensas pelas nossas virtudes.

Aí se completa a Lenda do Aprendiz de Feiticeiro. Depois que aprendi a mágica do faz de conta, quando tenho um pensamento meu digo que é bobagem ou que é loucura. Deste momento em diante, serei um bom tijolo na parede da prisão social e perderei para sempre a possibilidade de encontrar minha verdade.

Aviso muito importante aos que navegam hoje. Não estou falando só de uma coisa que era. Falo de uma coisa que continua sendo. O principal da minha história não é o fato dela ter começado há 40 anos atrás, com todas aquelas pobres crianças, filhas daqueles pobres pais quadrados que eram os nossos.

O método de emburrecimento sistemático começa no Lar, continua na Escola e na T.V. mas não para aí. Sua principal característica não está na infância, mas no coletivo. Em qualquer grupo que tenha a sua linguagem própria, quem aprende a linguagem, aprende o faz de conta da patota. Tanto faz que a linguagem seja Op, Pop, Bip, Trac, Cac ou Mec.

Importante ao faz de conta é que ele é brinqueado de grupo. Quando qualquer grupo começa inteiro a brincar de faz de conta, não tem mais grupo, não tem mais gente. Só tem coletividade. Multidão de ninguéns. Opinião pública.

Depois dos estudos de Korzibsky sobre Semântica, surgiu nos E.E.U.U. terapia do mesmo nome que, *consiste em ensinar as pessoas a falar com clareza e precisão*, verificando a cada passo a conexão de cada palavra com a coisa correspondente; recordando a cada passo, que coisas com o mesmo nome nem porisso são a mesma coisa. Casas, por exemplo. A palavra é uma só e as casas correspondentes são inúmeras. Aprender a pensar — é isso. Na terapia segundo C.G. Jung, reconhecia-se explicitamente que estavam em presença duas personalidades basicamente semelhantes, diversificadas pela história particular de cada um. Esta história é a soma e a sequência dos fatos que me fizeram exatamente como eu sou. Aquilo que a minha história não explica é minha individualidade — precisamente minha forma específica de responder às circunstâncias que me formaram. Isto é, a lógica da minha vida é a inteligência das minhas respostas reais e concretas a todas as perguntas que a vida, o mundo e os outros me fizeram.

É preciso não esquecer que "tomar consciência" é um ato essencialmente intelectual — por definição. É uma forma de conhecer — ou são muitas formas de conhecer — desde que existem muitas formas de consciência, de ser consciente e de tomar consciência.

O Psicanalista não parece se dar conta de que o seu famoso, criativo e curativo "insight" é, com certeza, a mais pura e límpida ação intelectual do Universo.

Claro que estou falando de uma inteligência viva que se desenvolve, que integra e reintegra os dados da percepção que, ao mesmo tempo, constrói grandes sistemas explicativos do mundo e grandes sistemas explicativos de si mesma. Falo de uma inteligência que acompanha os fatos, que é dócil em se reformular e que vive, prazenteira, destruindo uma verdade para construir outra.

Esta compreensão, como querem todas as Filosofias práticas do Oriente, só pode provir do desenvolvimento lento de uma profunda capacidade de concentração — outra palavra tão confusa quanto "tomar consciência" e "emocional".

Tenho para mim que concentrar-se significa compreender cada vez mais fundamentalmente, organizar fatos cada vez mais numerosos em classes cada vez mais diversas, passíveis de ar-

ranjos e rearranjos em conjuntos cada vez mais complicados. Tudo isto são definições da inteligência como uma função viva.

Tenho para mim, ainda e enfim, que a inteligência verdadeiramente viva acaba destruindo sua fé ingênua de organizar toda a experiência em um só sistema.

Esta é sua etapa infantil, precisamente; destruída esta fé no sistema único, e-la que descobre — e agora já é madura — que sua função específica é criar e destruir sistemas, que sua realização última é criar, para cada momento, para cada situação e para cada sequência cronológica significativa, a forma que reúne os elementos dispersos, ou que faz de uma sequência aleatória, uma melodia musical.

É fácil perceber que a Inteligência se fixa em sistemas, assim como os instintos. No dicionário psicanalítico, os neuróticos se fixam em personalidades ou se imobilizam em alguma etapa do desenvolvimento, transformando-se em esquemas repetitivos de comportamento, em esquemas repetitivos de anseios e temores.

Na verdade, entre a música clara mas inexprimível dos afetos e dos instintos, e a escrita musical enigmática da Inteligência, existem correspondências profundas e equívocas.

Estar fixado a um sistema e acreditar que ele seja a verdade, a única verdade ou a verdade principal, é tão pueril como esperar que todas as mulheres se comportem como minha mãe e todos os homens como meu pai.

Dentro do sistema estruturalista, as duas coisas são idênticas, compõem uma só estrutura instintivo — intelectual.

Todo homem que tem fé ou julga racionalmente demonstrável um sistema como esquema de explicação do Universo, é . . . Edipiano! O sistema é seu pai e é desta fonte que ele obtém alguma espécie de segurança e proteção.

UM EXEMPLO

Exemplo flagrante do predomínio absurdo do pensamento coletivo sobre a percepção individual, tê-mo-lo naquilo que se refere ao medo de morrer. Toda pessoa dada a alguma espécie de aventura, desde conquistas amorosas até pilotagem de avião, carro de corrida ou motocicleta, é insistentemente admoestada pelos seus inimigos familiares. "Olha que você morre! Olha o desastre! Olha o tiro do marido ciumentoso!"

Ninguém para para pensar naquilo que é do seu conhecimento e que muitas vezes foi de sua percepção — na pessoa de parentes ou amigos: a chamada morte natural é sempre mais cruel do que a mais cruel quadrilha de contrabandistas, ou do que qualquer Polícia Secreta do mundo. Todas as mortes naturais são lentas, cheias de dores, cheias de emoções penosas, tanto para a pessoa quando para os próximos, todas lentamente mutilantes e incapacitantes. Não se trata de uma razão genérica. A arteriosclerose mata devagarinho, pouco a pouco ao longo de 20 anos ou mais, mutilando perceptivelmente um pouco mais cada mês que passa. O câncer não precisa de poeta para lhe cantar os horrores — ou a lentidão. As moléstias pulmonares crônicas são uma coisa espantosa de se ver — e de se ouvir. Os derrames cerebrais fabricam em série vegetais e idiotas. O enfarto do miocárdio por vezes é clemente — quando mata na primeira vez — antes de a pessoa saber que estava ameaçada.

Quando a pessoa sabe antes ou vai tendo enfartes sucessivos, é difícil imaginar agonia pior.

Estas são as principais mortes naturais . . .

Pior do que tudo isto e causa complementar de todo este horror, é o medo crônico em que as pessoas estão, submersas: medo da miséria, medo do vagabundo, medo de que o marido vá embora, medo de que o amor acabe, medo de que o cachorrinho seja roubado, medo de que o outro empresário também compre uma Mercedes . . .

A alegria de viver é muito definitivamente propaganda de filme americano.

Depois nos surpreende mais a inteligência dos chineses — os antigos — que acompanhavam os mortos com cânticos festivos, bandeirinhas, fogos de artifício . . .

CONCLUSÃO

Seguindo fielmente os termos consagrados na Jurisprudência Eterna: se é evidente, como evidente parece, tudo quanto foi dito, declarado, explicado e estabelecido, então é bom que os psicoterapeutas do mundo comecem a estudar um pouco de Lógica — eles também.

E como convém aos tempos que correm, será necessário, recomendável e benéfico que eles sejam informados a respeito das muitas espécies de lógica e de coerência legitimamente aceitas e reconhecidas.

Será de extrema importância que os terapeutas comecem a falar menos em repressões dos instintos e frustrações dos desejos, e comecem a falar um pouco mais da burrice de todos, que não é fruto de uma natureza ingrata mas de uma sociedade estúpida.

Que os ditos psicoterapeutas percam sua pureza virginal que de há muito e a todo preço defendem, quando pretendem, insistem e repetem que o psicoterapeuta não ensina nada para ninguém, que Psicoterapia não é um aprendizado, que o divã não é uma Escola, que a sala de grupo não é uma sala de aula.

Melhor ainda seria — mas agora já é esperar demais — que os terapeutas não formassem eles mesmos coletividades de indivíduos eruditos, sábios e conhecedores das coisas humanas, que vivem repetindo entre si, uns para os outros, sempre as mesmas verdades sedicidas e a sabença já mofada do grande mestre que falou assim e assim. Porque, de acordo com um tipo de coerência que, por sinal, é velha mas é muito boa, só podemos ensinar o que sabemos — consciente ou inconscientemente! Se sou psicoterapeuta, se ensino com todo o cuidado as verdades da minha fé para todos os meus clientes, dizendo primeiro que não estou ensinando e, depois, que não tenho fé nenhuma, então estarei sendo de todo idêntico ao querido papai-zinho, à não menos querida professora e aos queridíssimos Princípios Fundamentais da Tradição que nos gerou!

Seria muito bom enfim se as Escolas deixassem de ser Escolas e se os Lares deixassem de ser Lares, para que a gente começasse a conversar uns com os outros, para que a gente começasse a dizer o que vem na cabeça e ouvir aquilo que vem da cabeça do outro, para a gente começar a descobrir novos pensamentos e a ver o pensamento do outro — que é bem diferente do meu — mas nem porisso eu preciso enganar ele.

Em suma e transformando todo o longo e clássico arrazoado numa verdadeira comezinha e prática, aconselhamos assim: que quando estiverem juntos, falem todos sozinhos — em voz alta, porém.

Será muito interessante.

Não parece. Mas será a maior de todas as Revoluções.

BAIXA SOCIEDADE

"Preso só faz falta na hora da contagem" (provérbio de presidiário)

Percival de Souza



HOTEL DO GUEDES

O hotel do *seu* Guedes, ali na avenida Cruzeiro do Sul, está com uma freguesia que não é fácil; sempre acima de 5.000 hóspedes. Já pensou?

Seu Guedes, o gerente do hotel, puxou o carro em maio, porque está a fim de pegar a sua cadeira na Assembléia (Legislativa, esclareça-se) em novembro. No seu lugar ficou o meu considerado Felipe, o filho do Borges — aquele reverendo jóia e famoso.

Fui lá visitar o meu amigo *Galinha*, a quem tinha prometido uma visita na coluna anterior, e lá ficamos uns tempos — a massa de considerados tá grande — *Ali Babá*, *Beizola*, e tantos outros — seria quilométrico enumerá-los.

PRETO X BRANCO

Fiquei emocionado lá no pavilhão 8, o dos *residentes* (reincidente é a palavra que se usa aqui fora...). Não é que juntaram os melhores jogadores de futebol e fizeram um jogo — seleção de brancos x seleção de pretos — em minha homenagem?

É isso aí, banda tocando "Prá Frente Brasil", eu dando ponta-pé inicial e outros bichos. O jogo ficou no 1 a 1 — foi um dos melhores que assisti nos últimos tempos — e o caneco ficou para a próxima oportunidade, apesar de alguém propor partí-lo no meio... A torcida era demais... apostava na moeda corrente do hotel: *crivos*. O time branco: Fininho, Bimba, Carlão, Júnior e Tadeu; Alemãozinho e Bibite; Necão, Atamir, Ismael e Avião. Os pretos: Toninho, Candário, Turcão, Salo e Odair; Clóvis e Paulo; Elias, Chumbinho, Nissinho e Bicão. É isso aí, né *Beizola*?

METAMORFOSE

Estava no pavilhão 5, batendo aquele papo com meu considerado Bolão, quando soube da fria em que entrou um toma-conta de presídio, que estava a fim de entrar no hotel com aquela violenta carga de canabis sativa. O moço, que era de arrear o pau, estava no outro dia de calça azul, obrigatória para os hóspedes, tendo à sua espera aquele comitê de recepção. Só faltavam as flores e a banda... "É esse, é esse"... já viu, né? O moço teve de dar umas pancadas para impor respeito, mas está no *seguro* (de vida, claro), porque gente para amassar sua lataria, quebrar-lhe os faróis ou puxar-lhe o prontuário é o que não falta... Que treta, hein? O *seguro* é garantido com um isolamento no pavilhão 5.

BUXIXOS

Teve um gepê querendo me pagar um *sapo*, fazendo uns buxixos pra cima do sucessor do *seu* Guedes, porque eu tinha conseguido fazer uns es-craches nos *potes* (celas-fortes). Mas o gepê acabou engolindo o sapo: primeiro, porque eu não durmo de touca e o filho do Borges é meu considerado paca. Ele está muito a fim de melhorar a situação do hotel. Segundo, ele está escolado o suficiente para não entrar em crocodilagem e eu para não entrar em mandíbula. O *pote* é broca: é um castigo no qual o puxador de corda tem de ficar no maior escuro, numa caixa de fósforos que deixa úmido um eventual maço de crivos que se possa conseguir. Não é fácil puxar o *pote*, restabelecido graças ao devido aval dos *capas-pretas*, com o rótulo de "mal necessário". Bons *potes* pra você, gepê.

Recado aos *capas-pretas*: putz, vocês pensariam duas vezes antes de canetar seus temíveis autógrafos se, em vez de ficarem somente atrás de suas mesas de jacarandá, em salas com vitros com desenhos de Têmis e frases latinas — "dura lex..." — dessem um pulinho aqui no hotel para ver como são as coisas...

Volto a clamar no deserto (não faz mal, eu sei viver só de gafanhotos): oh, Têmis, onde estás? Hein?

SAMBÃO

Fui assistir à festa dos 43 anos do *Mané Caixa*, nosso considerado, chefe de disciplina do 8. O *Ali Babá* era o anfitrião, fazendo discurso, entregando uma bengala torta pro *Mané*, que ficou meio sem graça. Presentes, Giraldo e *seu* Osvaldo, chefes do pavilhão 2; *Carabina*, chefe do pavilhão 9 e muita gente boa.

Ali Babá aproveitou o embalo para arrear um 171 (estélio) pra cima de mim. Seguinte: a moçada do pavilhão 8 tem uma escolinha de samba. Eles dão o recado muito bem, mas se possuísem uns instrumentos melhores, o samba sairia mais quente. Daí o pedido que faço através da coluna às escolas de samba: quem tiver uns instrumentos meio usados, e ior trocá-los por outros, pode fazer aquele presente. Dar os velhos pros meus considerados do 8. Quem estiver a fim, pode me dar um toque pelo macaco 256-3133, ramal 360. Ou se achar mais fácil, transar com o *Menininho*, o relações públicas do hotel da Cruzeiro do Sul. Eu tenho certeza que alguém fará uma força. A minha palavra ficou meio empenhada no "8", e eu tô a fim de continuar sendo um cara de fé. Muita fé!

DATA VÊNIA: ARGH!

Estou na marcação de 3 advogados porta-de-cadeia, que estão todo santo dia assistindo às chegadas do *bondão* — aquele sinistro caminhão improvisado em ônibus, que todo dia vem soltar a sua nova carga humana na Detenção. Três datas vênias-da pesada ficam ali de butuca, plantonando, para oferecer seus préstimos (préstimos?). As feras de anel no anular tomam tudo dos infelizes e suas famílias — não perdoam *bobos*, *faz frio*, *máquina de fazer doido*, néca. Uma causídica pesopitado chegou ao cúmulo de apoderar-se do bem maior da mãe de um cara que se tornou hóspede do Guedes: retirou a bomba do poço de água da casa da mulher. É o fim ou não é? Argh!

Por sinal, tem muito açougueiro ou outro profissional que entende mais de Direito, puxando galera, do que nego com diploma pendurado na sala por aí. Um deles, o *Paraguaio*, que era o bom da assistência judiciária do pavilhão 9, levantou acampamento um dia desses.

MENSAGEM

Considerados do maior hotel da América Latina: quando estive aí, fui recebido com uma atenção fora do comum. Muito obrigado a todos pela atenção dispensada. E um alô geral atendi a todos os pedidos daqueles que, num chega pra cá, me deram uma alugadinha de leve. Inclusive quando era caso de falar com os *capas-pretas*.

CRIULO DOIDO

Meu considerado Guido Dias veio me assoprar uma *lança* litorânea sobre o novo majorengo que está por cima do departamento de caça aos *vagaus* (uma pedra 90 pros homens da lei: o maior *sapo* para os que voam por aí a bordo de possantes *turbinas*).

O majorengo, com que estive pegando uma xêpa um dia desses, no *gabinete*, rodava com seu galáxico branco pela avenida Ana Costa. Ouviu uns tecos e voltou-se para ver b que era: na calçada, uma mulher já estava esticada na horizontal, perdendo aquele *rosê*. Perto daí, turbina fumegante, um crioulo. A galera circunstante berava histérica a pleno pulmão. E o crioulo, que não estava a fim de ficar sem pele, deu uma de Ademar Ferreira da Silva pra cima de um muro e foi se mocosar num quintal cheio de varais, lençóis e similares.

O majura, sempre no pé do crioulo, rasgou um lençol, para sacá-lo melhor, exato momento em que o

Falou? E, como diz o futuro deputado ex-chefe do hotelzão, "o negócio é esvaziar a cadeia: por a turma daqui para fora e os pilantras de fora para dentro".

CONTATO

No hotel, quem estiver a fim de um chega prá cá, pode dar um alô ao *Galinha* ou ao *Beizola*, dois de meus procuradores. Estaremos na Cruzeiro do Sul às terças-feiras deste mês, para as audiências com os considerados do pavilhão 2 e pavilhão 5. Aos sábados, nos pavilhões 8 e 9 (haja tempo para assistir tanto jogo de futebol, hein *Beizola*?).

DOIS CONSELHOS

1) Para a turma da pesada, que adora passear pelo artigo 157 (mão grande): essa jogada não está dando pé. Você dá uma de *vagau* e pega, nini-nimis, 5 anos e 4 meses. E se for uma de latrô? Aí o caldo engrossa e a barba cresce: o homem da capa preta te lasca pelo menos 18 aninhos. Não é batatinha ficar internado todo esse tempo...

2) Um alô para os caras que ficam azucrinando para ir do hotel da Cruzeiro do Sul para uma das colônias Bauru ou São José do Rio Preto. Quem dá o pirandelo da colônia deixa os irmãozinhos em má situação, tornando as coisas cada vez mais difíceis. A cada pinote, aumenta a cabreragem dos *capas-pretas* das Execuções Criminais. Vamos manerar, porque quem vai pra colônia já está no fim da linha. Estamos entendidos?

crioulo, dedo mole paca, tomou as providências para uma *azeitona*, daquelas bem graúdas, sair voando. Néca. A *azeitona* engasgou duas vezes e o crioulo, com cara de besta, viu-se frente a frente com seu perseguidor implacável. O majorengo tomou-lhe o berro, deu-lhe um tapa nas fuças. Olhou em volta, tal qual um lince, e vendo que não havia circunstantes, amou o maior *sapo* empalhado pra cima do crioulo (pros loques: *sapo* é cobra mandada). Primeiro chamou-o de nojento e outras palavras menos sutis. Depois indagou: "queria me matar?"

Ato contínuo, ouviu-se aquele barulho característico de azeitona ao decolar. A aterrissagem foi no joelho do crioulo que, tal qual um saci, foi levado para o nosocômio competente. Este moço é o novo caçador de *vagaus* na cidade. Isso poderá pesar um pouco a barra da moçada que adora o número 157 — aquele artigo do Código, o Penal, que toca em galera todo aquele que se apodera, na mão grande, de objetos de outrem...